



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**

THAINÃ TEIXEIRA CARDINALLI

**A TRISTE PAULICÉIA - A IMAGEM DE SÃO PAULO NA DÉCADA DE 1930, NO
DIÁLOGO ENTRE MÁRIO DE ANDRADE E CLAUDE LÉVI-STRAUSS**

CAMPINAS

2016

THAINÃ TEIXEIRA CARDINALLI

**A TRISTE PAULICÉIA - A IMAGEM DE SÃO PAULO NA DÉCADA DE 1930, NO DIÁLOGO ENTRE
MÁRIO DE ANDRADE E CLAUDE LÉVI-STRAUSS**

Dissertação apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestra em História, na Área Política, Memória e Cidade.

Supervisor/Orientador: Profa. Dra. Maria Stella Martins Bresciani

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELA ALUNA THAINÃ TEIXEIRA CARDINALLI, E ORIENTADA PELA PROFA. DRA. MARIA STELLA MARTINS BRESCIANI.



CAMPINAS

2016

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): FAPESP, 2013/02142-7

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Cecília Maria Jorge Nicolau - CRB 8/3387

C179t Cardinalli, Thainã Teixeira, 1989-
A Triste Pauliceia - a imagem de São Paulo na década de 1930, no diálogo entre Mário de Andrade e Claude Lévi-Strauss / Thainã Teixeira Cardinalli. – Campinas, SP : [s.n.], 2016.

Orientador: Maria Stella Martins Bresciani.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Andrade, Mário de, 1893-1945. 2. Lévi-Strauss, Claude, 1908-2009. 3. Literatura. 4. Antropologia. 5. São Paulo (Cidade) - História. I. Bresciani, Maria Stella Martins, 1939-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: The sad Pauliceia - the image of São Paulo in the decade of 1930, in the dialogue between Mário de Andrade and Claude Lévi-Strauss

Palavras-chave em inglês:

Literature

Anthropology

Sao Paulo (City) - History

Área de concentração: Política, Memória e Cidade

Titulação: Mestra em História

Banca examinadora:

Maria Stella Martins Bresciani [Orientador]

Josianne Francia Cerasoli

Mônica Raisa Schpun

Izabel Andrade Marson

Daniel Barbosa Andrade de Faria

Data de defesa: 19-02-2016

Programa de Pós-Graduação: História



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Dissertação de Mestrado, composta pelos Professores Doutores a seguir descritos, em sessão pública realizada em 19 de fevereiro de 2016, considerou a candidata Thainã Teixeira Cardinalli aprovada.

Prof(a) Dr(a) Maria Stella Martins Bresciani

Prof(a) Dr(a) Josianne Francia Cerasoli

Prof(a) Dr(a) Mônica Raisa Schpun

Prof(a) Dr(a) Izabel Andrade Marson

Prof(a) Dr(a) Daniel Barbosa Andrade de Faria

A Ata de Defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no processo de vida acadêmica da aluna.

Às Varandas:
Marisa, Thais e Denise

AGRADECIMENTOS

No percurso da dissertação foram tantos que me apoiaram desde as primeiras linhas do projeto, que pensaram comigo, que me ajudaram a lapidar as ideias e aventar as possíveis conclusões, que, já me desculpando, peço pelo esquecimento de alguns nomes.

Agradeço, primeiramente, a minha orientadora, Maria Stella M. Bresciani que me apresentou as delícias do trabalho do historiador, ao me introduzir nos caminhos desafiantes da história. Das conversas, das aulas e dos textos – lidos e relidos pela extrema riqueza com que desafia seus objetos -, retirei questões, reflexões e apontamentos, os quais foram essenciais para enfrentar as produções de Mário de Andrade e Claude Lévi-Strauss. Ainda reconheço a confiança de Stella nesta pesquisa e a sua dedicação para o desenvolvimento e enriquecimento do trabalho.

Às professoras Josianne F. Cerasoli e Mônica R. Schpun, meus sinceros agradecimentos pelas sugestões e críticas feitas durante o exame de qualificação, e por aceitaram concluir este processo, compondo, portanto, a banca de Defesa. À Josianne, guardo o carinho pelas leituras “provocadoras” incitadas desde o projeto e à Mônica, em especial, agradeço por me receber no seu grupo de estudos na França e pelas conversas, que muito me ajudaram a organizar as ideias, até então, iniciais sobre Claude Lévi-Strauss.

Ainda agradeço à professora Izabel Marson, que também me acompanha neste percurso acadêmico, sempre tão solícita e prestativa às minhas dúvidas e inquietações. E ao professor Daniel Faria pelo aceite em compor a banca.

Aos meus colegas de mestrado, Clécia, Carlos, Mateus, Alan, Jaqueline e Renata, e aos amigos antropólogos, Marcos Pedro, Juliana e Rafael, agradeço pelas conversas e, principalmente, pelos momentos de lazer tão importantes para recobrar as energias.

Em especial, à minha família registro o apoio incondicional sem o qual nenhuma dessas linhas poderiam ser escritas. Thais, minha mãe, sempre presente compartilhando momentos de alegrias e cansaços criativos; Roberto, meu pai, me instigando a trilhar novos caminhos e a me aventurar nos percursos acadêmicos; Denise e Marisa, minhas tias, cada uma à sua forma, me apoiando e guiando neste percurso profissional; Cauê, meu irmão, pelo esforço em compreender o momento recluso da escrita; e Pedro, sempre atencioso e carinhoso, ao qual deixo meus sinceros agradecimentos por partilhar mais esta etapa ao meu lado.

E por fim, à FAPESP, pelo financiamento desta pesquisa.

RESUMO

Esta pesquisa almeja buscar em textos produzidos por Claude Lévi-Strauss e Mário de Andrade o modo pelo qual ambos constroem a imagem da cidade de São Paulo, sem deixar de considerar que essas construções imagéticas foram permeadas por diferentes pontos de vista e pelo convívio com os meios intelectuais, bem como pelos conflitos políticos que marcaram a cidade na década de 1930. Para desenvolver tal objetivo, faz-se necessário a análise de suas trajetórias profissionais e pessoais, e o encontro deles em São Paulo. Claude Lévi-Strauss (1908-2009), antropólogo francês, veio ao Brasil em 1935 para lecionar Sociologia na recém-formada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP) e realizar suas pesquisas etnográficas em sociedades indígenas. No período em que morou em São Paulo, inseriu-se no ambiente intelectual paulista, por meio da Sociedade de Etnologia e Folclore, sob a direção de Mário de Andrade, e do jornal *O Estado de São Paulo*. Mário de Andrade (1893- 1945), por sua vez, formou-se no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, participou da “Semana de Arte Moderna” em 1922, foi Diretor do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo (1935-1938) e assistente técnico da Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Além dos textos de Lévi-Strauss e Mário de Andrade, que se referem, particularmente, à cidade de São Paulo, a pesquisa recorrerá a outras fontes primárias, dentre elas, relatórios da gestão de Fábio Prado como prefeito (1934-1938), arquivos do Departamento de Cultura e a correspondência de ambos. Colocar em diálogo as fontes primárias com a bibliografia específica sobre o tema permitirá investigar o processo de construção da imagem da capital paulista nas suas obras.

Palavras Chaves: Mário de Andrade; Claude Lévi-Strauss; Literatura; Antropologia; São Paulo (Cidade) – História.

ABSTRACT

This research aims to study the manners in which Claude Lévi-Strauss and Mário de Andrade construct the image of the city of São Paulo in their texts, bearing in mind that these imagery constructions were traversed not only by different points of view and by the contact with the intellectual milieu but also by political conflicts happening in the city during the years of 1930s. To develop such objective, it is necessary to analyze their professional and personal paths and their encounter in São Paulo. Claude Lévi-Strauss (1908-2009), the French anthropologist, came to Brazil in 1935 to lecture Sociology at the newly created *Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, in Universidade de São Paulo* (USP), and to develop ethnographical researches about indigenous societies. By the time he lived in São Paulo, he inserted himself among the intellectual milieu, by means of the *Sociedade de Etnologia e Folclore*, which was under Mário de Andrade's direction, and of *O Estado de São Paulo* newspaper. Mário de Andrade (1893-1945), in turn, graduated from *Conservatório Dramático e Musical* de São Paulo, took part of “*Semana da Arte Moderna*” in 1922; he directed São Paulo's cultural department from 1935 to 1938 and was also an assistant at the department of national historical and artistic heritage. Besides Lévi-Strauss and Mário de Andrade's texts that particularly refer to the city of São Paulo, the research makes use of other primary sources: management reports from the period when Fábio Prado was the mayor (1934-1938), archives from the culture department and the letters between the anthropologist and the Brazilian writer. Making the primary sources dialogue with the bibliography will improve the research regarding the construction process of São Paulo's imagery in their works.

Keywords: Mário de Andrade ; Claude Lévi-Strauss; Literature; Anthropology ; São Paulo (City) – History.

SUMÁRIO

Introdução	10
Primeiras Imersões.....	10
Temporalidades flexíveis: encontros e desencontros imagéticos.....	21
Capítulo 1 - Jogos políticos: os bastidores do encontro de Mário de Andrade e Claude Lévi-Strauss	31
Afinidades temáticas: o diálogo do literato com o jovem professor.....	31
Movimentos políticos, projetos culturais-educativos e a formação da USP.....	41
A gestão de Fábio Prado (1934-1938) e o Departamento de Cultura.....	52
Capítulo 2 - Percursos literários: a cidade de São Paulo nas produções de Mário de Andrade	61
Itinerários, aprendizados e vivências urbanas em <i>Contos Novos</i>	61
Perspectivas literárias: os imigrantes e os bairros operários.....	72
Capítulo 3 - Nas trilhas da memória: a São Paulo de Claude Lévi-Strauss	89
Reflexões melancólicas: imagens da capital paulista em <i>Tristes Trópicos</i>	95
Novos sentidos às velhas imagens: os registros fotográficos de São Paulo.....	107
Considerações Finais	118
Referência Bibliográfica	121
Acervos Consultados.....	121
Fontes de Pesquisa.....	121
Referência.....	122

Introdução

Primeiras imersões

Às vezes minha mãe me levava para fazer compras em tardes de inverno. Era uma Berlim escura e desconhecida que, à luz de gás, se estendia à minha frente. Ficávamos no antigo Oeste, cujos arruamentos eram mais uniformes e despretensiosos que os preferidos posteriormente. Àquela hora já não se podia perceber com clareza as sacadas e as colunas, mas nas fachadas havia luz. Fosse por causa das cortinas de musselina, fosse por causa das venezianas ou da camisa da lâmpada de gás suspensa, aquela luz pouco revelava dos aposentos iluminados. Não tinha a ver com nada, a não ser consigo mesma. Atraía-me e deixava-me pensativo. Ainda hoje isso me acontece na memória. E é assim que sou conduzido a um de meus cartões-postais.

W. Benjamin. *Tarde de inverno* (1987)

As memórias da infância de W. Benjamin recuperam sutilezas e detalhes do cotidiano de um garoto na capital alemã no começo do XX. Suas recordações dão vida a casa onde morou, as andanças pelas praças e bairros em companhia da mãe, as reuniões em família, as visitas às tias, as férias nas casas de veraneio, a escola, os livros lidos e a cidade percebida pelas ruas, cores, edificações, desejos sexuais e pobreza. Benjamin, ao escrever, entre 1932 e 1938, os pequenos ensaios, dentre os quais destaca-se o fragmento acima, que compõem o livro *A infância em Berlim por volta de 1900*, já refletia sobre os fundamentos da memória – e do esquecimento, seu binômio complementar – e provavelmente, não pretendia fazer da sua obra uma composição fidedigna da infância e dos fatos vivenciados em Berlim. O afastamento do autor das experiências narradas não somente implica, como compreende Ana Marques, no entendimento de Benjamin das memórias enquanto algo fragmentário e transformador, “mas sobretudo porque sua preocupação parece não ser simplesmente narrar as memórias de uma infância pessoal, mas, ao fazê-lo, resgatar também imagens nas quais se deposita uma memória mais ampla, que ultrapassa a experiência individual para alcançar as marcas da experiência histórica”.¹ Com isso, Benjamin escapa do caráter individual, biográfico e privado dos relatos memorialísticos e propõe ao seu texto, a reflexão da “irrecuperabilidade” do passado através das memórias.² As lacunas, distancias e rupturas sociais e históricas que marcam a sua volta para as recordações da infância berlinense, fazem,

¹ MARQUES, Ana Martins. Berlim revisitada ou a cidade da memória: “Infância em Berlim por volta de 1900”. In: *Artefilosofia*, Ouro Preto-MG, n. 6, abr. 2009, p. 35

² Idem, p.36

como completa Marques, à “memória individual opera[r] como deflagradora de uma memória mais ampla [política, social, coletiva], [e] ao mesmo tempo memória de uma cidade e de uma época”.³

Nos relatos sensíveis da infância, Benjamin deixa escapar resquícios, fragmentos e contornos de uma temporalidade e de vivências urbanas, jamais “recuperáveis” pelas recordações, no entanto, sobrepostas a outras camadas sociais, históricas e nostálgicas, e de esquecimentos. Através destas lembranças pessoais e coletivas, Benjamin se propõe a desenhar a cidade experimentada na infância e revisitada para a elaboração dos pequenos excertos. Antes, porém, de adentrar nas suas descrições de Berlim, o autor adverte os leitores para um aprendizado descoberto tardiamente: “saber orientar-se numa cidade não significa muito. No entanto, perder-se numa cidade, como alguém se perde numa floresta, requer instrução”. A sutil metáfora vegetal vai além quando diz “o nome das ruas deve soar para aquele que se perde como o estalar do graveto seco ao ser pisado, e as vielas do centro da cidade devem refletir as horas do dia tão nitidamente quanto um desfiladeiro”.⁴ Os trajetos e percursos na cidade exigem certos conhecimentos dos transeuntes, determinadas formas de observar e de introduzir-se nos emaranhados urbanos; estes aprendizados operam nas recordações e nos esquecimentos, nas ausências e nas nostalgias, nas práticas coletivas e individuais; de modo geral, acompanham nossos olhares para as cidades.

São conhecimentos que atravessam as memórias afetivas da infância em Berlim e evidenciam também as percepções de Benjamin dos estratos sociais e das temporalidades históricas para as cidades. A partir dessas sobreposições de memórias, práticas e referências que as narrativas do ensaísta alemão exploram, situo a maneira pela qual entrarei no tema desta dissertação: o diálogo entre Mário de Andrade (1893-1945) e Claude Lévi-Strauss (1908-2009), por meio de suas produções no que se referem, particularmente, à cidade de São Paulo na década de 1930. O texto de Benjamin, portanto, oferece uma primeira aproximação para adentrar nas representações de duas personalidades tão distintas; o primeiro um literato de grande reconhecimento no cenário paulista e nacional e o outro, um antropólogo francês, que viria a se tornar autor das principais obras dentro da sua área; ambos se propuseram a narrar suas experiências na cidade paulista, em intensa transformação e palco de movimentos políticos, sociais e culturais que ocorriam nos anos 30. Observar seus registros da cidade

³ Idem, p. 37

⁴ BENJAMIN, Walter. A Infância em Berlim por volta de 1900. In: **Obras Escolhidas II**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo. Editora Brasiliense, 1994, p. 73

paulista pelo viés da subjetividade, intimamente relacionadas com as suas práticas culturais, experiências urbanas e vivências de uma época, implica em trabalhar com um recurso metodológico tão relevante para os estudos urbanos, o das “trocas simbólicas”, ou dito de outro modo, o dos “territórios da subjetividade”.

A proposta conceitual mencionada anteriormente vem dos trabalhos sobre cidades elaborados pela historiadora Maria Stella Bresciani. Acompanhar as mudanças, discursos e projetos urbanos por meio das “trocas simbólicas”, é o que Bresciani sugere como a sétima porta conceitual ou a sétima forma analítica de se pensar as cidades. Nos artigos, *As setes portas da cidade* (1991) e *Permanência e ruptura no estudo das cidades* (1993)⁵, a historiadora se propõe a investigar o momento, em que as cidades passam a ser um problema, questão ou objeto de estudo para os intelectuais, médicos, cientistas, filósofos, engenheiros, sociólogos e literatos do século XIX. Ao estudar o processo/movimento pelo qual as cidades foram problematizadas nos discursos especializadas ou nas opiniões de habitantes, Bresciani almeja entender os debates urbanos atuais e da mesma forma, “saber como se construiu essa rede de questões denominadas *questão urbana*, que permanece até hoje, em seus delineamentos básicos, orientando os estudos e as práticas de intervenção nas cidades”.⁶ A fim de compreender as origens e dimensões da “questão urbana”, direciona suas indagações para os textos, discursos e análises elaboradas no século XIX, e percebe seis maneiras, ou portas de entradas, utilizadas para refletir sobre os espaços urbanos: a técnica, a questão social, a formação de identidades sociais (divisão e identificação de duas classes, burgueses e proletários), a criação de uma “nova sensibilidade” para perceber e decifrar a cidade bem como reconhecer seus perigos; a “definição da cidade como lugar na história e do habitante da cidade como sujeito da história”⁷; e por fim, a elaboração intelectual de manifestações denominadas como “cultura popular”.

As seis primeiras portas conceituais apesar de formuladas no século XIX, conduzem, contudo, os estudos contemporâneos e as nossas formas de observar, pensar e perceber as cidades. Essas maneiras de imersão nos espaços urbanos revelam-se, do mesmo modo, nas escritas de Mário de Andrade e Claude Lévi-Strauss, quando ao adentrar nas suas imagens, constata-se que recorrem a algumas das portas conceituais expostas, seja a técnica, a questão

⁵ BRESCIANI, M. Stella. As sete portas da cidade. In: **Espaços & Debates**, São Paulo: NERU, n. 34, 1991, p. 10-15 e BRESCIANI, M. Stella. Permanências e rupturas no estudo das cidades. In: **Cidade & História: Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**, São Paulo: v. 2, n. 1, 1993, p. 11-26

⁶ BRESCIANI, 1991, p. 10.

⁷ Idem, p. 12

social ou as novas sensibilidades para descrever a capital paulista. Ainda que as seis proposições de Bresciani já sejam suficientes para me auxiliar nas leituras das produções de ambos, trago – e será por meio dela que pretendo problematizar as representações de São Paulo do literato e do antropólogo – a sétima porta, que se refere as “trocas simbólicas”. À esta porta, acrescento os comentários de Bresciani para compreender suas dimensões teóricas:

Esta entrada nos temas urbanos surge como ruptura possível com o quadro teórico definido no momento da problematização das cidades no começo do século XIX; rompe com as noções de identidade, de objetividade, de subjetividade racionalmente apreensível ou construída, e outros “mitos vitorianos”. Nesta entrada procuramos seguir os *traços* daquilo que se diz da vida da cidade, dos significados que se lhe atribui, dos mitos de origem.⁸

A formulação desta porta conceitual se inspira, como explica a historiadora, nas abordagens metodológicas e nas formas de problematizar as cidades presentes nos trabalhos da filósofa francesa, Anne Cauquelin. Seus textos trazem enfretamentos e embates muito singulares a respeito das cidades, como os apresentados no livro *Essai de philosophie urbaine* (1982)⁹. Nele a filósofa estuda as cidades não pelos limites geográficos, administrativos, identitários ou populacionais, mas, sobretudo, pelas memórias, que constituem e são constituídas nos espaços urbanos através dos usos, discursos e práticas culturais dos seus habitantes. As “mémoires constitutantes” (memórias constituintes) são o que dão vida aos espaços, transpõem saberes, modos de agir e de se comportar, e ao mesmo tempo, tecem lacunas, vazios e esquecimentos, os quais vão se sobrepondo em camadas temporais nas memórias sobre a cidade. Cauquelin denominou estas transmissões da memória de “doxa”, a opinião “urbana, vagabunda, alterável, variável que transporta os fragmentos de lembranças tanto históricas quanto pessoais”.¹⁰ A questão norteadora da obra se direciona, portanto, para o entendimento dessas “doxas”, elemento fundamental para se adentrar na cidade e compreendê-la, o qual, no entanto, através dos séculos ganhou um lugar secundário nos estudos urbanos, sendo renegado a categoria de fantasia, ilusão e falsidade. Ao pontuar a importância das memórias constituintes para a formação dos espaços urbanos, Cauquelin pretende retomar as origens das cidades, seus mitos fundadores e lendas, que foram distanciados pelos discursos racionais, técnicos e pautados nas noções de verossimilhança –

⁸ Idem, p. 13

⁹ CAUQUELIN, Anne. **Essai de philosophie urbaine**. Paris : Presses Universitaires de France, 1982.

¹⁰ Tradução livre do trecho: “ ‘la doxa’ urbaine, vagabonde, altérable, changeante, transportant les bribes de souvenir tant historiques que personnels” e ainda acrescenta a filósofa, “intimement mêlé à l’écoute et à l’écrit, au monument qui atteste (mais quoi ? on l’a oblié) et aux mœurs.” (CAUQUELIN, 1982, p. 20.)

ou seja, a construção de uma “verdade” por meio de associações com os fatos retirados do cotidiano, das vivências e das relações dos habitantes nos espaços urbanos.¹¹

Bresciani reelabora as ideias da filósofa francesa para reforçar suas posições conceituais e, assim, entende que as cidades guardam no seu interior finas camadas temporais, compostas por “opiniões”, sobreposições de práticas culturais antigas e recentes assim como vivências e esquecimentos; e por mais que não reconheçamos a origem, estas películas nos “serve[m] de pele e suporte da vida social”.¹² Com o auxílio das proposições de Cauquelin além de formular uma nova porta conceitual, a historiadora as utiliza para investigar as imagens da cidade de São Paulo produzidas em meados do século XX, quando a capital paulista se desenha nos relatos dos viajantes, habitantes, memorialistas e/ou engenheiros-urbanistas enquanto metrópole, cidade em crescimento, terra de imigrantes e “canteiro de obras”; dito de outro modo, *lugares-comuns* e *identidades urbanas* que começam a se construir nas descrições fragmentárias e repletas de esquecimentos e “opiniões” dos que viveram ou passaram por ela. Os textos de Bresciani, dentre os quais destaco, *Imagens de São Paulo: Estética e cidadania* (1999), *O literato, o cronista e o urbanista. Imagens de São Paulo nos anos 1910-1920* (2004) e *Percursos topográficos e afetivos pela cidade de São Paulo. Memorialistas, viajantes, moradores, literatos e poetas* (2009)¹³, se detêm nas recordações, nos textos literários e nos discursos especializados que recortam a cidade em inúmeros fragmentos e evidenciam os usos dos espaços, as percepções urbanas e sobretudo, a partilha de signos, desejos, crenças e projetos para São Paulo presentes nas falas tanto daqueles que habitam quanto daqueles que pensam e traçam a cidade.

Aproveito das leituras da historiadora referentes à cidade de São Paulo e pautadas nas “trocas simbólicas”, memórias, “doxas” e subjetividades para acompanhar as imagens elaboradas por Mário de Andrade e Claude Lévi-Strauss. A escolha pela sétima porta conceitual me permite observar suas representações de São Paulo a partir de fluxos que se cruzam e se justapõem entre os saberes produzidos, ditos, pensados e construídos nos espaços urbanos e os elementos trazidos pelos escritores, que se relacionam com as experiências

¹¹ BRESCIANI, 1991, p. 14.

¹² Idem, p. 14.

¹³ BRESCIANI, M. Stella. Imagens de São Paulo: Estética e cidadania. In: **Encontros com a História: percursos históricos e historiográficos de São Paulo**. A. Celso Ferreira, Tania Regina de Luca e Zilda G. Iokoi org. São Paulo: Editora UNESP, 1999, p. 11-45; BRESCIANI, M. Stella. O literato, o cronista e o urbanista. Imagens de São Paulo nos anos 1910-1920. In: **Escrita, linguagem, objetos: leituras de história cultural**. Sandra Jatahy Pesavento (org.). Bauru, SP: EDUSC, 2004, p. 115-145; e BRESCIANI, M. Stella. Percursos topográficos e afetivos pela cidade de São Paulo. Memorialistas, viajantes, moradores, literatos e poetas. In: **Cidades do novo mundo**. Fania Fridman (org.). Rio de Janeiro: Garamonde, 2013, p. 107-137

pessoais, trajetórias, distanciamentos, recordações e esquecimentos. São, portanto, conjuntos de memórias e conhecimentos que compõem os relatos do literato e do antropólogo, e possibilitam, por outro lado, apreender as imagens criadas da cidade paulista, seus mitos fundadores, práticas culturais e apropriações de regiões, bairros, ruas e construções. Nestes fluxos que entrecruzam representações e usos da cidade residem as investigações a serem apresentadas ao longo da dissertação, que se propõe por meio das imagens de dois intelectuais importantes no cenário nacional e internacional, entender como construíram a capital paulista nos textos literários e nos relatos de viagem.

Delimitar as produções de Mário de Andrade e Lévi-Strauss foi o primeiro passo no aprofundamento das imagens da capital paulista por eles elaboradas. Selecionei do literato, os contos, dispostos em *Contos de Belazarte* (1934) e *Contos Novos* (1947), e as crônicas reunidas nos livros *Os Filhos da Candinha* (1943) e *Taxi e Crônicas no Diário Nacional* (1976)¹⁴ produzidos entre as décadas de 1920 e 1930. Justifico a escolha dos textos por serem narrativas redigidas, refeitas, retomadas e modificadas ao longo da sua carreira profissional, e ao mesmo tempo, marcam o período desde a participação no movimento modernista, onde teve contato com intelectuais, artistas e literatos preocupados com a construção da identidade nacional e paulista, até a sua atuação no Departamento de Cultura (1935-1938) assim como na elaboração do anteprojeto do Serviço de Patrimônio Artístico Nacional (SPAN) em 1937. Alguns dos contos que compõem essas obras atravessaram percursos pessoais e profissionais do escritor e levaram anos até serem publicados, como é o caso de “Frederico Paciência” pertencente ao livro póstumo e que entre a versão inicial e a final passaram-se quase vinte anos (1924-1942).¹⁵ O mesmo ocorre com os contos “O Besouro e a Rosa” e “Caim, Caim e o resto”, que saíram, inicialmente, na revista *América Brasileira* em fevereiro e julho de 1924, respectivamente, na secção “Crônicas de Malazarte” e em seguida, sofreram modificações e recortes para compor a obra *Contos de Belazarte*. Ainda destaco processo semelhante ao dos contos, no livro *Os Filhos da Candinha*, que contém textos publicados entre 1928 e 1939 em diversos periódicos¹⁶, os quais foram retomados e em alguns casos, reescritos pelo autor para

¹⁴ Cabe ressaltar que Mário de Andrade possuiu uma vasta produção que abrange desde obras literárias até estudos sobre o folclore nacional, crenças populares, música, pintura e arquitetura. Em vários desses ensaios a cidade de São Paulo aparece seja como objeto de análise do literato seja como cenário e/ou personagem das ficções, de modo que restringi para o desenvolvimento da minha pesquisa somente as suas imagens presentes nos contos e crônicas mencionados acima. Com isso, almejo apresentar uma das diversas possibilidades de pensar as relações entre o poeta paulista e sua cidade.

¹⁵ PAULILLO, Maria Célia de Almeida. Contos da Plenitude. In: ANDRADE, Mário de. **Contos Novos**. Rio de Janeiro: Ed. Itatiaia, 1999, p. 9

¹⁶ Segundo João F. Gonçalves no prefácio da obra, Mário de Andrade reuniu uma série de textos divulgados em jornais paulistas, *Diário Nacional*, *Diário de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, e nas revistas, *Movimento*

integrar a coletânea. Em geral, as obras de Mário de Andrade acompanham os movimentos políticos, sociais e culturais que ocorriam em São Paulo e, da mesma forma, expõem direta ou indiretamente suas opiniões, reflexões e percepções sobre estes acontecimentos.

No caso das produções do literato, as distancias que cercam o narrador do fato narrado recobrem períodos próximos e em estreito diálogo com os movimentos políticos, as transformações sociais e experiências urbanas vivenciados pelo autor. Mesmo considerando que Mário de Andrade compôs alguns dos textos no decorrer de anos não significa que narre uma cidade distanciada das suas práticas diárias e dos debates acompanhados cotidianamente. Ao descrevê-la, ou melhor, ao retomá-la nas coletâneas de crônicas e contos, trata de lembranças ainda debatidas, comentadas, marcantes e em construção em São Paulo. Os livros do poeta paulistano reelaboram suas preocupações atuais, ao mesmo tempo em que reafirmam suas observações dos espaços e personagens urbanos bem como das regiões da cidade. Trago a título de exemplo a obra *Os Filhos de Candinha*, cuja proposta é apresentar suas crônicas de temas mais “levianos”, vulgo “literatura”, como afirma.¹⁷ A partir da escolha de textos mais descontraídos, Mário de Andrade apresenta relatos de itinerários por São Paulo, descrições de lugares e dos seus habitantes – imigrantes, negros e pobres -, comentários sobre a “Revolução de 30” e os problemas políticos enfrentados pelo governo paulista, além de descrições da viagem ao norte e nordeste do Brasil (1928-1929). As temáticas levantadas nas crônicas apesar de recuperarem as construções literárias do autor para as experiências, viagens e fatos ocorridos anteriormente, não deixam de representar suas inquietações presentes e lembranças relevantes da trajetória pessoal e profissional.

Enquanto as narrativas literárias de Mário de Andrade guardam curtas distâncias de tempo entre o narrador e a cidade vivenciada, os textos de Claude Lévi-Strauss, escolhidos para integrar esta pesquisa, foram produzidos décadas após a permanência no Brasil. As principais obras que tratam da cidade de São Paulo, são o livro de relatos de viagem *Tristes Trópicos* (1955), e as fotografias reunidas em *Saudades do Brasil* (1994) e *Saudades de São Paulo* (1996). Ressalto também a existência de entrevistas¹⁸ com o autor, realizadas ao longo

Brasileiro e *Revista Acadêmica* do Rio de Janeiro, e *Letras* de Salvador para compor o livro. (GONÇALVES, João Francisco F. História de um livro, no dizer de seu autor. In: ANDRADE, Mário. **Os Filhos da Candinha**. Rio de Janeiro: Agir, 2008, p. 11-25

¹⁷ ANDRADE, 2008, p. 27

¹⁸ Destaco as seguintes entrevistas com Claude Lévi-Strauss, que abordam sobre a viagem ao Brasil, a estadia em São Paulo, as pesquisas com as sociedades nativas e a elaboração de *Tristes Trópicos* assim como da coletânea de fotos: CHARBONNIER, Georges. **Entretiens avec Claude Lévi-Strauss**. Paris: Julliard e Librairie Plon, 1969; LÉVI-STRAUSS, Claude. L'Express va plus loin avec Claude Lévi-Strauss. **L'Express**, Paris, p. 136-149, 15-21 mar. 1971; LÉVI-STRAUSS, Claude. “Ce que je suis”. Entretien avec Jean-Paul Enthoven et André

da sua vida, em que rememora a viagem ao Brasil bem como os contatos na metrópole paulista, suas amizades e as atividades na Universidade de São Paulo. Este material, no entanto, será utilizado como suporte para a compreensão das fontes principais e ao mesmo tempo para o entendimento das relações pessoais e profissionais que atravessaram sua estadia em São Paulo.

A primeira produção, na qual Lévi-Strauss teve a oportunidade de narrar as vivências em São Paulo, foi escrita quase duas décadas depois da viagem ao Brasil para integrar a coleção *Terre Humaine*, organizada pelo geógrafo e historiador francês, Jean Malaurie. A publicação almejava reunir relatos de viagens exploratórias de pesquisadores franceses à regiões distantes, e como completa o biógrafo do antropólogo, P. Wilcken, “os livros seriam intelectuais e também autobiográficos, científicos e engajados, alimentando-se do rico campo literário, ainda largamente inexplorado, das culturas indígenas e das pesquisas etnográficas”.¹⁹ Com o intuito de corresponder às expectativas da coleção e também aproveitando da oportunidade para narrar suas reflexões e pesquisas desenvolvidas nos anos em que esteve no Brasil, Lévi-Strauss escreve um longo relato que começa pelo final da sua expedição: o exílio nos Estados Unidos durante o período da Segunda Guerra; em seguida, descreve sua formação filosófica-etnológica, a chegada ao Novo Mundo, a passagem pelas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e do interior do estado paulista e por fim, o encontro com as tribos indígenas, os Cadiueu, Bororo, Nambiquara e Tupi-Cavaíba. Finaliza suas incursões antropológicas narrando a viagem ao Oriente e refletindo sobre os encontros e desencontros pessoais proporcionados por estas expedições.

As descrições da metrópole paulista aparecem em *Tristes Trópicos*, primeiramente, imersas numa longa narrativa da viagem aos trópicos, cuja preocupação principal se centra nas pesquisas etnográficas; e, por outro lado, elas são elaboradas a partir das suas lembranças, pois quando produz o livro não vivia nem havia revisitado São Paulo. Este extenso período

Burguière. **Le Nouvel observateur**, Paris, n. 816, p.14-18, 28 de junho de 1980; LEITE, Paulo Moreira. Um futuro de sombras. **Veja**, São Paulo, p. 5-8, 21 dez. 1983; LÉVI-STRAUSS, Claude e ERIBON, Didier. **De perto e de longe**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990; ILLOUZ, Charles; VIDAL, Laurent. Le Brésil et les Sciences Humaines: Passé-Présent. Entretien avec Claude Lévi-Strauss. **Cahiers Des Amériques Latines**, Paris, n. 28/29, p.95-100, 1998; MOISÉS, Beatriz Perrone. Entrevista: Claude Lévi-Strauss, aos 90. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 42, n. 12, p.9-23, 1999; LÉVI-STRAUSS, Claude. Le Couché de Soleil: Entretien avec Boris Wiseman. **Le Temps Modernes**, Paris, n. 628, p.2-18, Agosto-outubro, 2004; LÉVI-STRAUSS, Claude. **Longe do Brasil**. Tradução Jorge Villela. São Paulo: Editora Unesp, 2011. E o documentário áudio visual, em que consta trechos de entrevistas e depoimentos do antropólogo sobre a sua carreira: **Claude Lévi-Strauss par lui-même**. Dirigido por Pierre-André Boutang e Anne Chevally. Paris: Arte Editions, 2008

¹⁹ WILCKEN, Patrick. **Claude Lévi-Strauss: o poeta no laboratório**. trad. Denise Bottman. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011, p. 200.

que separa a sua presença em terras brasileiras da criação do livro de relatos, também transparece na produção das coletâneas de fotografias. É importante esclarecer que estas fotos foram tiradas enquanto morou no Brasil e retratam a cidade paulista, Santos, alguns vilarejos do interior de São Paulo, Paraná e Goiás bem como as sociedades nativas estudadas, que representam a maior quantidade de negativos guardados pelo autor. Apesar das fotografias reportarem ao “momento presente” do antropólogo em São Paulo, elas ganham uma organização, linearidade e montagem na confecção dos livros da década de 1990 e, da mesma forma, um sentido ao serem apresentadas junto com o prefácio feito por Lévi-Strauss. Assim, *Saudades do Brasil* e *Saudades de São Paulo* vêm para problematizar as construções imagéticas de *Tristes Trópicos*, questionando até que ponto elas reafirmam as descrições do livro de relatos de viagens, ou ainda, em que medida as obras fotográficas portam novas referências, leituras e vivências do antropólogo que o auxiliam nas suas escritas da cidade.

O conjunto das produções selecionadas para adentrar nas imagens de São Paulo do literato e do antropólogo a princípio se mostra desarticulado, uma vez que suas representações conservam momentos distintos de elaboração e dialogam com trajetórias pessoal e profissional singulares. Todavia, a proposta para realizar o diálogo entre ambos os escritores se desenha também a partir de outros contornos: políticos, intelectuais e culturais. Mário de Andrade e Claude Lévi-Strauss além de escreverem sobre uma cidade sempre referida a sua intensa transformação, se encontraram nela, frequentaram os mesmos espaços da intelectualidade paulista, como a sede do jornal *O Estado de S. Paulo* e os grupos de discussão promovidos pelo Departamento de Cultura e a recém-criada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, e partilharam resultados de pesquisas, seja o antropólogo francês ao trazer seus estudos com as tribos indígenas, seja o literato com os trabalhos desenvolvidos sobre folclore e tradições populares. A aproximação deles contou, da mesma forma, com a colaboração da esposa do antropólogo, Dina Lévi-Strauss, que participou ativamente das atividades do Departamento de Cultura, realizando pesquisas de campo, recolhendo materiais durante as expedições com o marido para integrar a coleção da Sociedade de Etnologia e Folclore,²⁰ ministrando cursos e participando da organização, coordenação e discussões da Sociedade. Com suas atividades no Departamento de Cultura,

²⁰ A Sociedade de Etnologia e Folclore pertencia ao Departamento de Cultura, dessa forma, aglutinava nas suas reuniões tantos intelectuais importantes do cenário paulista como Paulo Duarte, Fernando de Azevedo, Sérgio Milliet, Plínio Ayrosa e Oneida Alvarenga, quanto professores e alunos da Universidade de São Paulo, tais quais Claude Lévi-Strauss, Pierre Mombeig, Roger Bastide e Mario Wagner Vieira da Cunha. A administração da Sociedade contava com a presença de Mário de Andrade, presidente, e Dina Lévi-Strauss no cargo de secretária.

Dina contribuiu para a inserção de Claude Lévi-Strauss nos espaços de discussões promovidos pela intelectualidade com a qual trabalhava.

O encontro dos autores ao mesmo tempo em que evidencia o interesse de ambos pelas temáticas culturais, permite investigar as tramas políticas que culminaram na vinda de Lévi-Strauss bem como nos projetos políticos-culturais pensados para a cidade de São Paulo, que originaram os espaços de sociabilidade frequentados por eles. Suas trajetórias ora se cruzam ora estão intimamente entrelaçadas com os movimentos políticos que ocorriam na capital paulista na década de 1930, dentre os quais enumero os confrontos com o governo federal – “Revolução de 30” e o “Movimento Constitucionalista de 32” –, as disputas internas pela liderança do estado lideradas pelos partidos políticos Partido Democrático (PD) e o Partido Republicano Paulista (PRP), as instabilidades na prefeitura de São Paulo, tendo entre 1932 a 1938, ao todo sete prefeitos, e em 1937 com a instauração do Estado Novo, a reconfiguração da administração paulista, que implicou na nomeação de Prestes Maia para prefeito (1938-1945) e na reestruturação nos departamentos municipais. Enquanto Mário de Andrade acompanhou de perto estes movimentos, pois além de colega dos integrantes do PD, como Paulo Duarte, e escritor do jornal do partido, o *Diário Nacional*, entre 1927 e 1932, foi diretor do Departamento de Cultura, órgão que condensava as propostas educacionais e culturais para a capital paulista – e com pretensões a realizar atividades no âmbito nacional – dos intelectuais próximos à Júlio de Mesquita Filho. Claude Lévi-Strauss, por sua vez, viaja ao Brasil para integrar o quadro docente de humanidades da USP, instituição de ensino formada pela mesma intelectualidade que apoiou o projeto de criação do Departamento de Cultura, e teve suas pesquisas financiadas por este departamento municipal, durante a gestão de Mário de Andrade, situação que se altera com entrada de P. Maia na prefeitura.²¹

A agitação política que marca este período de encontro de Mário de Andrade e Claude Lévi-Strauss também se manifesta nos campos sociais e urbanos: o aumento populacional desde o começo do século XX somado ao alto contingente de imigrantes, que chegavam diariamente na cidade, introduzem novas configurações e problemas espaciais em São Paulo como a falta de moradia adequada para as camadas populares, questões de higiene e salubridade em bairros populares, a mobilidade urbana e o acesso à lugares de lazer e divertimento para a população. Pensar em soluções viáveis e que resolvessem os problemas

²¹ O sociólogo Roberto Barbato Jr. discute no seu livro *Missionários de uma utopia nacional-popular: os intelectuais e o Departamento de Cultura de São Paulo* (2004), as implicações políticas e orçamentárias que o Departamento de Cultura teve com a nomeação de Prestes Maia para prefeito de São Paulo.

advindos da expansão e do crescimento da cidade foi umas preocupações dos engenheiros-urbanistas, os quais atuaram na capital paulista: Victor da Silva Freire, Alexandre Albuquerque, Anhaia Mello, Prestes Maia, Ulhoa Cintra, dentre outros; estas questões, da mesma forma, apareceram nos discursos dos políticos, nas manchetes e notícias de jornais, nos textos literários e nas opiniões dos moradores da cidade desde o começo do século XX. A socióloga Maria Ruth Sampaio nos lembra, por exemplo, da seção “Queixas e Reclamações” do jornal *O Estado de S. Paulo* durante a gestão do prefeito Fábio Prado (1934-1938), em que entre as queixas mais frequentes estavam “os problemas dos espaços livres, do calçamento, trânsito, poluição sonora, poluição visual, limpeza da cidade e verticalização”.²² Sobre as reclamações em relação ao trânsito, Sampaio ainda ressalta o quanto perturbava os cidadãos os novos equipamentos viários, bondes, ônibus e carros, que causavam frequentes atropelamentos. Como, então, esquecer-se do fatídico acidente com a personagem de Alcântara Machado, o “Gaetaninho”, um italianinho, morador do Bom Retiro, que ao atravessar a rua para buscar a bola morre atropelado por um bonde? O triste fim da personagem do livro *Brás, Bexiga e Barra Funda* (1927): a morte por atropelamento se torna também tema das crônicas de Guilherme de Almeida publicadas no periódico paulista, *Diário Nacional*. O tom irônico e descontraído do literato, na crônica do dia 03 de agosto de 1927, introduz, portanto, a temática urbana:

O noticiário dos jornais anda cotidianamente cheio de acidentes automobilísticos registrados sob os títulos mais aterrorizantes: “A morte que passa!”, “O monstro de rodas!”, “Os veículos da morte!”, “O quinto cavalo do Apocalipse!”, etc., etc.

Uma charmosa injustiça. Porque refletindo-se bem, chega-se calmamente a uma iniludível conclusão: a culpa é mais dos pedestres precipitados e nervosos, do que das boas máquinas dóceis e simpáticas. E a culpa é mais dos pedestres por uma razão única: porque eles têm medo. Têm um medo injustificável dos excelentes, utilíssimos veículos que encurtam distâncias e vidas.

Resultado desse medo: os veículos ficam zangados e matam mesmo. (...) ²³

²² SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de (org.). **São Paulo 1934 – 1938. Os anos da Administração Fábio Prado**. São Paulo: USP/ FAU, 1999, p. 57

²³ ALMEIDA, Guilherme. **Pela cidade**, seguido de, Meu roteiro Sentimental da cidade de S. Paulo. Edição preparada por Frederico Ozaram Pessoa de Barros. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 30

Guilherme de Almeida assim como Alcântara Machado eram escritores muito próximos de Mário de Andrade e principalmente, lidos pelo literato. Assim, compartilham saberes, formas de observar e perceber a cidade que atravessam as impressões do poeta paulista e do mesmo modo, divulgam maneiras de apreender São Paulo, que se compõe no fluxo contínuo entre as recordações das experiências passadas e os conhecimentos e observações atuais. Essas opiniões, saberes e discursos ainda se constituem e ensejam debates no momento de encontro do literato paulista e do antropólogo em São Paulo, o que me permite sugerir mais um ponto de diálogo entre ambos e propor – sendo umas das premissas a examinar nesta dissertação – compreender como descrevem a cidade nas suas produções. O objetivo é ficar atenta às palavras, metáforas, fatos e personagens urbanos escolhidos para relatar as vivências na capital paulista e problematizar o quanto as suas imagens de São Paulo se relacionam com outras representações da capital e com as propostas político-culturais dos grupos paulistas, dos quais participaram.

Temporalidades flexíveis: encontros e desencontros imagéticos

A aproximação de Mário de Andrade e Claude Lévi-Strauss em São Paulo, na década de 1930, acompanha diversas tramas políticas, questões sociais e transformações urbanas, presenciadas por eles como, da mesma forma, descritas, relatadas e lembradas nas suas narrativas da cidade. Suas imagens de São Paulo carregam temporalidades, sobrepostas entre o momento da escrita e a lembrança e/ou criação dos acontecimentos narrados, bem como apresentam maneiras de contar as experiências na cidade que ora dialogam ora se afastam. A cidade de Mário de Andrade se aproxima daquela relatada por Lévi-Strauss, quando escolhem temáticas muito semelhantes para descrevê-la, as mesmas presentes nos discursos políticos, intelectuais, midiáticos e científicos. A capital paulista começa a ser desenhada por meio de imagens que evidenciam seu crescimento populacional e físico, as mudanças e alterações nos terrenos urbanos, e o grande contingente de imigrantes, particularmente, vindos da Itália. Estas representações não se distanciam das transformações visíveis na paisagem paulista e, concomitantemente, percebidas por aqueles que vivenciavam cotidianamente o que ocorria na cidade: a introdução de novos elementos no cenário urbano, tais quais, automóveis, bondes, indústrias, novos bairros e comércio variados, atravessa as práticas culturais e as redes de sociabilidade e lazer dos moradores. A partir dos usos individuais e coletivos das praças, monumentos, ruas e edifícios, das reconfigurações da cidade, e dos desejos e vontades dos cidadãos, que se consolidam e materializam as imagens da capital paulista, que atuam – segundo a historiadora Bresciani – “como suporte visível da memória, mas também como

mitos e lendas, recordações, projeções utópicas, [que] conformam memórias sem lugar, afetivas, também intelectuais e eruditas”.²⁴

Ao acompanharem tanto as transformações no espaço quanto a formação dos discursos, projetos e narrativas de São Paulo, o antropólogo e o literato os reelaboram nos seus relatos. Apesar de produzirem suas obras em diversos momentos, ambos compartilham de signos comuns para representar a cidade e assim, torna-la identificável ao público leitor. Ao mesmo tempo, estas *identidades urbanas* auxiliam os escritores a se aventurar pela cidade e traçar percursos, trajetos, olhares e análises para os estímulos, experiências e relações provocados pelo encontro com a metrópole paulista. Para identificar a partilha de signos, lugares e personagens de São Paulo que suas imagens suscitam, trago dois relatos, uma crônica do literato e em seguida, a descrição da capital paulista presente em *Tristes Trópicos*. Os fragmentos se referem ao centro da capital paulista, onde os autores ressaltam as ruas que cruzam, quem as frequentava e o ritmo sereno dos armazéns e das atividades locais em contraste com a movimentação dos bondes e a agitação dos transeuntes e trabalhadores. Início, assim, com a crônica de Mário de Andrade:

O terno itinerário ou trecho de antologia

Saí desta morada que se chama O Coração Perdido²⁵ e de repente não existi mais, perdi meu ser. Não é a humildade que me faz falar assim, mas que sou eu por entre os automóveis! Só na outra esquina tive um pouco mais de gratidão por meus pesares e me vi. Estava com dois embrulhos na mão.

(...)

O ônibus que tomei estava só e lia sem querer um artigo em francês. A França me aporrinha porque sempre o que me sobra dela, são umas letras grandes, com uns dois metros de altura, em que está escrito CONGO BELGE. (...)

O ônibus corria pela rua das Palmeiras e assim que as letras francesas se recusaram a me ilustrar mais, fixando-se em “Congo Belge”, fechei os olhos pra não ler. Mas é tão desagradável andar de automóvel com

²⁴ BRESCIANI, M. Stella. *Imagens de São Paulo: Estética e cidadania*. p. 45

²⁵ Segundo João Gonçalves, organizador do livro *Os Filhos da Candinha*, Mário de Andrade usa o termo “O coração perdido” como referência à sua casa na rua Lopez Chaves, Barra Funda.

os olhos vendados! (...) Abri de novo os olhos e fui vendo o que é viajar. Árvore, tabuleta, casa, rua, e Nós, os fabulosos.

Nesta linha de ônibus há uma encruzilhada fecunda em que uns rumam para a praça do Patriarca, outros seguem para o Correio. Quando vou chegando lá, meu ser inteiro se apaixona, há coisa mais volúvel que automóvel! (...)

Nisto pensava com lentidão majestosa quando o ônibus parou na praça do Correio. Saltei como a primavera. No geral, quando o auto está chegando ao destino, tomo sempre as minhas precauções pra ser o primeiro a saltar, mas desta vez estava tão entregue a mim que até me assustou a chegada. Daí a vívida impressão de primavera em que flori. Agilizei-me em volições e uma elasticidade gentil moveu-me o corpo. Fiquei tão agradável que quando pus reparo em mim, estava tomando um café.

(...)

Eu saudava os que riam pra mim, cedia passagem às damas, tinha piedade dos pobres, recusava bondosamente os vespertinos que os jornaleiros me davam, tomei ar de impaciência bem-humorada contra a leve nuvenzinha de poeira, quando o guarda me fez parar. Passai, veículos da grande cidade anchieta! Eu deixava passar os veículos, cedia espaço a novas senhoras e octogenários, compreendia os desocupados e me sentia vaidoso desta nossa humanidade. E como é suave registrar embrulhos no Correio... Esse ar apressadinho de trabalho, a irritação servil dos funcionários, a fatalidade imponente da compra de selos da Nação... Criados varem o edifício. Várias pessoas escrevem cartas pros antípodas, os repórteres buscam avidamente assuntos com que encher os jornais de azedume aprazível. (...).²⁶

O percurso narrado por Mário de Andrade enseja reconstituir o itinerário feito da sua casa na Barra Funda à Praça do Correio, localizada no centro, indicando aos leitores, o que vê pelo caminho: pedestres apressados, automóveis, bondes, outdoors em francês, residências e trabalhadores ocupados com seus afazeres. A este trajeto, como completa ao final da crônica, ainda poderia acrescentar outros “pormenores” do que fez, viveu e sentiu até o retorno a sua moradia, duas horas depois.²⁷ O tom leve e descontraído do autor apresenta a cidade

²⁶ ANDRADE, Mário de. **Os Filhos da Candinha**, p. 82-84

²⁷ Idem, p. 84

apreendida pelo itinerário do ônibus e, do mesmo modo, conduz nosso olhar a situar o espaço narrado, os habitantes e suas atividades. Pontuar espacialmente as regiões e ruas da cidade, e utilizar elementos que se reportam a estes lugares, como lojas, edifícios e pontos de referência, também será um recurso usado pelo antropólogo na obra da década de 1950. É importante salientar que a proposta de *Tristes Trópicos* difere, sem dúvida, daquela almejada pelas narrativas literárias de Mário de Andrade, uma vez que o livro de relato de viagem se encontra na fronteira entre o registro etnográfico e as reflexões autobiográficas do autor; dito de outro modo, é uma produção que pretende ser uma descrição das suas experiências, e não uma criação ficcional. Entretanto, o antropólogo na elaboração dos seus relatos se apropria de referências, espaços e práticas culturais para descrever São Paulo, que aproximam as suas imagens das do literato paulista.

O trecho a seguir retirado da obra de Lévi-Strauss, se encontra dentro de uma longa descrição geográfica de São Paulo na qual intercala com comentários e lembranças de como se configurava o centro, seus moradores, os comércios locais e as residências que ali existiam:

Na extremidade norte do terraço, um gigantesco canteiro de obras estava no início: era o da avenida São João, artéria de vários quilômetros que se começava a traçar paralelamente ao Tietê, seguindo o percurso da velha estrada do Norte para Itu, Sorocaba e as ricas plantações de Campinas. Presa por seu início à ponta do esporão, a avenida descia pelos velhos bairros. Cruzava primeiro, à direita, com a rua Florêncio de Abreu, que ia dar na estação de trem, entre os bazares sírios que abasteciam todo o interior de bugigangas, e calmas oficinas de seleiros e estofados onde prosseguia – mas por quanto tempo? – a fabricação de grandes selas de couro trabalhado, de xairéis para cavalos com grossos fios de algodão, de arreios decorados com prata lavrada, destinados a fazendeiros e peões do mato tão próximo. Depois a avenida, passando ao pé de um arranha-céu – então único e inacabado –, o rosado Prédio Martinelli, enfiava-se pelos Campos Elíseos, outrora domicílio dos ricos, onde os palacetes de madeira pintada se deterioravam no meio de jardins de eucaliptos e mangueiras; a popular Santa Ifigênia, margeada por um bairro reservado de casebres com porão alto, de onde as moças berravam para os clientes pelas janelas. (...) ²⁸

²⁸ LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes Trópicos**. trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.94

Apesar dos relatos de Mário de Andrade e Claude Lévi-Strauss descreverem uma mesma região da cidade por meio de imagens que evidenciam contrastes entre o ritmo acelerado dos novos equipamentos urbanos e as convenções e hábitos dos habitantes locais, suas representações revelam um certo descompasso na forma de expor as manifestações urbanas. Narrativas que, logo após serem postas lado a lado, destoam na escolha dos caminhos e dos pontos de referência, na maneira de relatar e, principalmente, no olhar deslocado para a cidade. Apesar das construções imagéticas de ambos se encontram nas temáticas abordadas e nos compartilhamentos de alguns signos comuns, elas se desencontram no modo como percebem a capital paulista e levam, assim, a elaboração de relatos tão singulares e repletos de relações com a trajetória pessoal de cada um.

Na crônica de Mário de Andrade, apresentada anteriormente, é possível acompanhar a aproximação do literato da cidade vivenciada. O enredo construído pauta-se, provavelmente, no itinerário feito e refeito diversas vezes entre a sua casa e a Praça do Correio, mas também, da sua residência aos locais de trabalho, de lazer, as sedes de revistas e jornais assim como aos domicílios dos colegas paulistanos. O literato, que morou grande parte da sua vida na cidade de São Paulo, a conhecia muito bem e ao mesmo tempo era atento a grupos de discussão, notícias de periódicos, projetos urbanísticos e narrativas literárias referentes a sua cidade natal. Não se deve ao acaso que na crônica citada, cuja proposta é reportar uma situação cotidiana, a entrega de dois embrulhos no Correio, escolhe descrever o trajeto a partir do caminho percorrido pelo ônibus, que adentra na rua das Palmeiras, e ainda acrescenta ao relato as incertezas quanto ao ponto final, podendo ser na praça do Correio ou do Patriarca. Suas percepções e formas de narrar a cidade, portanto, apresentam uma afetividade, proximidade e saberes locais, que somente quem vivia, experimentava, lia e circulava diariamente no espaço urbano poderia reconhecer. Tal fato observa-se, por exemplo, na definição dos temas dos contos e crônicas, bem como nos deslocamentos e nas caracterizações das personagens, que, de modo geral, ensaiam reproduzir situações cotidianas, referências à lazes e práticas de divertimento, e intérpretes inspirados em tipos urbanos: o italiano, o padeiro português, os espanhóis sedutores, a professora de francês, o empregado doméstico negro, dentre outros.

Ao contrário das afetividades e das relações próximas do literato com São Paulo, Lévi-Strauss constrói um outro vínculo com a cidade, que será constantemente retomado no processo de escrita dos seus livros. Suas imagens da capital paulista se compõem a partir de diversas vertentes que envolvem desde a comparação com outros lugares visitados, as leituras

antropológicas realizadas, seus questionamentos pessoais inscritos no momento da confecção das obras até as lembranças do que presenciou. Estas distancias temporais que se sedimentam nos relatos de Lévi-Strauss, permitem acompanhar os usos e ressignificações das suas recordações de São Paulo. O ato de lembrar as vivências na cidade para a escrita das suas obras não lhe revela traços lineares, contínuos e cronológicos do passado, no entanto, fornece registros dispersos, fragmentados, esvaziados e confusos, os quais, ao meu ver, são preenchidos com comentários, indagações e reelaborações das primeiras impressões. No prólogo de *Saudades do Brasil*, Lévi-Strauss nos confessa estes processos da memória, ao comentar que revendo as fotografias do Brasil para publicação do livro, elas não despertavam grandes recordações, apenas traziam “a impressão de um vazio, de uma falta daquilo que a objetiva é intrinsecamente incapaz de capturar.”²⁹ Se as fotos suscitavam poucos detalhes e fatos significativos da viagem, folhear os cadernos de anotações lhe remetia ao cheiro de creosoto das suas bagagens e, portanto, às lembranças de sons, cores e das expedições à campo.³⁰

Para tratar desses processos da memória, busco, novamente, em W. Benjamin os suportes metodológicos. Em *Sobre alguns temas em Baudelaire* (1943), o filósofo alemão se propõe a analisar as obras de Baudelaire e entender como a sua escrita lírica, gênero sem grande receptividade pelo público leitor quando o poeta francês escreve *As flores do mal*, mas que obteve sucesso no cenário parisiense em meados do século XIX. A hipótese com que Benjamin trabalha se centra em acompanhar como, neste momento, o conceito de “experiência”, dado pela transmissão da tradição, começa a se esfacelar, cedendo lugar a “vivência”, a experiência da era moderna³¹. Dentre os vários filósofos do período que se propuseram a compreender e estudar a “experiência na modernidade”, Bergson foi o primeiro a desenvolver uma reflexão científica do tema, ressaltando, assim, a estreita relação entre experiência e memória. As investigações de Bergson sobre os fundamentos da memória são apresentados ao longo do texto, onde Benjamin os recupera e os contrapõem a partir das leituras pautadas nos trabalhos de Proust. O escritor francês, autor do livro *Em busca do*

²⁹ LÉVI-STRAUSS, Claude. **Saudades do Brasil**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 9

³⁰ Idem, p. 9

³¹ W. Benjamin, no artigo citado, define o que entende por “experiência”, e acaba, consequentemente, delimitando a noção de “vivência”, como pode-se identificar no trecho selecionado: “Na verdade, a experiência é matéria da tradição, tanto na vida privada quanto na coletiva. Forma-se menos com dados isolados e rigorosamente fixados na memória, do que com dados acumulados, e com frequência inconscientes, que afluem à memória.” (p. 105)

tempo perdido (1913-1927), trabalha com alguns conceitos significativos para as análises de Benjamin, as noções de *memória involuntária* e *memória voluntária*; o primeiro termo corresponde a resíduos de memórias duradouras, que se encontram depositadas no inconsciente e não desejamos resgatá-las, elas, no entanto, aparecem ao acaso, estimuladas, por exemplo, através de odores, sons, paladares etc. A *memória voluntária*, por sua vez, se constitui de reminiscências que almejamos conscientemente lembrar a fim de nos proteger dos impactos e traumas sofridos; dito de outro modo, quanto maior for a atuação do choque nos indivíduos, mais o consciente será mobilizado para evitar novos impactos e assim, tal prática se incorporará menos na “experiência” e mais na “vivência”.³²

Os conceitos de Proust, salientados por Benjamin, interessam a esta pesquisa, particularmente, porque, possibilitam problematizar que as lembranças não são retomadas intencionalmente, linearmente e no momento desejado tampouco, reproduzem as experiências passadas tal qual como ocorreram. Memórias, no entanto, que dependem de fluxos, estímulos e sensações para se manifestarem e da mesma forma, se (re)incorporarem nas tramas, trajetórias e envolvimento dos indivíduos e grupos, como nos mostra a historiadora Jacy Seixas:

A memória não é jamais como aparece superficialmente, ou seja, como uma retrospectiva, um resgate passivo e seletivo de fatias de passado que vêm, como um decalque, compor ou ilustrar nosso presente; seu movimento, ao contrário, é antes de mais nada o de prolongar o passado no presente. A memória não é regressiva (algo que parte do presente fixando-se no passado); ela é prospectiva e, mais do que isso, é projetiva, lançando-se em direção ao futuro.³³

A partir destes jogos da memória que flexibilizam as temporalidades inscritas e permitem investigar as lembranças formadas na intersecção de experiências coletivas e individuais, que retorno às representações de Mário de Andrade e Claude Lévi-Strauss bem como aos seus encontros e desencontros imagéticos. Adentrar nas suas imagens, tendo como base as

³² BENJAMIN, Walter. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. Obras escolhidas III**. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 111

³³ SEIXAS, Jacy Alves. Os tempos da memória: (des)continuidade e projeção. Uma reflexão (in)atual para a história? **Proj. História**, São Paulo, n. 24, jun. 2002, p. 45. Cito ainda outros trabalhos de Seixas em discute os fundamentos da memória e do esquecimento, *Os campos (in)elásticos da memória: reflexões sobre a memória histórica* (2002), *Tênuas fronteiras de memórias e esquecimentos: a imagem do brasileiro jecamacunaímico* (2003) e a conferência proferida no XXVIII Simpósio Nacional de História (Anpuh-Florianópolis-SC), cujo título é “Brasil, país do futuro – políticas do esquecimento e imagens identitárias da denegação” (2015).

discussões levantadas acerca da memória, implica em pensar que, de um lado, elas reconstroem as vivências na cidade por meio de negociações entre a reconstituição do passado, as intencionalidades do presente e as projeções futuras; e do outro, elas carregam diversas relações, olhares e percursos em São Paulo compartilhados, do mesmo modo, por outros grupos intelectuais e moradores da cidade.

Cabe pontuar, entretanto, que a forma como se recordam da metrópole paulista para a criação das suas narrativas não segue processos semelhantes. Mario de Andrade escrevia sobre uma cidade, na qual estava presente diariamente e acompanhava de perto suas transformações, conseguindo, caso desejasse, reatualizar seus posicionamentos e questionamentos assim como trajetos. Claude Lévi-Strauss, porém, leva quase vinte anos para se reencontrar com as lembranças de São Paulo; de que maneira, então, pode recuperar a cidade, em que morou, se as memórias não se apresentam quando e como queremos, muito menos revelam uma continuidade? Ou ainda, como narrar, recordar, organizar os fragmentos difusos da memória e descrever São Paulo, que nunca passou de uma curiosidade aos olhos do antropólogo preocupado em registrar informações sobre as tribos nativas? Uma pista é oferecida pela documentação disposta no seu arquivo na Biblioteca Nacional da França (BNF – “Fond Cl. Lévi-Strauss”), onde no dossiê do livro *Tristes Trópicos* há materiais que revelam o processo de elaboração da obra e ao mesmo tempo serviram de suporte para as lembranças dos lugares visitados durante a viagem ao Brasil, tais quais fragmentos dos seus cadernos de viagem, roteiros das expedições, desenhos de animais e adereços indígenas, folhas dispersas com palavras em português e a tradução para o francês, e alguns mapas desenhados à mão das principais ruas, avenidas e rios da capital paulista.³⁴ Em relação às produções fotográficas, a localização e identificação das imagens para a publicação fica a cargo de Ricardo Mendes, profissional da equipe técnica de pesquisas em fotografia da Prefeitura de São Paulo, uma vez que na correspondência trocada entre eles, Lévi-Strauss fornece dados incompletos das imagens. O antropólogo consegue identificar nas cópias xerográficas apenas alguns pontos como a Avenida São João, o edifício Martinelli e a rua, onde morou, a Cincinato Braga, e deixa, no entanto, uma série de outras fotos com os seguintes comentários: “non identifié” (não identificado), “Téatro Municipal?”, “Hôtel Esplanada à gauche?” (“Hotel Esplanada à esquerda?”) e “Le bâtiment au centre est certainement un théâtre, mais lequel?” (“O edifício

³⁴ Dossiê NAF 28150 (9-11) – *Tristes Trópicos*, do Fundo Cl. Lévi-Strauss da Biblioteca Nacional da França.

no centro é certamente um teatro, mais qual?”. Comentário inscrito na imagem, em que aparece o Teatro Sant’Anna, situado no centro da cidade).³⁵

As incertezas, dúvidas, lacunas e esquecimentos em relação às experiências no Brasil e principalmente, na cidade paulista operam nos processos de confecção das obras de Lévi-Strauss e faz com que recrie, complete e reinterprete as distâncias postas entre fato narrado e o momento da escrita. Estas formas de apresentar a cidade tornam, portanto, suas narrativas únicas e intimamente atreladas à sua trajetória, particularidades, aliás, que, atuam também nas produções de Mário de Andrade, ao expor determinados caminhos, referências e percepções relacionados à descobertas pessoais e à compartilhamento de saberes. Dessa forma, pretendo ao longo da dissertação expor as divergências e afastamentos que recobrem a produção de ambos e que evidenciam usos, recursos e entradas diversas na cidade; e por outro lado, almejo apontar os diálogos entre as suas representações, as quais tratam de temáticas e signos comuns de São Paulo.

A fim de investigar os encontros e desencontros das construções imagéticas de Mário de Andrade e Claude Lévi-Strauss proponho para a organização do texto um caminho distinto do apresentado nesta introdução. Ao invés de contrapor seus relatos, expondo as intersecções e diferenças, mostro as imagens do literato e do antropólogo e como as constroem em capítulos separados com a intenção de aprofundar e detalhar os procedimentos criativos e as aproximações com outras fontes, análises intelectuais e intencionalidades pessoais; e ao final da dissertação, retorno às suas imagens para enfim, nas conclusões, elucidar e traçar os possíveis diálogos com os projetos políticos-culturais pensados para São Paulo pelos intelectuais próximo dos dois escritores. Sendo assim, a dissertação se estrutura em três capítulos: na primeira parte, discorro acerca do encontro do antropólogo com o literato em São Paulo, na década de 1930, evidenciando os projetos políticos e as atividades culturais que atravessaram as suas trajetórias pessoal e profissional bem como seus convívios com a intelectualidade paulista. A aproximação de ambos revela ainda diversas tramas políticas que possibilitaram, de um lado, a criação dos espaços de sociabilidade frequentados pelos autores, tais quais o Departamento de Cultura, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, e a Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP); e do outro, a participação direta e indireta deles nas propostas culturais e educativas promovidas por estas instituições, seja Mário de Andrade atuando como diretor do órgão municipal de cultura seja Lévi-Strauss e Dina, sua esposa,

³⁵ Dossiê NAF 28150 (61) – Saudades do Brasil, do Fundo Cl. Lévi-Strauss da Biblioteca Nacional da França.

contribuindo com cursos e materiais de pesquisa nas reuniões da Sociedade de Etnografia e Folclore.

No segundo capítulo, exponho as imagens de São Paulo presentes nas produções de Mário de Andrade, de modo a atentar quais lugares, regiões e personagens da cidade escolhe retratar assim como de quais palavras, metáforas e recursos linguísticos se apropria na tentativa de aproximar as criações literárias das vivências cotidianas dos leitores. Suas imagens, como apontado anteriormente, partilham referências comuns da cidade que estão se formando, da mesma maneira, em discursos, projetos e “opiniões” (“doxas”³⁶) sobre São Paulo, assim, aponto nesta segunda parte, alguns percursos do autor que o auxiliam nas imersões urbanas e os diálogos construídos com outras obras literárias, como os contos de Alcântara Machado e as crônicas de Guilherme de Almeida, com as notícias divulgadas nos periódicos paulistas e com as propostas urbanas pensadas para a capital paulista.

Por fim, o terceiro capítulo dedico as obras de Claude de Lévi-Strauss, que se referem a São Paulo. Acompanho a confecção de *Tristes Trópicos* assim como as dificuldades financeiras, os problemas pessoais e profissionais, e os questionamentos antropológicos presentes durante a escrita do livro. Identifico ainda as suas imagens da capital paulista que se revelam por entre as descrições detalhadas do espaço urbano, lembranças das vivências em São Paulo e comentários críticos do autor. Essas formas de representar e descrever a cidade aparecem nas produções fotográficas, onde o antropólogo organiza e propõe uma linearidade para as fotos produzidas na década de 1930. São imagens organizadas de modo a contribuir e reafirmar os seus posicionamentos e críticas acerca do desenvolvimento das cidades do Novo Mundo: acelerado, fugaz e destruidor da historicidade dos prédios, ruas e monumentos.

³⁶ CAUQUELIN, Anne. **Essai de philosophie urbaine**. p. 19-22

Capítulo 1 - Jogos políticos: os bastidores do encontro de Mário de Andrade e Claude Lévi-Strauss

Afinidades temáticas: o diálogo do literato com o jovem professor

A vinda de Claude Lévi-Strauss ao Brasil conhecida amplamente através do relato de *Tristes Trópicos* se inicia, como faz questão de delimitar, com o telefonema de Célestin Bouglé, diretor da École Normale Supérieure e seu orientador, numa manhã de domingo de 1934. Bouglé lhe oferece a oportunidade de lecionar na recém-formada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP e conhecendo as inclinações do seu aluno para os estudos antropológicos, ainda comenta sobre a possibilidade de realizar pesquisas de campo junto a indígenas nos arredores de São Paulo.³⁷ O jovem professor de filosofia embarca para o Brasil em companhia de sua esposa, Diná Lévi-Strauss, e de outros professores franceses que iriam integrar a Missão Brasil-França no ano de 1935: Fernand Braudel, Jean Maugüé e Pierre Monbeig. Exceto Braudel que tinha experiência com o ensino superior, tanto Lévi-Strauss quanto Maugüé e Monbeig, quando aceitam o convite da USP, haviam se formado recentemente e somente deram cursos em liceus franceses.³⁸ Segundo a antropóloga F. Massi, lecionar numa universidade representava para estes profissionais a oportunidade de ingressar no meio acadêmico e de realizar estudos e pesquisas, principalmente, no caso de Lévi-Strauss, aspirante das teorias etnológicas, o Brasil com inúmeras possibilidades de estudos culturais e folclóricos lhe garantiria a introdução nas práticas de campo.³⁹ É importante ressaltar que o seu interesse pela etnologia se coaduna com a expansão dessa disciplina no cenário francês do começo do XX, que culmina na criação de instituições de ensino, como o Instituto de Etnologia fundado em 1925 pelos etnólogos franceses Marcel Mauss, Lucien Lévy-Bruhl e Paul Rivet, e no financiamento das pesquisas empíricas. Em meados da década de 1930, apesar de Lévi-Strauss estar iniciando suas leituras etnológicas, já demonstrava inclinações para estudos de campos em comunidades nativas, como aparece numa das suas primeiras entrevistas feita pelo periódico paulista, *Diário da Noite*, em 24 de fevereiro de 1935, logo após a sua chegada:

- Fiz amizade a bordo do “Mendoza”, com o professor Leonidio Ribeiro Filho, que me forneceu excelentes informações de caracter científico, destinadas a facilitar minha missão no Brasil.

³⁷ LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes Trópicos**, p. 45

³⁸ MASSI, Fernanda. Franceses e Norte-Americanos nas Ciências Sociais Brasileiras (1930-1960). In: MICELI, Sérgio (org.). **História das Ciências Sociais no Brasil**. Vol. I. Vértice: São Paulo, 1995, p. 420-421

³⁹ Idem, p. 496-501

Trago, justamente com minha senhora, uma missão do grande americanista francez, professor Rivet, diretor do Museu de Anthropologia do Trocadero e do Laboratorio de Anthropologia do Museu de Historia Natural.

O professor Rivet, mestre de minha senhora, encarregou-me de fazer estudos ethnographicos em São Paulo e no interior. Procuraremos colher elementos, para o Museu Ethnographico do Trocadéro, no Estado de S. Paulo. Já fui informado de que, nos arredores da capital, estão fazendo pesquisas, com bons resultados, para a descoberta de ceramica indigena.

Estou muito interessado em acompanhar essas pesquisas. Minha senhora fará, certamente, conferencias sobre ethnographia, aqui.⁴⁰

Suas preocupações acadêmicas, na chegada ao Brasil, se dirigiam para a pesquisa empírica, propondo, assim, observar e estudar sociedades indígenas nos arredores do estado de São Paulo. Além das aspirações em realizar estudos etnológicos, Lévi-Strauss, durante a estadia no país, dedicou parte do seu tempo às atividades profissionais, tais quais, a preparação e execução das aulas na faculdade de humanidades da USP e a participação nas reuniões e confraternizações promovidas pelos intelectuais próximos à Júlio de Mesquita Filho. Algumas das atividades do antropólogo estão registradas nos recortes de jornais, guardados no seu arquivo na Biblioteca Nacional da França, que informam sobre a sua conferência, “A crise do progresso”, realizada na Faculdade de Direito, em 1935⁴¹ e a sua participação, assim como dos outros docentes franceses, nas comemorações da eleição de Armando de Salles Oliveira para o cargo de governador estadual, neste mesmo ano; e na ocasião, Paul Arbousse-Bastide, professor de sociologia, elaborou um discurso para homenagear o governador eleito. Encontrei ainda notícias sobre a presença de docentes e alunos da USP no Baile à Fantasia no Club Commercial para comemorar a inauguração da biblioteca circulante, projeto do Departamento de Cultura e a visita de Lévi-Strauss, P. Monbeig e seus alunos ao serviço de recenseamento demográfico, escolar, agrícola e zootécnico da prefeitura de São Paulo.⁴² Estes recortes de jornais dispersos mostram um primeiro mapeamento dos convívios e das amizades

⁴⁰ Dossiê NAF 28150 (232) – “Coupures de presse datant de la période brésilienne” do Fundo Cl. Lévi-Strauss da Biblioteca Nacional da França.

⁴¹ Fernanda Peixoto no artigo *Lévi-Strauss no Brasil: a formação do etnólogo* enumera cinco conferências do antropólogo proferidas durante o ano de 1935, são elas, “Progresso e retrocesso”, “A crise do evolucionismo”, “A hipótese evolucionista”, “Existem culturas superiores?” e “A caminho de uma nova filosofia do progresso”. (p. 89-90).

⁴² Dossiê NAF 28150 (232) – “Coupures de presse datant de la période brésilienne” do Fundo Cl. Lévi-Strauss da Biblioteca Nacional da França.

de Lévi-Strauss e dos docentes estrangeiros com a intelectualidade local, e o trânsito deles nas esferas municipais.

Os convívios do jovem professor em São Paulo são recuperados também nas suas entrevistas, onde Lévi-Strauss fornece, pouco a pouco, nomes, dados e lembranças das relações com os profissionais paulistas que nos auxiliam a entender a informações contidas nas notícias. A entrevista concedida a Carlos Sandroni, elucida seus relacionamentos com intelectuais importantes do cenário paulista, sendo alguns deles, vinculados ao Departamento de Cultura, instituição dirigida por Mário de Andrade:

Mas mesmo se nós, jovens professores da universidade, fomos muito bem acolhidos pelos que eu chamaria de "notáveis" - Júlio de Mesquita Filho, Fernando de Azevedo e outros -, os nossos verdadeiros amigos (aqueles com que jantávamos, saíamos à noite, fazíamos excursões) eram os do Departamento de Cultura: Mário de Andrade, Sérgio Milliet, Rubens Borba de Moraes e provavelmente outros cujo nome me escapa.⁴³

Nessa entrevista de 1993, Lévi-Strauss recorda-se dos nomes dos seus correspondentes em São Paulo e quais atividades desenvolviam juntos: jantares, saídas noturnas e excursões. As aproximações dos “jovens professores da universidade” com os intelectuais paulistas, longe de representar um acontecimento inesperado, acompanha uma série de tramas políticas assim como projetos culturais e educacionais, que originaram ambientes propícios para o encontro deles e a atuação conjunta nas propostas político-culturais da capital paulista. Cabe investigar nesta secção, um desses processos que possibilitaram a aproximação do antropólogo francês da intelectualidade local e, conseqüentemente, de Mário de Andrade: o compartilhamento de temas de estudos.

Logo na primeira entrevista, quando chega ao Brasil, Lévi-Strauss sinaliza sua vontade de realizar pesquisas de campo, que auxiliassem nos estudos etnológicos de P. Rivet e do Museu do Trocadero. Suas motivações acadêmicas, além das leituras e discussões etnológicas trazidas por ele e sua esposa despertam o interesse do literato paulista, cujos trabalhos artísticos e projetos literários almejavam estudar os costumes do povo brasileiro. As preocupações de Mário de Andrade com as tradições nacionais datam desde a década anterior, e se encontram com as propostas culturais defendidas pelo autor e seus colegas, artistas plásticos, músicos, pintores e literatos, que promoveram a Semana de Arte de 1922. Conhecer

⁴³ SANDRONI, C. Mário, Oneida, Dina e Claude. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 30, 2002, p. 238

e, principalmente, estudar as manifestações folclóricas e culturais era uma forma de “descobrir” o Brasil, de compreender a nossa origem, a qual o literato paulista faz questão de investigar nos seus textos, por exemplo, nos poemas do livro *Clã do Jaboti* (1927), no romance *Macunaíma* (1928) e no *Ensaio sobre a música brasileira* (1928), ou ainda nas viagens exploratórias pelo país. Dois anos após a Semana de Arte Moderna, Mário em companhia de Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Paulo Prado e Blaise Cendrars, poeta francês, dentre outros intelectuais, viajou por Minas Gerais à procura de cidades históricas, durante o período da Semana Santa (16 a 24 de abril de 1924). Também realizou outras duas viagens, uma pelo nordeste e norte do país, em 1927, e outra ao final de 1928 e começo do ano seguinte, novamente, pelo nordeste, onde colheu informações sobre as danças, cantos, lendas e tradições folclóricas regionais.⁴⁴ As viagens exploratórias do literato ganham consistência com a vinda do casal Lévi-Strauss, que trazia métodos de pesquisa e observação assim como técnicas de coleta de materiais e catalogação, que tornavam o trabalho do poeta mais eficiente. Não ao acaso, Mário de Andrade e sua equipe do Departamento de Cultura dão atenção especial ao curso de etnografia de Dina Lévi-Strauss, em 1936, que tinha a proposta de capacitar, principalmente, os funcionários públicos para colher, organizar e analisar os dados obtidos em campo.⁴⁵

Durante a permanência do casal Lévi-Strauss, Mário ainda aproveitou da companhia deles para realizar excursões de curta duração pelo interior paulista. Resgato uma destas expedições na entrevista à Carlos Sandroni, onde o antropólogo recorda-se de terem presenciado as comemorações de "bumba-meu-boi" ou de "mouros e cristãos".⁴⁶ Das viagens exploratórias de ambos os escritores ficaram poucos registros, além das entrevistas do antropólogo, destaco as fotografias publicadas em *Saudades do Brasil* que retratam uma procissão religiosa em Pirapora do Bom Jesus, e a de *Saudades de São Paulo*, que mostra Mário de Andrade, “fazendo uma pesquisa sobre folclore, em dia de festa, numa pequena cidade nos arredores de São Paulo”⁴⁷ – legenda atribuída à imagem.

O interesse de Mário de Andrade e Claude Lévi-Strauss pelas manifestações folclóricas e culturais, conjuga nas suas expedições pelos arredores do estado, e, sobretudo,

⁴⁴ Trago como referência sobre as viagens de Mário de Andrade, a tese de doutorado de Marcelo B. Pimentel dos Santos, *Viagens de Mário de Andrade: A construção cultural do Brasil* (2012).

⁴⁵ VALENTINI, Luísa. **Um laboratório de Antropologia: o encontro entre Mário de Andrade, Dina Dreyfus e Claude Lévi-Strauss (1935-1938)**. Dissertação de mestrado defendida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. São Paulo, 2010, p. 46-47.

⁴⁶ SANDRONI, C. Mário, Oneida, Dina e Claude. Op. cit. P. 239-240.

⁴⁷ LÉVI-STRAUSS, Claude. **Saudades de São Paulo**. Trad. Paulo Neves e organização de Ricardo Mendes. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 11

indica um compartilhamento de ideias e correntes artísticas, sociológicas e filosóficas, as quais facilitaram a aproximação deles em São Paulo. Como nos explica Lévi-Strauss, novamente, na entrevista à Sandroni:

eles [os intelectuais do Departamento de Cultura] eram todos extremamente cultivados, muito a par da literatura e da arte européia. O contato com eles era, portanto, ao mesmo tempo muito fácil e muito proveitoso. E eles eram totalmente abertos a coisas que nos interessavam muito, como o surrealismo; e ao mesmo tempo ao folclore, à cultura popular. [...] Mário e eu estávamos continuamente transitando entre a vanguarda e a arte popular.⁴⁸

As lembranças de Lévi-Strauss revelam mais um ponto de encontro com os profissionais do Departamento de Cultura, o conhecimento deles das vanguardas literárias bem como dos estudos culturais e folclóricos difundidos na Europa. A circulação de propostas culturais, ensaios científicos e movimentos artísticos pode ser acompanhada, por exemplo, através da composição da biblioteca do literato paulista que continha obras de sociólogos e etnólogos europeus, dentre as quais destaco *Les formes élémentaires de la vie religieuse* de Émile Durkheim (edição de 1925), *La mythologie primitive* de Lucien Lévy-Bruhl (ed. 1935) e *Traité de sociologie primitive* de Robert Lowie (ed. 1936); e revistas ligadas ao movimento surrealista francês como *La Nouvelle Revue Française*, *Surréalisme* e *Nouvelles Littéraires*,⁴⁹ e *L'Esprit Nouveau*, periódico que possuía artigos dos escritores surrealistas, André Breton e Max Jacob, do poeta Blaise Cendrars, e do arquiteto Le Corbusier. Esta revista era assinada, conforme pontua Lilian Escorel, também por Oswald de Andrade, Rubens Borba de Moraes, integrante do Departamento de Cultura, e Roberto Simonsen, um dos fundadores da Escola Livre de Sociologia e Política.⁵⁰

A partir da biblioteca de Mário de Andrade, mas também dos periódicos franceses que circulavam entre os intelectuais paulistas percebe-se o interesse dessa camada intelectual pelos debates estéticos, arquitetônicos e culturais divulgados no exterior. Ao longo das décadas de 1920 e 1930, com o avanço das pesquisas etnológicas, o intercâmbio de saberes e

⁴⁸ SANDRONI, C. Mário, Oneida, Dina e Claude. Op. cit. p. 239

⁴⁹ GASPARRI, Isabel. **Mário de Andrade e a literatura surrealista**. Dissertação de Mestrado defendida na Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008

⁵⁰ CARVALHO, Lilian Escorel. **A revista L'Esprit Nouveau na formação das idéias estéticas e da poética de Mário de Andrade**. Tese de doutorado em Literatura Brasileira -Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP. São Paulo, 2008, p. 47

a circulação dos intelectuais nacionais na Europa e na América do Norte, foi se incorporando, principalmente, os estudos culturais nos debates sobre a identidade nacional. Cabe sinalizar, por exemplo, o ensaio de Gilberto Freyre, *Casa Grande & Senzala* (1933), que dialoga com os trabalhos do antropólogo Franz Boas, pautados nas discussões sobre as diferenciações de raças e as heranças culturais⁵¹; existem ainda outras análises e pesquisas como as de Nina Rodrigues, datando do final do século XIX, e as produções ensaísticas dos anos 1930 e 1940, onde destaco as de Sérgio Buarque de Holanda, Paulo Prado e Caio Prado Jr., que, de modo geral, a fim de compreender as construções identitárias nacionais recorrem – sendo uma das vertentes de investigação – à chave interpretativa da miscigenação: o mito das “três raças” formadoras, o português, o negro e o índio.⁵²

Investigar as questões culturais, manifestações populares e tradições folclóricas para compreender e/ou (re)descobrir a identidade nacional e regional, particularmente, a do estado paulista, tornou-se um assunto relevante para intelectualidade local e ainda para o grupo que participava do Departamento de Cultura. Tanto que utilizavam do seu periódico, a *Revista do Arquivo Municipal*, para divulgar e promover ensaios que buscassem entender a história do estado de São Paulo, quem eram os antigos habitantes e o papel dos bandeirantes na sua constituição, como, da mesma forma, procuravam estudos sobre as manifestações folclóricas nacionais. Lembro que a revista era dirigida por Mário de Andrade, durante a sua gestão no Departamento de Cultura, e tinha como secretário, Sérgio Milliet, além de contar com colaboração dos membros desse Departamento, que apresentavam periodicamente resultados de pesquisas, discussões científicas e projetos culturais e educativos a serem desenvolvidos na capital paulista. Dentre os profissionais atuantes na *Revista*, pontuo os nomes dos integrantes do órgão cultural, Bruno Rudolfer, chefe da Sub-Divisão de Documentação Social, Nicanor Miranda, chefe da Divisão de Educação e Recreio, e Amador Florence, chefe da Divisão de Divertimentos Públicos; dos professores da USP, Claude Lévi-Strauss, Pierre Monbeig, Jean Maugüé, Paul Arbousse-Bastide e Roger Bastide, e dos seus alunos, Mário Wagner Vieira da Cunha, Cecília P. de Castro Paiva e Gioconda Mussolini; e, por fim, dos docentes da Escola

⁵¹ FREYRE, Gilberto. Prefácio à Primeira Edição. In: FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala: Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil**. 10ª edição. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editôra, 1961, p. XXIX-LX.

⁵² BRESCIANI, M. Stella. Reconhecer-se no “Outro”. A alteridade como espelho da semelhança. In: NAXARA, Márcia R. C.; MARSON, Izabel A.; e BREPOHL, Marion. (Orgs.) **Figurações do outro na história**. Uberlândia: EDUFU, 2009, p. 101-103

Livre de Sociologia e Política, Donald Pierson, Emilio Willems, Herbert Baldus e Samuel Lowrie.⁵³

Estes intelectuais contribuíam com artigos e estudos para a revista, cujos temas dialogavam com os interesses dos integrantes do Departamento de Cultura. No que se refere as produções de Claude Lévi-Strauss, por exemplo, houve quatro artigos publicados, sendo dois deles sobre as suas pesquisas antropológicas: "Contribuição para o estudo da organização social dos índios Bororó" (1936) e "A propósito da civilização chaco-santiaguense" (1937). As temáticas tratadas pelos artigos de Lévi-Strauss se relacionavam com outros estudos do periódico que propunham a investigação do folclore nacional e das sociedades indígenas. Herbert Baldus, etnólogo alemão, e Plínio Ayrosa, pesquisador do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, publicavam artigos quase mensalmente na *Revista* sobre as suas pesquisas etnológicas e arqueológicas. Baldus apresentava nos seus textos, os estudos feitos a partir das expedições antropológicas junto aos índios Tapirapé, entre o rio Araguaya e o rio Xingú, e os Bororo e os Carajá, localizados no Mato Grosso; e, no caso de Ayrosa, suas publicações se centravam em entender a etimologia das palavras “nacionais” e as mudanças de sentido ao longo do tempo. A *Revista* ainda possuía uma seção fixa, "Arqueologia Brasileira", escrita pelo professor Ruy W. Tibiriça, que abordava tópicos como a origem de objetos sagrados e utensílios de cerâmica deixados pelos antigos habitantes da América do Sul.⁵⁴

Enquanto a *Revista do Arquivo Municipal* se encarregava de divulgar para a intelectualidade local os estudos etnológicos, mas também históricos, geográficos, demográficos e sociológicos dos professores das instituições de ensino superior, se consolidava na cidade outros espaços culturais, que davam suporte as estas pesquisas, como as associações pertencentes ao Departamento de Cultura, as Sociedades de Sociologia e de Etnologia e Folclore, sendo esta última idealizada a partir das aulas ministradas por Dina Lévi-Strauss. O curso da etnóloga e a Sociedade de Etnologia e Folclore tinham objetivos parecidos e quase os mesmos membros, já a Sociedade de Sociologia se diferenciava deles no enfoque dado as pesquisas e não era, segundo a historiadora S. Rubino, “um projeto pessoal de Mário de Andrade, o que lhe confere certa independência em relação aos projetos do DC [Departamento de Cultura]” e lhe garante o funcionamento para além da gestão do literato

⁵³ CLARO, Silene Ferreira. **Revista do Arquivo Municipal de São Paulo: um espaço científico e cultural esquecido (proposta inicial e as mudanças na trajetória – 1934-1950)**. Tese de doutorado apresentada ao Programa de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP. São Paulo, 2008, p. 120-134

⁵⁴ Idem, p. 148-293

paulista, realizando suas atividades até 1944.⁵⁵ Esta Sociedade agrupou nos seus quadros os técnicos municipais e docentes da Escola Livre e da USP como Bruno Rudolfer, H. Baldus, S. Lowrie e P. Arbousse-Bastide aspirando, assim, promover estudos populacionais e sociais, que auxiliassem na administração municipal.⁵⁶ O curso de Dina Lévi-Strauss e a Sociedade de Etnologia e Folclore, por sua vez, apesar de terem entre seus membros intelectuais que também frequentavam a Sociedade de Sociologia e de trabalharem com métodos que interseccionam os campos da sociologia e da antropologia, se centravam, particularmente, em pesquisas sobre as manifestações populares, folclore, costumes regionais e tribos indígenas.

A Sociedade de Etnologia e Folclore foi criada em decorrência do sucesso das aulas da etnóloga francesa, que possibilitaram a abertura, primeiramente, de um Club de Etnologia com a participação dos alunos e frequentadores do curso e em seguida, da Sociedade. As aulas de etnografia, ministradas por Dina Lévi-Strauss, em 1936, ocorriam, como lembra Mário Wagner Vieira Cunha, aluno do curso, na Escola Livre de Sociologia e Política no período noturno, e após o término, os participantes ficavam até altas horas conversando sobre os temas discutidos.⁵⁷ Mário de Andrade, assíduo frequentador do curso, acrescenta mais alguns detalhes das aulas na correspondência trocada com Rodrigo de Mello Franco de Andrade, 07/08/1936: “Depois tenho o curso de Etnografia tão lindo do Departamento. Hoje é aula extra (2 por semana) com projeção e análise dos filmes etnográficos tirados por intervenção do Departamento entre índios de Mato Grosso. As danças são uma revelação etnográfica. Não se conhecia ainda coreografias tão complicadas entre índios do Brasil”.⁵⁸ A partir desses registros, percebe-se a receptividade do curso de Dina Lévi-Strauss entre seus frequentadores, que vinham de meios diversos – a municipalidade e a universidade – acompanhar as aulas inspiradas nos materiais recolhidos nas expedições antropológicas. O curso ainda oferecia à etnóloga francesa a oportunidade de consolidar um grupo de estudo voltado para as temáticas culturais bem como de introduzir a disciplina etnográfica e de divulgar seus métodos de pesquisa nos espaços intelectuais paulistas, como explica no relatório enviado a Jean Marx⁵⁹:

⁵⁵ RUBINO, Silvana. Clubes de pesquisadores. A sociedade de Etnologia e Folclore e a Sociedade de Sociologia. In: MICELI, Sérgio. (org.). **História das Ciências Sociais no Brasil**. São Paulo: Editora Sumaré: FAPESP, 1995. Vol. 2, p. 512

⁵⁶ Idem, p. 516

⁵⁷ CUNHA, M. W. V. Entrevista com Mário Wagner Vieira da Cunha (Edição final de Fernando Antonio Pinheiro Filho e Sergio Miceli). **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, 2008, v. 20, n. 2, p. 274

⁵⁸ **Mário de Andrade: cartas de trabalho: correspondência com Rodrigo Mello Franco de Andrade, 1936 – 1945**. Brasília: Secretária do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: Fundação Pró – Memória, 1981.

⁵⁹ Jean Max era diretor do Service des Oeuvres Françaises à l'Étranger e coordenador junto com George Dumas dos professores franceses integrantes da Missão França-Brasil.

Grandes possibilidades se abrem assim, numa direção completamente nova, para a propaganda francesa no Brasil. A Etnografia brasileira é um campo inexplorado; o curso do qual fui encarregada é o primeiro do gênero no Brasil, e seu alcance ultrapassa o de um simples curso acadêmico, pois que seu objetivo é formar uma escola de pesquisadores especializados, funcionários municipais (amanhã, sem dúvida, a eles se juntarão oficiais do exército e missionários), cuja formação técnica poderá ser puramente francesa. Esta influência penetra, assim, num meio intelectual e administrativo diferente do da Universidade, meio onde a cadeira permanente que ocupo beneficiou-se, durante todo o ano de 1936, de uma audiência regular de 50 a 80 pessoas.⁶⁰

Dina Lévi-Strauss, ao retomar os procedimentos de pesquisa do Museu do Trocadéro, do Instituto de Etnologia e da Escola Francesa do Extremo Oriente da França, e do manual do Instituto Real de Antropologia difundido na Inglaterra, pretendia com o seu curso instruir os pesquisadores à trabalharem com os métodos e as formas de análises vindas da etnologia, principalmente, das linhas de estudo francesas.⁶¹ Os métodos de coleta de materiais e de observação dos objetos empíricos despertavam interesses nos alunos do curso, especialmente, em Mário de Andrade, que ressaltava nos seus trabalhos ensaísticos, a ausência de estudos minuciosos e preocupados com análise cautelosa dos registros folclóricos nacionais.⁶² Assim, tanto as aulas ancoradas na apresentação de fichas de catalogação e debates metodológicos – uso do filme sonoro, da câmera fotográfica e dos aparelhos de gravação, e a descrição de danças, contos, lendas, jogos e organização social – quanto as práticas empíricas apresentadas pelas expedições à campo do casal Lévi-Strauss, geram notoriedade para o curso de Dina, o que possibilitou a sua continuação sob a forma de uma instituição: a Sociedade de Etnologia e Folclore.

As reuniões desta associação, criada no ano seguinte, ocorriam na sede do Departamento de Cultura e contavam com a presença de Mário de Andrade, Roger Bastide,

⁶⁰ Relatório de Dina Lévi-Strauss, dezembro de 1936. In: SANDRONI, C. Mário, Oneida, Dina e Claude. p.241-242

⁶¹ VALENTINI, Luísa. **Um laboratório de Antropologia: o encontro entre Mário de Andrade, Dina Dreyfus e Claude Lévi-Strauss (1935-1938)**, p. 44-60

⁶² A antropóloga L. Valentini, ao analisar o curso de etnografia de Dina Lévi-Strauss, mostra o quanto as propostas da etnóloga francesa dialogam com as preocupações de Mário de Andrade acerca dos estudos folclóricos realizados no Brasil. No *Ensaio sobre a música brasileira* (1928) do literato paulista, Valentini localiza esta inquietação, a qual reproduz: “Nosso folclore musical não tem sido estudado como merece. Os livros que existem sobre eles são deficientes sob todos os pontos-de-vista. E a preguiça e o egoísmo impedem que o compositor vá estudar na fonte as manifestações populares. Quando muito ele se limitará a colher pelo bairro em que mora o que este lhe faz entrar pelo ouvido da janela.” (p.70 apud VALENTINI, 2010, p. 49).

Paul Arbousse-Bastide, Pierre Monbeig, Emilio Willems e Fernando de Azevedo.⁶³ Claude Lévi-Strauss, apesar de compor a lista de sócios fundadores da Sociedade, participava eventualmente dos encontros e chegou a contribuir somente com as seguintes comunicações orais “Os índios Kadiueu” e “Algumas bonecas Karajá”. Estas palestras estão registradas no *Boletim da Sociedade de Etnologia e Folclore*, onde ainda constam outras conferências ministradas pelos seus integrantes, que aconteceram entre abril de 1937 e maio de 1938, são elas, “Que é folclore” e “Plano de Trabalho” de Dina Lévi-Strauss, “A representação cartográfica de fenômenos humanos” de Pierre Monbeig, “Festa de Pirapora” de Mario Wagner Vieira da Cunha, “Estrutura do samba rural paulista” e “Dona Ausente” de Mário de Andrade, “Um caso de arquitetura popular paulista”, “Bertioga” e “Festas Populares” de Luiz Saia, e “Zoneamento estatístico do Estado de São Paulo” de Sérgio Milliet.⁶⁴ A Sociedade de Etnologia e Folclore conseguia, portanto, por meio das temáticas desenvolvidas, agrupar nas suas reuniões membros da Universidade de São Paulo, da Escola Livre de Sociologia e Política e da intelectualidade paulista interessados em compreender, analisar e pesquisar os fenômenos populares.

A Sociedade ao mesmo tempo em que contribuía para a circulação de saberes, possibilitava e, conseqüentemente, incentivava a atuação de docentes assim como dos seus alunos nas atividades desenvolvidas pela municipalidade. O curso de Dina Lévi-Strauss, a Sociedade de Etnografia e Folclore e os programas culturais do Departamento de Cultura impulsionavam os discentes da USP e da ELSP a compartilharem suas pesquisas bem como a frequentarem estes espaços a fim de divulgarem os conhecimentos aprendidos nos cursos superiores. Cabe ressaltar que alguns dos concursos da instituição dirigida por Mário de Andrade, como o de educadoras de parques infantis solicitava que as candidatas tivessem, preferencialmente, diploma nos cursos da USP.⁶⁵ Com isso, almejava-se valorizar a formação universitária – ainda mais das disciplinas recém-inauguradas na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – dentro da prefeitura.

Acompanho o envolvimento dos alunos das instituições de ensino superior nas seções municipais por meio da trajetória profissional de alguns deles, que conviveram direta ou indiretamente com Mário de Andrade e Claude Lévi-Strauss, são eles, Mário Wagner Vieira

⁶³ **Mário de Andrade e a Sociedade de Etnografia e Folclore, no Departamento de Cultura da Prefeitura do município de São Paulo, 1936-1939.** Rio de Janeiro: Funarte, Instituto Nacional do Folclore; São Paulo: Secretaria Municipal da Cultura, 1983 p. 8

⁶⁴ Idem.

⁶⁵ Informações encontradas no acervo do Departamento de Cultura, no Arquivo Histórico de São Paulo. Caixa 7 – Seção: Divisão de Educação e Recreio.

da Cunha, estudante da USP e sócio da Sociedade de Etnologia e Folclore; Lavínia Costa Vilella, instrutora dos parques infantis, foi, do mesmo modo, aluna da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, e do curso de Diná Lévi-Strauss assim como sócia fundadora da Sociedade, coordenada pela etnóloga. Além disso, Vilella publicou artigos na *Revista do Arquivo Municipal* e na revista do grêmio da FFCL, na mesma seção que os professores C. Lévi-Strauss, P. Arbousse-Bastide e Pierre Monbeig; Nicanor Miranda, cursava filosofia na Universidade de São Paulo, era aluno de Lévi-Strauss e foi chefe de uma das divisões do Departamento de Cultura, durante a gestão de Mário de Andrade; e, por fim, Sara Ramos, instrutora dos parques infantis e aluna da USP.

O incentivo a circulação de intelectuais, docentes e alunos nas estruturas municipais garantiu a aproximação do antropólogo francês com o literato paulista, de modo que os compartilhamentos de resultados de pesquisas e as viagens conjuntas pelo estado de São Paulo, ampliaram tanto os estudos acadêmicos de Lévi-Strauss quanto os registros culturais do Departamento de Cultura. Enquanto o encontro deles concilia, de um lado, o interesse da intelectualidade paulista pelas temáticas culturais, que auxiliassem na compreensão das construções identitárias nacionais e regionais; do outro, expõem as iniciativas e vontades dos docentes estrangeiros em realizar pesquisas empíricas no Brasil, voltadas para os campos etnológico, sociológico, geográfico ou histórico. A afinidade temática é, portanto, um dos pontos que levou a aproximação entre os dois escritores, cabe ainda investigar outros movimentos políticos, sociais e culturais, que também possibilitaram a participação dos professores das instituições de ensino superior nos ambientes municipais.

Movimentos políticos, projetos culturais-educativos e a formação da USP

Sabíamos por experiência própria a que terríveis aventuras nos tinham arrastado, de um lado, a ignorância e a incapacidade dos homens que até 30 haviam discricionariamente disposto dos destinos tanto do nosso Estado como da Nação, e, de outro, a fatuidade vazia dos escamoteados da revolução de outubro. Quatro anos de estreito contato com os meios em que se moviam as figuras proeminentes de ambas as facções em luta levaram-nos à convicção de que o problema brasileiro era, antes de mais nada, um problema de cultura. Daí a fundação da nossa Universidade e consequentemente a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.⁶⁶

⁶⁶ MESQUITA Filho, Júlio de. Universidade, realização da Revolução Democrática. In: MESQUITA Filho, Júlio de. **Política e Cultura**. São Paulo: Martins, 1969, p. 164

Júlio de Mesquita Filho, paraninfo da primeira turma da Universidade de São Paulo, em 1937, aproveita da solenidade para pronunciar em conferência as palavras expostas no trecho citado. Seu discurso organizado de modo a salientar importância da universidade paulista e ao mesmo tempo defender o papel inovador da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, aborda um ponto central para o entendimento das demandas políticas que levaram a fundação desta instituição: a associação dos problemas nacionais à uma deficiência cultural da população. Analisar os “fracassos” e “insucessos” das administrações paulistas como resultados de carências culturais e educacionais dos cidadãos tornou-se uma questão presente nos discursos dos intelectuais próximos ao diretor d’*O Estado de São Paulo* e da mesma forma, norteou as suas atuações no governo estadual. Ao longo da década de 1930 foram criadas com o apoio financeiro e/ou político desses intelectuais, a Escola Livre de Sociologia e Política⁶⁷ (1933) e a Universidade de São Paulo (1934), e o Departamento de Cultura do Município, durante a gestão de Fábio Prado, passou por reestruturações administrativas e expandiu suas ações e projetos pela cidade. Estas instituições, aliás, acolheram o literato paulista e o antropólogo francês, além de facilitarem a aproximação deles, ao estimularem pesquisas conjuntas entre os profissionais da municipalidade e da universidade.

Retorno ao discurso de Mesquita Filho, que ainda nos oferece elementos para compreender como o diretor do jornal e os intelectuais ligados a ele constroem seus posicionamentos políticos e consequentemente, suas intervenções na capital paulista. Na primeira parte da oração, Mesquita se refere a dois grupos políticos que, ao seu ver, dificultaram o desenvolvimento de São Paulo e do Brasil: o primeiro corresponde aos políticos que, desde a proclamação da república até o final da década de 1920, agiam discricionariamente nas esferas estaduais e federais; já o segundo grupo se consolida no poder com a “Revolução de 1930”, nesse caso, o diretor d’*O Estado de S. Paulo* faz referência ao grupo político de Getúlio Vargas. A solução, portanto, para as “terríveis aventuras” administrativas seria “uma reforma radical do aparelhamento escolar do País e a instauração de uma vigorosa política educacional [que] poderiam evitar a catástrofe final que os

⁶⁷ A Escola Livre de Sociologia e Política, como era uma instituição privada, contou com o apoio financeiro de Roberto Simonsen, Samuel Ribeiro, Conde Modesto Leal, Armando Alvares Penteado, Paulina de Souza Queiroz, Cia Paulista de Estradas de Ferro, Cia. Dócas de Cantos, Diários Associados, dos jornais *O Estado de S. Paulo*, *A Gaveta* e *Folha da Manhã*, e do Banco Comercial do Estado de São Paulo. Dentre os seus membros fundadores, destaco ainda os nomes de Armando de Salles Oliveira e Antônio de Almeida Prado. Para mais informações sobre esta instituição, sugiro a consulta do artigo “Informações sobre a Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo - memorial apresentado aos senhores deputados”, presente na *Revista do Arquivo Municipal* (1935).

movimentos de 1922, de 24, de 30 e 32 nada mais faziam do que prenunciar”.⁶⁸ Em suas análises, os fatos históricos e políticos das últimas décadas são recuperados com a intenção de atribuir à formação da USP um papel inovador e de mudança frente aos movimentos políticos, os quais, na sua opinião, conduziam a nação e particularmente, o estado paulista a uma “catástrofe”. Longe, no entanto, de manifestar rupturas e descontinuidades políticas, o processo de criação da universidade remonta à concepções, discursos e negociações entre a elite paulista e o governo federal para concretizarem seus projetos de nação.

O cientista político Fernando Limongi, no artigo *Mentores e clientelas da Universidade de São Paulo* (2001), ao rever os movimentos políticos que propiciaram a abertura da USP, pontua que as ideias para a instauração de uma universidade em São Paulo datam desde o final dos anos 1910 e se relacionam com as preocupações educacionais e culturais da elite paulista, difundidas, especialmente, pelo grupo político denominado Liga Nacionalista. A Liga fundada na cidade de São Paulo, em 1917, logo após a criação do seu primeiro núcleo no Rio de Janeiro, tinha como membros na capital paulista antigos adeptos dos PRP, como Levi Moreira, Edgar Carone e Paulo Nogueira Filho, além de outros intelectuais, estudantes e profissionais liberais dentre os quais destaco os nomes de Antônio Sampaio Dória, Júlio de Mesquita Filho, Plínio Barreto, Gama Cerqueira e Ernesto de Souza Campos. As principais reivindicações da Liga se centravam na “necessidade de reformas políticas moralizadoras com a adoção do voto secreto e obrigatório, [na] erradicação do analfabetismo e [na] assimilação do imigrante”.⁶⁹ Seus integrantes descontentes com os rumos econômicos e políticos do país depositavam a solução destes problemas numa reestruturação do governo, na qual o voto secreto e a elaboração de projetos de formação e educação da população seriam fundamentais. Estas preocupações, contudo, se coadunavam com o aumento do número de imigrantes na capital paulista e os temores de que os estrangeiros pudessem instaurar, no Brasil, movimentos totalitários, como o fascismo ou o comunismo.

A imigração se tornou uma questão de extrema relevância para os membros da Liga, como explica o historiador Boris Fausto, pois, até o começo da década de 1920, conservavam uma visão negativa dos estrangeiros pautada nas greves operárias de 1917-20 em São Paulo bem como no medo de que difundissem as ideias comunistas no país, fato que se agrava com a eclosão da Revolução Rússia, em 1917. A associação dos imigrantes a “agitadores” e

⁶⁸ Idem, p. 164

⁶⁹ LIMONGI, Fernando. *Mentores e Clientelas da Universidade de São Paulo*. In: MICELI, Sérgio. (org.) **História das Ciências Sociais no Brasil**. São Paulo: Editora Sumaré, 2001, p. 136

“desordeiros” se altera, no decorrer da década, e passa a vigorar nos discursos dos integrantes da Liga, como os de Júlio de Mesquita Filho e Reynaldo Porchat, um novo problema: a desconfiança nos “novos ricos”, ou melhor, nos estrangeiros que vinham enriquecer no nosso país e não tinham comprometimento com a vida política nem com a nossa língua e o nosso povo.⁷⁰ Cabe lembrar que as críticas em relação aos “novos imigrantes ricos” elaboradas pelos sócios da Liga, que depois fundam o PD, se encontram com os confrontos políticos manifestados contra o PRP, partido de oposição, o qual ainda possuía no seu quadro de associados, políticos de origem ou descendência italiana, tais quais Antonio Corvello e Menotti del Picchia, que defendiam nas estruturas governamentais os interesses e as demandas da sua comunidade.⁷¹

Apesar da Liga Nacionalista encerrar as atividades em 1924, suas propostas continuam a ser difundidas e reivindicadas pelos integrantes paulistas, que se apropriavam dos periódicos, particularmente, do jornal *O Estado de S. Paulo* para se pronunciar, apoiar candidaturas e promover debates em torno da necessidade de criação de uma universidade em São Paulo.⁷² Acompanha-se estas discussões n’*O Estado*, que percorrem os anos 1920, por meio dos textos de Júlio de Mesquita Filho, nos quais apresenta suas opiniões sobre o sistema educacional brasileiro assim como sugestões para as demandas modernas de instrução das camadas carentes;⁷³ do inquérito feito por Fernando de Azevedo sobre a educação no país, publicado em 1926, onde dividiu-se as discussões educacionais em três partes, o ensino normal e primário, técnico e profissional, e secundário e superior, de modo que em cada secção educadores, políticos e intelectuais debatiam acerca dos problemas no ensino e de possíveis soluções.⁷⁴ No último tópico, por exemplo, aparecem os nomes de Teodoro Ramos e Reynaldo Porchat, engenheiro e advogado, respectivamente, que, na década seguinte, serão responsáveis tanto pela formação da Universidade de São Paulo quanto pela sua

⁷⁰ BORIS, Fausto. Imigração e participação política na primeira República: o caso de São Paulo. In: BORIS, F. e al. **Imigração e política em São Paulo**. São Paulo: Sumaré, 1995, p. 7-26.

⁷¹ LIMONGI, Fernando. Mentores e Clientelas da Universidade de São Paulo, op. cit. p. 143

⁷² Fernando Limongi ainda no seu texto, relaciona a criação da USP com as reformas educacionais que visavam reestruturar os ensinos primário e secundário bem como a formação dos professores escolares. Trabalha, assim, com as reformas educacionais feitas por Sampaio Dória, em 1920, depois suas alterações nas propostas de 1925 e 1927, a Reforma de Lourenço Filho, em 1931, e a Reforma de Fernando de Azevedo em 1933, a qual instaurou o Instituto de Educação. Estas reformas, ao seu ver, foram importantes para consolidar as ideias que levaram a abertura da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, no entanto, não me deterei nelas, uma vez que minha preocupação é evidenciar as tramas políticas que tangem os movimentos educacionais, culturais e sociais em São Paulo.

⁷³ MESQUITA FILHO, Júlio. **A Crise Nacional - reflexões em torno de uma data**. São Paulo: Secção de Obras d’O Estado de S. Paulo, 1925.

⁷⁴ LIMONGI, Fernando. Mentores e Clientelas da Universidade de São Paulo, p. 171-172;

organização.⁷⁵ E por fim, tem-se as reportagens dos professores franceses, Georges Dumas (28/09/27) e Paul Fauconnet (12/10/27), que ressaltavam a necessidade de criar em São Paulo uma Faculdade de Filosofia e Letras. Assim como Porchat e Ramos, ambos os professores auxiliaram na organização da universidade, ao selecionar os docentes franceses para lecionar nos cursos de humanidades.⁷⁶ A campanha educacional de Júlio de Mesquita Filho e dos seus colegas ganha destaque no cenário paulista com a divulgação de reportagens, editoriais e notícias no jornal *O Estado de S. Paulo*. Lembro ainda que o periódico mantinha nos seus quadros de redação e direção, alguns desses intelectuais responsáveis pela campanha. Após a morte de Júlio de Mesquita, em 1927, Júlio de Mesquita Filho, seu filho, assume a direção do jornal junto com Nestor Rangel Pestana, Armando de Salles Oliveira torna-se presidente do periódico, Francisco Mesquita, irmão do diretor, ocupa o cargo de gerente, e Plínio Barreto, Paulo Duarte e Fernando de Azevedo atuam na equipe de redação.⁷⁷

A campanha educacional divulgada n' *O Estado de S. Paulo* se insere nas propostas de reformulação das bases governamentais e nos projetos de formação e instrução da população pensados pelos intelectuais paulistas que, em 1934, conseguem, finalmente, instaurar uma universidade em São Paulo. A criação da USP e de outras organizações educacionais e culturais se coaduna, da mesma forma, com a inserção dos seus membros fundadores nos cargos estatais: Fernando de Azevedo na função de Diretor-Geral de Instrução Pública, em 1933, Armando de Salles como interventor e em seguida, governador eleito de São Paulo (1933-1936), e Paulo Duarte, exercendo o cargo de deputado federal; e, por outro lado, as ideias que culminaram na abertura dessas instituições remontam a um período de negociações, acordos e conflitos entre o governo federal e a administração de São Paulo, que marcam os intensos debates políticos da década de 1930.

⁷⁵ No que se refere a administração da USP ambos os intelectuais estavam envolvidos seja Teodoro Ramos com a função de recrutar, na Europa, os professores estrangeiros para lecionar na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras seja R. Porchat que assumiu o cargo de reitor da universidade de 1934 a 1938.

⁷⁶ Sobre o envolvimento dos intelectuais franceses, pertencentes ao Groupement des Universités et Grandes Écoles, na formação da USP bem como as iniciativas do governo francês em incentivar e promover intercâmbios científicos entre as instituições de ensino da França e aquelas da América Latina, destaco os seguintes trabalhos: de P. Petitjean, *Le groupement des universités et grandes écoles de France pour les relations avec L'Amérique latine, et la creation d'instituts à Rio, São Paulo et Buenos Aires (1907/1940)* (1989) e *A ciência nas relações Brasil-França (1850-1950)* (1996), e de Guy Martinière, *Aspects de la coopération franco-brésilienne – Transplantation culturelle et stratégie de la modernité* (1982).

⁷⁷ Irene Cardoso, em *A universidade da comunhão paulista* (1982) e Roberto Salone, no livro *Irredutivelmente liberal: política e cultura na trajetória de Júlio de Mesquita Filho* (2009), descrevem, detalhadamente, as reconfigurações da equipe do jornal *O Estado de S. Paulo* assim como os fechamentos, aberturas e censuras registradas desde os anos 1920, com a direção de Júlio de Mesquita Filho.

As negociações que resultaram na consolidação da USP, instituição onde o antropólogo lecionou, e do Departamento de Cultura, em que Mário de Andrade dirigiu, revelam momentos de confluência e divergência entre os projetos políticos do governo de Getúlio Vargas e da intelectualidade paulista. Os diálogos e confrontos políticos do Estado com a gestão estadual se iniciam com a disputa presidencial em 1930, cujos candidatos eram Júlio Prestes, do PRP, e Getúlio Vargas pelo partido rio-grandense, o PRR. Os integrantes do jornal *O Estado de S. Paulo*, num primeiro momento, defendem a candidatura de Vargas, sinalizando-o “como o paladino de uma renovação, ‘capaz de colocar as leis e os métodos de governo ao nível da cultura e das aspirações nacionais’.”⁷⁸ Os intelectuais do periódico paulista, os quais, na sua maioria, eram também associados ao PD⁷⁹, depositam na candidatura de Vargas a esperança de uma reestruturação política, que, na opinião deles, não se realizara durante a gestão dos governantes do PRP em São Paulo nem na administração do atual presidente, Washington Luís. No entanto, a exaltação e o apoio da elite paulista ao político rio-grandense se alteram após o “movimento político-militar” de 1930, que culminou na exoneração de W. Luís do cargo de presidente e na instauração do governo provisório de Vargas (1930-1934).⁸⁰

Se os acontecimentos políticos de 1930 geram um primeiro descontentamento dos paulistas em relação as condutas de G. Vargas, as determinações impostas no período de 1931 a 1932, do governo provisório para o estado de São Paulo, intensificam as divergências entre os grupos políticos. As historiadoras Vavy Pacheco e Ilka Cohen acrescentam ainda que Vargas ao assumir o governo provisório desloca para São Paulo parte das forças armadas, além de nomear para interventor do estado, o militar João Alberto Lins de Barros; e no campo econômico, “embora Vargas tenha atendido [as] necessidades da cafeicultura, a implantação de uma centralização político-administrativa retirou das mãos do governo paulista o controle da política cafeeira, atingindo o núcleo da autonomia estadual”, pois autorizou a cobrança de impostos dos pés de café e das mercadorias importadas pelo porto de Santos assim como

⁷⁸ SALONE, R. **Irredutivelmente liberal: política e cultura na trajetória de Júlio de Mesquita Filho**. São Paulo: Albatroz Editora, 2009, p. 126

⁷⁹ O Partido Democrático, fundado em 1926, teve como integrantes Armando de Salles Oliveira, Reinaldo Porchat, Paulo Nogueira Filho, Gama Cerqueira, Francisco Morato, Paulo Duarte, Marrey Júnior, dentre outros intelectuais. Apesar do jornal *O Estado de S. Paulo* não se manifestar a favor de nenhum partido, o PD ou o PRP, os textos de Júlio de Mesquita Filho bem como dos intelectuais que participavam da equipe de redação compartilhavam ideias e propostas políticas semelhantes àquelas defendidas pelo PD, como pontua Maria Lígia Prado em *A democracia ilustrada* (1986).

⁸⁰ BORGES, Vavy P. e COHEN, Ilka S. A cidade como palco: os movimentos armados de 1924, 1930 e 1932. In: PORTA, Paula (org.). **História da Cidade de São Paulo, v. 3: a cidade na primeira metade do Século XX**. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 308.

retirou a “isenção do frete de açúcar das estradas estaduais”.⁸¹ As políticas de Vargas, ao desestabilizarem a gestão de São Paulo tanto quanto sua economia, acentuam as insatisfações da elite paulista por parte dos integrantes do PD como também dos cafeicultores e donos de terras, pertencentes ao PRP, o que provoca a união de ambos os partidos na formação da Frente Única Paulista, em fevereiro de 1932, a fim de se oporem às ações do governo federal.

A insatisfação, os problemas políticos e os conflitos de interesses com o governo provisório provocam o confronto armado das tropas paulistas contra a administração varguista, e iniciam, assim, o movimento constitucionalista de 32. A disputa durou três meses e ao final, alguns dos intelectuais paulistas que coordenaram a investida contra Vargas, dentre eles, Júlio de Mesquita Filho, Paulo Duarte e Francisco Morato foram exilados, nomeou-se o general Waldomiro Lima para interventor do estado e prometeu-se eleições para a Constituinte. Os resultados do confronto apresentados pela imprensa paulista e pelos discursos dos políticos locais apontam, na linha contrária dos relatos dos ex-combatentes e dos habitantes da capital, para um saldo positivo, uma vitória no meio da derrota, pois o objetivo principal foi atingido: a convocação para a eleição presidencial do governo constitucional.⁸² Para V. Pacheco e I. Cohen, as imagens construídas logo após o movimento armado, expostas nas bandeiras, panfletos, cartazes e monumentos, como a Ponte das Bandeiras, em homenagem ao povo paulista e sua “bravura” no combate civil, revelam-se como elementos importantes para a construção dos discursos políticos e a consolidação de propostas culturais, sociais e urbanísticas na cidade. Ressalto, por exemplo, o discurso de Júlio de Mesquita Filho, na introdução desta secção, como também os de Armando de Salles Oliveira, Paulo Duarte, Fábio Prado ou ainda, as iniciativas culturais do Departamento de Cultura, que resgatavam os acontecimentos de 32 para justificar as intervenções no espaço físico da cidade, os projetos de educação e formação da população assim como os concursos de monografias históricas promovidos pela *Revista do Arquivo Municipal*. As historiadoras trabalham com alguns dos discursos elaborados por estes intelectuais, dentre os quais destaco a conferência do prefeito Fábio Prado, na cerimônia de abertura dos projetos de expansão urbana para o sul e sudoeste de São Paulo, onde situa as obras de prefeitura como uma continuação dos movimentos históricos paulistas. Nas palavras do prefeito, as aberturas

representa[m] muito mais do que a reação de povo para o reestabelecimento de um regime legal, porque sintetiza[m] o próprio espírito de São Paulo. A

⁸¹ Idem, p. 310-311.

⁸² Idem, p. 333

obsessão paulista de abrir caminhos mostra que a primeira bandeira foi a de Aleixo Garcia, a última não foi a de Manuel Dias da Silva, pois a última foi a de 1932. Agora, o Vale do Anhangabaú assiste à última arrancada paulista. Deste mesmo ponto, há alguns séculos, principiaram a subir a encosta do Piques dois caminhos: um de Fernão Dias, em demanda de Santo Amaro, outra demanda de Pinheiros, do Padre Belchior de Pontes. Hoje, abre-se um novo em demanda de nós mesmos.⁸³

Estas imagens construídas nos discursos políticos ao mesmo tempo em que exaltavam o “heroísmo” e a “resistência” do povo paulista, colaboravam para as aproximações do grupo de Mesquita com o governo federal, uma vez que o movimento de 1932, para determinados setores intelectuais, não representou a derrota das posições paulistas frente as decisões governamentais. As representações elaboradas e as análises dos eventos históricos consolidam os embates identitários do estado de São Paulo e vão ao encontro dos interesses da elite paulista em se reaproximar do governo federal a fim de garantir a implantação dos seus projetos políticos, econômicos e culturais para a capital. As iniciativas para a abertura de diálogos, acordos e negociações com a federação coincidem com as aspirações políticas de Vargas, que preocupado com a possível oposição da bancada paulista para sua eleição na Constituinte, em 1934, se reconcilia com os antigos opositores, assim, nomeia Armando de Salles Oliveira para interventor de São Paulo, em agosto de 1933, e restitui, aos poucos, a autonomia do estado para as decisões internas.⁸⁴ Ao assumir a interventoria, Armando de Salles conjuntamente com os intelectuais ligados ao jornal *O Estado*, que, neste período, atuavam nas esferas públicas, direcionam as políticas estaduais para o campo educacional e cultural, de modo a retomar as ideias discutidas previamente: a necessidade de uma instituição de ensino superior na capital paulista.

O projeto decreto-lei de fundação da Universidade de São Paulo elaborado por Fernando de Azevedo em colaboração com o interventor e Júlio de Mesquita Filho⁸⁵ propunha como objetivos da instituição: promover a ciência pura, formar professores capacitados a lecionar nos cursos primários e secundários, e divulgar as pesquisas realizadas para a sociedade, de modo a contribuir, “pelo estudo científico dos grandes problemas nacionais e

⁸³ Discurso Fábio Prado (São Paulo, *Revista do Arquivo Municipal*, nº14, julho de 1935) apud idem, p. 337.

⁸⁴ BORGES, Vavy P. e COHEN, Ilka S. A cidade como palco: os movimentos armados de 1924, 1930 e 1932. Op. cit. p. 333

⁸⁵ Na entrevista realizada com Paulo Duarte, em 1977, o deputado paulista revela que além da sua participação na formação da USP, outros professores e políticos de São Paulo ajudaram na articulação da universidade, são eles, Vicente Rao, Henrique Rocha Lima, Fonseca Teles, Teodoro Ramos, André Dreyfus e Reinaldo Porchat. (p. 104-105)

mundiais, para a difusão dos ideais de vida, dando-lhes, forma e expressão, como aparelho orientador do pensamento e das aspirações colectivas”.⁸⁶ A partir das propostas educativas da USP, percebe-se o quanto o grupo do diretor d’*O Estado de S. Paulo* depositava nesta instituição a possibilidade de reestruturar as bases governamentais por meio da organização do ensino básico e universitário, e da educação das camadas carentes, instruindo-as a escrever e ler na língua nacional assim como preparando-as para os debates políticos. Suas preocupações, vindas desde os tempos da Liga Nacionalista, se inserem nos projetos da USP, que confiavam o ensino e a alfabetização das classes populares à nova “elite intelectual”, a ser formada na universidade, habilitada, do mesmo modo, a propor ações políticas que pudessem resolver os problemas do estado de São Paulo e do Brasil.

As “classes dirigentes”, ou ainda, o termo empregado por Fernando de Azevedo no *Inquérito* de 1926, as “elites intelectuais” se tornaram um ponto essencial tanto para a constituição da nova Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, quanto para o direcionamento das atividades docentes. Lévi-Strauss, em *Tristes Trópicos*, recorda dessas demandas universitárias, ao relatar a participação de Georges Dumas na formação da USP e o envolvimento dos docentes franceses nas propostas sociais e educacionais da instituição:

Coisa curiosa: a fundação da Universidade de São Paulo, grande obra da vida de Georges Dumas, iria permitir a essas classes modestas iniciarem sua ascensão, obtendo diplomas que lhes davam acesso aos postos administrativos, de tal maneira que a nossa missão universitária contribuiu para formar uma nova elite, a qual iria separar-se de nós na medida em que Dumas, e o Quai d’Orsay em seu rastro, recusava-se a compreender que era essa a nossa criação mais preciosa, ainda que se aplicasse à tarefa de dismantelar uma classe feudal [os proprietários rurais] que, por certo, introduzira-nos no Brasil, mas lhe servimos em parte de caução e em parte de passatempo.⁸⁷

As memórias do antropólogo recuperam eventos relevantes para reconstituição das propostas universidade e, sobretudo, indicam como a intelectualidade paulista, por ele nomeada de “classe feudal”, conduzia os programas universitários. Estes intelectuais, enquanto, garantiam a inserção dos seus membros nas estruturas governamentais e a execução de iniciativas culturais na cidade, realizavam, por outro lado, inúmeros esforços para agregar os professores

⁸⁶ Decreto de formação da Universidade de São Paulo, 25 de janeiro de 1935, pasta 22 – Governos/Relatórios – Armando de Salles Oliveira, Acervo Paulo Duarte (CEDAE-Unicamp)

⁸⁷ LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes Trópicos**, p. 19

estrangeiros nas organizações municipais para que produzissem e orientassem estudos populacionais, folclóricos, culturais e sociais. Nas recordações de Lévi-Strauss, percebe-se algumas dessas iniciativas dos fundadores USP, ao ressaltar que sua atuação universitária ora servia como suporte dos programas políticos da elite paulista ora como um “passatempo”. Para além de desenvolver propostas educativas, a intelectualidade local também se interessava em acompanhar as atividades dos docentes estrangeiros na capital paulista, tentando, assim, aproximá-los dos seus ambientes de sociabilidade e discussão.

Desde a campanha divulgada no jornal *O Estado de S. Paulo* até a elaboração do projeto da USP nota-se o trabalho cuidadoso do grupo de Júlio de Mesquita Filho em organizar o quadro docente, administrar as questões universitárias e incentivar as parcerias científicas com os órgãos municipais. A aposta na renovação política que a USP promoveria⁸⁸ somada a intenção de afastar os adeptos do PRP do governo estadual assim como de se distanciar dos antigos professores das Faculdades de Direito e Medicina, e da Escola Politécnica⁸⁹, contrários a organização da FFCL e a sua posição de destaque na administração universitária, fazem com que os fundadores desta instituição aproveitem dos espaços e profissionais da universidade para consolidar seus projetos na capital paulista. Sendo assim, umas das suas primeiras ações foi a escolha dos docentes da Faculdade de humanidades, optando, preferencialmente, por professores estrangeiros, sob a justificativa de que no país não existiam profissionais capacitados a ensinar na universidade paulista. Em diversos discursos elaborados antes e após a criação da USP, Fernando de Azevedo, Júlio de Mesquita Filho e Paulo Duarte discorrem sobre a “deficiência” dos métodos de ensino e pesquisa dos

⁸⁸ Cabe ressaltar que as preocupações educacionais e os investimentos com o ensino superior com a finalidade de melhorar a instrução das camadas carentes aparecem nos discursos do grupo de Mesquita Filho como, da mesma forma, nos programas de governo de G. Vargas que desde o cargo de chefe do governo provisório já sinalizava o interesse em criar estruturas que pudessem cuidar deste setor, assim, decreta a fundação do Ministério de Instrução e Saúde Pública, sob direção de Gustavo Capanema. A saúde e a educação estavam intimamente relacionadas nas políticas de Vargas, que depositava nelas a formação e orientação do povo brasileiro, como resgato em trechos do seu discurso de julho de 1934: “Educar equivale também a uma forma de saneamento. Educar não é somente instruir, mas desenvolver a moralidade e o caráter, preparando o homem para a comunhão, ensinando-lhe as artes necessárias para a mais alta das virtudes: o conhecimento das suas próprias forças. [...] A escola, no Brasil, terá que produzir homens práticos, profissionais seguros, cientes dos seus variados misteres. Ao lado das universidades de ensino superior, destinadas à formação das elites, faz-se necessário fundar a Universidade do Trabalho. Daí sairá, no futuro, a legião dos nossos operários, dos nossos agricultores, dos nossos criadores, em suma, a legião dos obreiros dos campos e das fábricas.” (VARGAS, Getúlio. Rio de Janeiro, julho de 1934. In: **Getúlio Vargas**. Org. Maria Celina D’Araújo. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2011, p. 346)

⁸⁹ Os trabalhos de F. Limongi, *Mentores e Clientelas da Universidade de São Paulo*, e de P. Petitjean, *As missões universitárias francesas na criação da Universidade de São Paulo (1934-1940)*, comentam sobre as negociações entre os professores das Faculdades de Direito e de Medicina, e da Escola Politécnica, e o grupo de Mesquita Filho que culminaram, inicialmente, na criação da USP, e em seguida, em intensos debates e confrontos acadêmicos, provocando as mudanças na reitoria da universidade, as restrições as atividades dos professores franceses até o fechamento do Instituto de Educação, em 1938.

professores universitários nacionais, tendo que recorrer as instituições estrangeiras, particularmente as francesas, para encontrar um núcleo de docentes aptos a lecionar, de acordo, com as demandas da recém-criada Universidade de São Paulo.

A recusa pelos professores que atuavam nas instituições nacionais se relaciona, de um lado, com as oposições políticas entre o PD e PRP, pois parte dos integrantes do Partido Republicano era formada e/ou lecionava nas antigas faculdades paulistas, dentre os quais destaco o nome de Carlos Cyrillo Junior, César Lacerda Vergueiro, Alfredo Ellis Júnior e Cincinato Braga – que, do mesmo modo, atuavam em cargos públicos, na década de 1930 –, podendo, assim, dificultar o desenvolvimento das propostas político-culturais do grupo de Mesquita Filho; e do outro, com a parceria dos intelectuais paulistas com as organizações francesas, responsáveis por intercâmbios científicos com as instituições de ensino da América Latina. George Dumas, correspondente francês no Brasil e membro do *Groupement des Universités et Grandes Écoles de France*, por meio das suas inúmeras visitas ao país, desde o final da década de 1910, e das conferências ministradas em São Paulo, se aproxima da intelectualidade local, inclusive de Júlio de Mesquita Filho, o que possibilitou a vinda dos professores franceses para ocuparem as cadeiras de humanidades da USP.⁹⁰

A contratação de docentes estrangeiros é apenas uma demonstração dos esforços dos intelectuais ligados a Mesquita Filho para instaurar e defender suas posições políticas em São Paulo. Ainda pontuo outras ações desse grupo, igualmente, preocupadas em assegurar o funcionamento da universidade paulista: a administração dos problemas internos da Faculdade de humanidades, aquisição de materiais e livros, financiamento das viagens dos professores, apaziguamento dos conflitos entre os docentes franceses⁹¹ e o incentivo à elaboração de pesquisas e atividades conjuntas com os profissionais municipais, iniciativa que contribuiu para o encontro de Claude Lévi-Strauss com o literato paulista.

⁹⁰ PETITJEAN, Patrick. As missões universitárias francesas na criação da Universidade de São Paulo (1934-1940). In: HAMBURGUER, Amélia Império, DANTES, M. Amélia, PATY, Michel e PETITJEAN, Patrick. **A ciência nas relações Brasil-França (1850-1950)**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 1996, p. 260-261

⁹¹ Apesar dos estudos de Petitjean (1996) mostrarem, detalhadamente, as iniciativas dos fundadores da USP na resolução dos problemas internos da universidade, deixo mais uma contribuição para o entendimento dessas relações, principalmente, no que tange a proximidade entre os docentes franceses e Júlio de Mesquita Filho. Nos documentos depositados no Arquivo Diplomático de Courneuve, caixa 443 “Brésil – USP : 1934-1939”, constam os relatórios dos professores franceses, P. Deffontaines, E. Coornaet e Arbousse-Bastide, ao diretor do Services des Oeuvres à l’Étranger, Jean Marx, que trazem informações sobre a recepção e hospitalidade do diretor do periódico, que chegou a recebe-los na sua casa assim como na sua fazenda no interior paulista.

A estreita comunhão da universidade com a municipalidade colaborou para contato de ambos os escritores em São Paulo, no entanto, falta um último ponto para compreender a sua aproximação: a criação do Departamento de Cultura e as atividades desenvolvidas durante a gestão de Mário de Andrade. As propostas dessa instituição almejavam atender diversos campos culturais e grupos sociais, entendidos como apartados e/ou distanciados das práticas de lazer. Seus programas, então, voltavam-se para amparar, principalmente, a população carente e os imigrantes, e inseri-los no cenário cultural por meio de atividades recreativas, como os parques infantis, das bibliotecas circulantes, da divulgação de peças teatrais e concertos musicais gratuitos e ainda da elaboração de concursos de monografias históricas. Tais iniciativas, ao proporem ações culturais dirigidas e orientadas, contribuíam com as demandas político-educativas dos fundadores da USP, que visavam formar a população paulista para atuar de modo eficiente nas decisões políticas do estado.

A gestão de Fábio Prado (1934-1938) e o Departamento de Cultura

Os processos que levaram a formação do Departamento de Cultura iniciam-se com a nomeação de Fábio Prado, engenheiro diplomado na Escola Politécnica da Bélgica, para ocupar o cargo de prefeito de São Paulo, entre 1934 e 1938. Quando assume a gestão municipal, uma das suas primeiras medidas foi organizar as divisões e departamentos da prefeitura e o quadro de funcionários com o intuito de estabelecer uma forma mais eficiente de administrar a municipalidade e o orçamento público. A reestruturação, como pontua a socióloga Maria Ruth Sampaio, visava “preparar a Prefeitura, com uma organização moderna, racional, eficiente, capaz de entender às novas demandas da cidade; preparar a população e, sobretudo, suas crianças, fornecendo-lhes a formação necessária para a vida na metrópole; preparar a cidade, fornecendo-lhe infra-estrutura para que o progresso não encontrasse empecilhos”.⁹² A organização da gestão municipal sob o prisma da administração eficiente, da educação e das alterações no espaço, além de evidenciar alguns dos problemas que existiam na cidade, também expõe questões centrais das propostas políticas da intelectualidade paulista. A fim de reconfigurar a estrutura governamental, esta intelectualidade não se restringiu somente a criação das instituições de ensino superior, atuaram, do mesmo modo, nas reformas municipais, auxiliando na formulação dos projetos de cada seção da prefeitura, como nos conta Fábio Prado, na entrevista ao jornalista d’*O Estado de S. Paulo*:

⁹² SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de (org.). **São Paulo 1934 – 1938. Os anos da Administração Fábio Prado**. p. 44

Dessa maneira, o Departamento de Obras, por exemplo, teve, para os estudos de membros proeminentes do Instituto de Engenharia e de técnicos ilustres, como Fonseca Telles, Anhaia Mello, Ary Torres, José Amadei, Adriano Marchini, Plínio de Queiroz e outros. Para o Departamento Jurídico, deram sua opinião nomes como os de Plínio Barreto, Vicente Ráo, Paulo Barbosa de Campos. No Departamento de Hygiene colaboraram, dentre os principais, Ayres Neto, Antonio de Almeida Prado e Pacheco e Silva. O Departamento de Cultura tem a sua origem intimamente ligada a Fernando de Azevedo, a André Dreyfus, a Plínio Barreto, a Julio de Mesquita Filho, a Mário de Andrade, a Sergio Milliet, etc.⁹³

A partir da nova configuração dos departamentos, percebe-se o envolvimento dos intelectuais paulistas nas esferas municipais. A reforma administrada por Prado contou, assim, com a presença de profissionais de diversas áreas, alguns com experiências nas antigas administrações, por exemplo, Anhaia Mello, e outros, como mostrei anteriormente, que participaram ativamente da fundação da Universidade de São Paulo, tais quais, Júlio de Mesquita Filho, Fernando de Azevedo, André Dreyfus e Plínio Barreto. O incentivo à circulação desses intelectuais para contribuírem na gestão municipal, também se estendeu aos professores e alunos das instituições de ensino superior que com os seus estudos sociais, culturais e urbanos colaboravam com as iniciativas políticas do prefeito. No livro *São Paulo 1934-1938 - Os anos da Administração Fábio Prado* (1999), Maria R. Sampaio entende que o incentivo de Fábio Prado às pesquisas empíricas se relaciona com a reforma dos setores da prefeitura, pois, conhecendo os problemas da cidade, o prefeito poderia propor medidas eficientes para a sua resolução.⁹⁴ O interesse por trabalhos de campo e pesquisas quantitativas, conforme salienta a socióloga, se coaduna, igualmente, com a inserção das ciências sociais nos currículos universitários e com o estudo metodológico dos temas urbanos.⁹⁵

A Escola Livre de Sociologia e Política, cuja proposta se direcionava para a elaboração de pesquisas empíricas e a formação de indivíduos aptos à trabalharem nos quadros administrativos⁹⁶, assim como as Sociedades de Sociologia e de Etnologia e Folclore

⁹³ A administração de Fábio Prado na prefeitura de São Paulo, através de entrevista concedida ao “O Estado de São Paulo”. São Paulo: Coleção do Departamento Municipal de Cultura, 1936, p. 11

⁹⁴ SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de (org.). *São Paulo 1934 – 1938. Os anos da Administração Fábio Prado*. p. 45

⁹⁵ Idem, p. 45

⁹⁶ Samuel Lowrie, professor da Escola Livre de Sociologia e Política, num artigo publicado na *Revista do Arquivo Municipal*, em 1935, se propõe a definir o tipo de ensino e finalidade educacional das recém-criadas ELSP e Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, sendo a sua instituição responsável por “formar funcionários

são exemplos de instituições que forneciam métodos para a análise e dados estatísticos sobre São Paulo e sua população. No caso da Sociedade de Etnologia e Folclore, apesar de centrar seus estudos em temas culturais e folclóricos, existiram duas pesquisas feitas pelos seus integrantes que apresentavam discussões sobre a descendência da população paulista, uma elaborada pelas alunas Cecília Castro e Silva e Maria Stella Guimarães, intitulada “Pesquisa sobre a mancha pigmentária congênita na cidade de São Paulo” (1935), com o auxílio dos materiais coletados por Dina Lévi-Strauss na Clínica Obstétrica da Faculdade de Medicina; e outra de Rafael Paula Souza, do Instituto de Higiene da Faculdade de Medicina, onde o autor discutia o biótipo do universitário paulista, defendendo que “as ‘etnias brasileiras’ eram classificadas segundo os Estados de proveniência dos estudantes e seus ascendentes”.⁹⁷

Destaco, da mesma forma, a importância da *Revista do Arquivo Municipal* para a divulgação das pesquisas feitas por estas associações, que apontavam diversos problemas da cidade, desde questões sociais até hábitos das comunidades urbanas, tal como aparece nos títulos de alguns artigos: *A mobilidade da população paulista através de seu crescimento* (1935) de Gustavo de Godoy, *Inquérito sobre a alimentação popular em um bairro de São Paulo* (1935), desenvolvido pelo Instituto de Higiene, *Um aspecto da mortalidade infantil em São Paulo* (1935), palestra de Gustavo de Godoy, *O fator geográfico na formação e no desenvolvimento da cidade de S. Paulo* (1936) de Caio Prado Junior, *Transporte coletivo em São Paulo no ano de 1934* (1936), pesquisa feita com dados colhidos pela Divisão de Serviço de Utilidade Pública e elaborada pelo eng. Antonio Le Voce, *Ensaio de um método de investigação do nível social de S. Paulo pela distribuição da profissão dos pais dos alunos nas escolas primárias públicas* (1936), estudo desenvolvido em colaboração entre a Subdivisão de Documentação Social e o Instituto de Educação da USP, *Ascendência das crianças registradas nos parques infantis de São Paulo* (1937) e *Origem da população da cidade de São Paulo e diferenciação das classes sociais* (1938), ambos de Samuel Lowrie.

Por meio dos títulos dos trabalhos divulgados na *Revista* bem como das pesquisas das associações culturais, identifico preocupações e interesses em destaque na sociedade paulista, relacionados ao crescimento da cidade, aos imigrantes - ou ainda, às questões raciais - e à instrução, locomoção e vivência das camadas carentes. São questões que já apareciam nos discursos dos intelectuais próximos à Júlio de Mesquita Filho, desde as décadas anteriores, e,

técnicos, que seguindo a carreira administrativa, tanto pública como particular, concorram para aumentar a competência das nossas administrações.” (p. 105)

⁹⁷ VALENTINI, Luísa. **Um laboratório de Antropologia: o encontro entre Mário de Andrade, Dina Dreyfus e Claude Lévi-Strauss (1935-1938)**. p. 138

portanto, na gestão de Fábio Prado, que os mantinha, direta ou indiretamente, como colaboradores, continuam a orientar os projetos municipais. Uma das formas de solucionar tais problemas seria, conforme propunha o diretor d' *O Estado de São Paulo*, pelo viés cultural-educacional, que garantiria a instrução dos cidadãos nas práticas culturais, e também, políticas e sociais. Fábio Prado, como acompanhava os debates paulistas⁹⁸ e ainda compartilhava das ações políticas desses intelectuais, impulsionou e financiou, durante sua administração, os programas culturais pensados por Mário de Andrade e sua equipe do Departamento de Cultura. As entrevistas e conferências do prefeito já seriam um material interessante para ressaltar o suporte da prefeitura às políticas culturais do Departamento, no entanto, trago para demonstrá-lo, a despesa do município de São Paulo para o ano de 1936. Os maiores gastos da prefeitura são com “Departamento de Obras e Serviços Municipais”, 22,80% do orçamento; com o setor de “Obras e Melhoramentos”, 16,50%; e o Departamento de Cultura recebia 4,28% do orçamento, superando os gastos com os Departamentos do Expediente e do Pessoal, do Jurídico, da Fazenda e de Higiene e a Subprefeitura de Santo Amaro.⁹⁹

O Departamento de Cultura, apesar de não receber a maior parte do orçamento municipal, ganhou, sem dúvida, destaque dentro da prefeitura de São Paulo, nos anos de 1935 a 1938. As atividades culturais eram exaltadas por Fábio Prado, que depositava nelas as suas bases políticas para a renovação do aparelho municipal e a formação da população paulista. Seus discursos deixam transparecer o apoio da prefeitura a instituição dirigida por Mário de Andrade e também a confiança nas transformações culturais. Numa das suas conferências, exposta pelo sociólogo Roberto Barbato Jr., por exemplo, Prado atribui à cultura a função de “instrumento de intervenção social” para garantir a estabilidade e ordem nas esferas governamentais.¹⁰⁰ Este discurso elaborado em 1937, coincide com um momento conturbado na história nacional, o golpe do Estado Novo e as agitações políticas acerca das decisões de G. Vargas, o que leva o prefeito a ressaltar a importância das ações culturais da sua gestão para resolver os impasses no âmbito político e social:

⁹⁸ Além da formação em engenharia na Politécnica, Fábio Prado era casado com Renata Cresci da Silva Prado, filha do industrial italiano dono da fábrica de tecidos, Cotonifício Crespi, e foi diretor da Federação das Indústrias de São Paulo da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro e vereador por um curto período, em 1934, assim como mantinha ligações políticas com o interventor Armando de Salles Oliveira (SAMPAIO, M. Ruth. *Ibidem*. p. 36-37).

⁹⁹ “Despesa do município de São Paulo para 1936, distribuída pelos Departamentos e Serviços Municipais”, pasta 19 – Armando de Salles Oliveira (documentos especiais de pessoas), Acervo Paulo Duarte (CEDAE-Unicamp).

¹⁰⁰ BARBATO Jr., Roberto. **Missionários de uma utopia nacional-popular: os intelectuais e o Departamento de Cultura de São Paulo**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2004, p. 106

Atravessamos um instante de transição social. Momento terrível, cujos prenúncios certos não nos é possível ainda delinear. Mas que se clareará com a colaboração daqueles cujos espíritos se vão iluminando dessa razão que só a cultura é capaz de acender. É dentro das universidades e das bibliotecas que se tempera, neste instante, a mentalidade que há de iluminar o Brasil. [...] Quando as ambições se entrechocam nas convulsões graves em que os homens principiam a não compreender uns aos outros e os espíritos começam a aparecer obscurecidos pela confusão, nestes momentos tenebrosos para os homens e para as nacionalidades, só a cultura é capaz de fazer calar o ruído sem harmonia e iluminar outra vez as consciências. Por isso mesmo, que dela eu fiz meu programa administrativo. Programa estreito impossibilitando de ir além das fronteiras próximas de um município, mas que me esforço por ver crescer em altura aquilo que não pode alastrar-se em superfície. Já que era possível construir a grandeza de uma Faculdade de Direito de S. Paulo, um dia, Deus me favoreceu para levantar as paredes de um Departamento de Cultura que é, pelo menos, digno desta Academia e da vossa Universidade.¹⁰¹

A confiança na cultura e no seu papel renovador, partilhada pela administração de Prado, abre espaço para a divulgação dos programas e das atividades do Departamento de Cultura tanto nas conferências do prefeito, ministradas ao longo da sua gestão, quanto nas notícias e reportagens d'*O Estado de S. Paulo*. O periódico paulista, dirigido por Mesquita Filho e engajado com as propostas municipais de Prado, promoveu publicações que incentivavam os trabalhos culturais do Departamento por meio de entrevistas com seus integrantes, como a com Mário de Andrade, em 21/02/36, na qual tece comentários sobre o funcionamento da instituição municipal; e outra, realizada com o prefeito, durante o mês de março daquele ano, em que descreve, detalhadamente, os programas da sua administração, enfatizando a reorganização das divisões da prefeitura, as alterações na cidade: construção de avenidas e pontes, retificações de rios e expansões urbanas; e os projetos do órgão cultural.¹⁰² A partir das entrevistas dos profissionais municipais assim como das documentações dispostas no Arquivo Histórico de São Paulo (AHSP-SP), observa-se a extensão do

¹⁰¹ PRADO, Fábio. Centro Acadêmico “XI de Agosto”. *Revista do Arquivo Municipal*, São Paulo, novembro de 1937, v. 41, p. 255 apud BARBATO Jr. Ibidem, p. 105-106

¹⁰² Esta entrevista com Fábio Prado, divulgada n'*O Estado*, foi publicada, no mesmo ano, pelo Departamento de Cultura, originando o livro: **A administração de Fábio Prado na prefeitura de São Paulo, através de entrevista concedida ao “O Estado de São Paulo**. São Paulo: Coleção do Departamento Municipal de Cultura, 1936.

Departamento de Cultura, o qual abrangia as mais diversas áreas culturais de São Paulo, incluindo setores de divertimento, lazer, esporte e educação.

O Departamento, fundado em 30 de maio de 1935,¹⁰³ possuía cinco divisões, a de Expansão Cultural responsável pelas seções de Teatros, cinemas e salas de concerto, e Radio Escola; Divisão de Bibliotecas, que incluía as Bibliotecas Pública Municipal, Infantil, Circulante e Popular; Divisão de Educação e Recreio, com as seções Parques Infantis e Estádios, Campos de Atletismo e Piscinas; Divisão de Documentação Histórica e Social, contendo as Subdivisões de Documentação Histórica e de Documentação Social e Estatísticas Municipais, e a Seção Gráfica; e a Divisão de Turismo e Divertimentos Públicos. A instituição dirigida por Mário de Andrade, ao contemplar diversos campos culturais, pretendia que suas iniciativas além de contribuir com a administração municipal por meio de pesquisas empíricas e estudos históricos, pudessem abranger diferentes locais da cidade, desde de teatros, concertos e bibliotecas, localizados na região central, até a constituição de espaços de lazer nos bairros operários. Com a proposta de tornar a cultura mais acessível à população paulista, o Departamento lança programas voltados, principalmente, para as camadas carentes, pois, como pontua Barbato Jr., seus integrantes entendiam que existia uma desproporção cultural em São Paulo, ocasionada pela falta de espaços de divertimentos para as classes populares.¹⁰⁴ Cabia, então, a esta instituição, nas palavras de Mário de Andrade, “nivelar a cultura”, dito de modo mais direto, suas práticas culturais deveriam direcionar e formar as classes desprovidas socialmente a fim de se igualarem aos conhecimentos e faculdades já difundidas entre as elites.

Com a prerrogativa de “democratizar a cultura”, as atividades se estruturavam, assim, em torno de determinadas áreas da cidade e programas de lazer, apontados por seus membros como essenciais para dinamizar as práticas culturais das populações de baixa renda e dos

¹⁰³ Cabe lembrar que o surgimento do Departamento de Cultura se relaciona com a trajetória dos intelectuais que, desde meados da década de 1920, pensavam na constituição de um órgão cultural na capital paulista, como recorda Paulo Duarte no livro *Mário de Andrade por ele mesmo* (1971). Segundo o deputado, neste período, ocorriam no seu apartamento reuniões informais, em que se discutia a criação de um Departamento de Cultura, na presença de Mário de Andrade, Antônio de Alcântara Machado, Sérgio Milliet, Rubens Borba de Moraes e Nino Galo. (p. 29). Essas questões não discutirei ao longo da dissertação, uma vez que diversos autores já abordaram o tema, dentre os quais seleciono os trabalhos de Elisabeth Abdanur, *Os “ilustrados” e a política cultural em São Paulo: o Departamento de Cultura na gestão Mário de Andrade (1935-1938)* (1992), Roberto Barbato Jr. *Missionários de uma utopia nacional-popular: os intelectuais e o Departamento de Cultura de São Paulo* (2004), e Patrícia T. Raffaini, *Esculpindo a cultura na forma Brasil: o Departamento de Cultura de São Paulo (1935-1938)* (2001).

¹⁰⁴ BARBATO Jr., Roberto. **Missionários de uma utopia nacional-popular: os intelectuais e o Departamento de Cultura de São Paulo**. p. 146-151

imigrantes. Dessa forma, os projetos culturais do Departamento reverberavam os discursos da intelectualidade local, ao promoverem ações que buscassem resolver os problemas encontrados na cidade, mas, sobretudo, construídos e reforçados por eles, como a questão da assimilação do imigrante, as atividades de lazer desprovidas de ensinamentos e cuidados, ou ainda a falta de referências culturais e a ausência de conhecimentos dos grupos sociais sobre a história do estado paulista assim como sobre música, cultura e artes “nacionais”. Trago para exemplificar o enfoque dado as políticas do Departamento, a construção dos parques infantis em São Paulo; a ideia, inicialmente, formulada pelo engenheiro Anhaia Mello, durante o cargo de prefeito do município (1930-1931)¹⁰⁵, ganha uma nova organização e orientação científica na administração de Prado, como faz questão de enfatizar na entrevista sobre a sua gestão, em 1936.¹⁰⁶ Além do Parque D. Pedro II, projetado por Anhaia Mello, o Departamento de Cultura, no período de Mário de Andrade, construiu mais dois parques nos bairros do Ipiranga e da Lapa, regiões formadas por um grande contingente de imigrantes e trabalhadores fabris. Os parques funcionavam, de acordo com o prefeito, a partir de três eixos centrais: assistir, educar e recrear as crianças carentes, promovendo o desenvolvimento de faculdades artísticas, morais e éticas nos jovens frequentadores bem como nas suas famílias. Ainda nesta entrevista, Prado acrescenta mais algumas informações sobre a dinâmica dos parques:

[...] aos poucos, com o tempo, os parques infantis da Prefeitura foram melhorando com outras instalações necessárias. Primeiro, a assistência medica diária, em cada parque. As crianças principiaram a ser examinadas, isoladas e encaminhadas a tratamento as atacadas de qualquer moléstia, principalmente contagiosa. Escolhidas cuidadosamente, as instructoras, todas ellas com dois diplomas – o de Escola Normal e o de um outro curso da Universidade – todas ellas indicadas pelo Instituto de Educação, [...] as instructoras dos parques vão dando o melhor cumprimento da missão delicada de substituir a mãe da criança pobre que não a tem ou que, tendo-a, é a mesma coisa que a não possuir. Devargarinho, formaram-se nos parques as bibliotecas infantis privativas de cada um deles, com um total, presentemente, para mais de oitocentos volumes.

¹⁰⁵ TIMÓTEO, Jhoyce P. **A cidade de São Paulo em “Escala Humana”: Luiz de Anhaia Mello e sua proposta de recreio ativo e organizado**. Dissertação de Mestrado em História (IFCH/Unicamp). Campinas, 2008

¹⁰⁶ **A administração de Fábio Prado na prefeitura de São Paulo, através de entrevista concedida ao “O Estado de São Paulo**. p. 46

[...] Além das instructoras escolhidas pela forma por que viu, cada um dos parques vae ter agora também a assistência das educadoras sanitárias, para todo soccorro urgente e cuidado de emergencia. Verdadeiras substitutas do medico, na sua falta, e orientadoras do mesmo para as observações diárias e antecedentes tão necessárias não só ao diagnostico pathologico como ao psychologico.¹⁰⁷

As atividades esportivas e de divertimentos assim como as assistências educacionais e médicas promovidas nos parques infantis evidenciam como o Departamento conduzia as ações culturais pela cidade. Suas divisões cuidavam desde a escolha do lugar e os grupos a serem contemplados pelos programas culturais até quem atuaria nestes espaços. Outro programa do Departamento de Cultura, onde acompanha-se o mesmo trabalho direcionado dos seus integrantes para instruir as camadas populares, se refere as bibliotecas públicas. Ao longo da gestão de Mário de Andrade, elaborou-se diversos programas de incentivo à criação de bibliotecas infantis, circulantes e populares, e a formação de uma coleção de obras nacionais, a Brasileira, na Biblioteca Municipal em São Paulo. Em geral, os projetos para a abertura de bibliotecas visavam oferecer às crianças, adultos e trabalhadores, livros, revistas e periódicos, preferencialmente, na língua nacional e das mais distintas áreas, tais quais, biologia, ciências, história, sociologia, antropologia, literatura, gramática etc.¹⁰⁸ As propostas para a abertura das bibliotecas populares, por exemplo, se direcionavam para a suprir a carência de leituras das camadas carentes, que habitavam, na maioria dos casos, regiões distantes das bibliotecas públicas. Assim, as instituições populares, “localizadas em bairros operários, [foram] constituídas de um serviço de bibliografia, destinado a orientar o povo em suas leituras e de um serviço cultural destinado a promover cursos de vulgarização e conferencias e a formar associações de caráter educativo”.¹⁰⁹

Na gestão do literato paulista executaram-se, da mesma forma, os seguintes programas: divulgação de espetáculos e concertos gratuitos para a população paulista, incentivo ao esporte por meio de atividade físicas nos parques infantis e a construção de um estádio poliesportivo, concluído somente na administração de Prestes Maia (1938-1945), que alterou o projeto original e o transformou num estádio de futebol; realização de pesquisas sociais, abertura de uma discoteca pública e a criação de concursos abertos à comunidade para

¹⁰⁷ Ibidem, p. 46-47.

¹⁰⁸ Caixa 14 - Correspondência Expedida (1935)/Grupo: Gabinete. Arquivo Histórico de São Paulo – documentação sobre o Departamento de Cultura

¹⁰⁹ Ato n. 590 de 26 de março de 1934. In **Revista do Arquivo Municipal**, Departamento do Expediente e do Pessoal, v. III, agosto de 1934.

que elaborassem peças dramáticas, concertos musicais, músicas carnavalescas, danças populares, e por fim, monografias sobre a história do Brasil e de São Paulo. Além dos vencedores dos concursos publicarem seus trabalhos na *Revista do Arquivo Municipal* e ganharem um prêmio em dinheiro, tinham suas produções julgadas por intelectuais importantes no cenário paulista e nacional, como no caso do “concurso sobre assunto histórico, referente a cidade ou ao Estado de São Paulo”, desenvolvido no ano de 1935, cujos membros da comissão eram Paulo Prado, Alcântara Machado, Fernando de Azevedo, Djalma Forjaz e Plínio Ayrosa.¹¹⁰ A equipe do Departamento propôs, do mesmo modo, outras ações culturais, sendo que algumas delas nem chegaram a ser executadas, devido a curta existência da administração de Mário de Andrade, que logo após a nomeação de Prestes Maia para prefeito, foi exonerado do cargo, em 1938.

Os programas do Departamento de Cultura como abrangiam diversos tipos de lazer e grupos sociais conseguiram integrar no campo cultural tanto os projetos político-culturais de Júlio de Mesquita Filho, Paulo Duarte, Armando de Salles Oliveira, Fernando de Azevedo, dentre outros, quanto as aspirações dos literatos adeptos ao movimento modernista, tais quais, Mário de Andrade, Sérgio Milliet e Alcântara Machado. Os interesses da intelectualidade paulista se convergiam, portanto, na tentativa de instaurar atividades culturais que resolvessem os problemas sociais e políticos de São Paulo e do mesmo modo, instruísem, educassem e orientassem a população para viver em condições salubres, dentro de preceitos éticos e morais, e agir de forma mais consciente nas decisões políticas do estado. A confiança depositada na cultura e na educação marca o período, em que Mário de Andrade e Claude Lévi-Strauss se encontraram em São Paulo, e também delimita alguns dos contornos políticos e tramas intelectuais da década de 1930. Estas questões ainda atravessaram os textos de ambos os escritores, seja, nas obras do antropólogo, para contextualizar o momento em que viveu em São Paulo, seja, nas produções de Mário de Andrade, para dialogar com as suas construções imagéticas. As narrativas do literato, escritas ao mesmo tempo em que ocorriam estes eventos políticos, apresentam imagens da cidade e dos seus habitantes que se relacionam com os projetos políticos e as demandas da intelectualidade local. São representações, como investigarei no próximo capítulo, que, ao enfatizarem determinados problemas urbanos, tipos sociais e dinâmicas internas da cidade, reafirmam os discursos políticos, os projetos de intervenção assim como os imaginários da capital paulista.

¹¹⁰ *Revista do Arquivo Municipal*, ano II, vol. XX, fevereiro de 1936.

Capítulo 2 – Percursos literários: a cidade de São Paulo nas produções de Mário de Andrade

É evidente que, se nove décimos da nossa existência transcorrem na cidade e a cidade é a fonte de nove décimos das imagens sedimentadas em diversos níveis da nossa memória. Essas imagens podem ser visuais ou auditivas e, como todas as imagens, pode ser mnemônicas, perceptivas, eidéticas. Cada um de nós, em seus itinerários urbanos diários, deixa trabalhar a memória da imaginação: anota as mínimas mudanças, a nova pintura de uma fachada, o novo letreiro de uma loja; curioso com as mudanças em andamento, olhará pelas frestas de um tapume para ver o que estão fazendo do outro lado; imagina e, portanto, de certa forma projeta, que aquele velho casebre será substituído por um edifício decente, que aquela rua demasiado estreita será alargada, que o trânsito será mais disciplinado [...].

Giulio C. Argan. *História da arte como história da cidade* (1993).

Quando estou cansado de escrever, dou longos passeios a pé e sozinho. Detesto a companhia dos amigos pra esses momentos, principalmente à noite. Prefiro a solidão, ou sentar-me no banco de algum jardim e puxar conversa com desconhecidos, chomeurs, operários, vagabundos. Tenho colhido de alguns muitas das minhas ideias e fatos. Aliás não tenho nenhum personagem nos meus livros que seja inventado por mim. Todos eles existem ou existiram. E muitas vezes aproximo personagens que nunca se conheceram e faço vive-los juntos. [...]

Mário de Andrade. Resposta ao inquérito sobre mim pra Macaulay (1933 [1983]).

Itinerários, aprendizados e vivências urbanas em *Contos Novos*

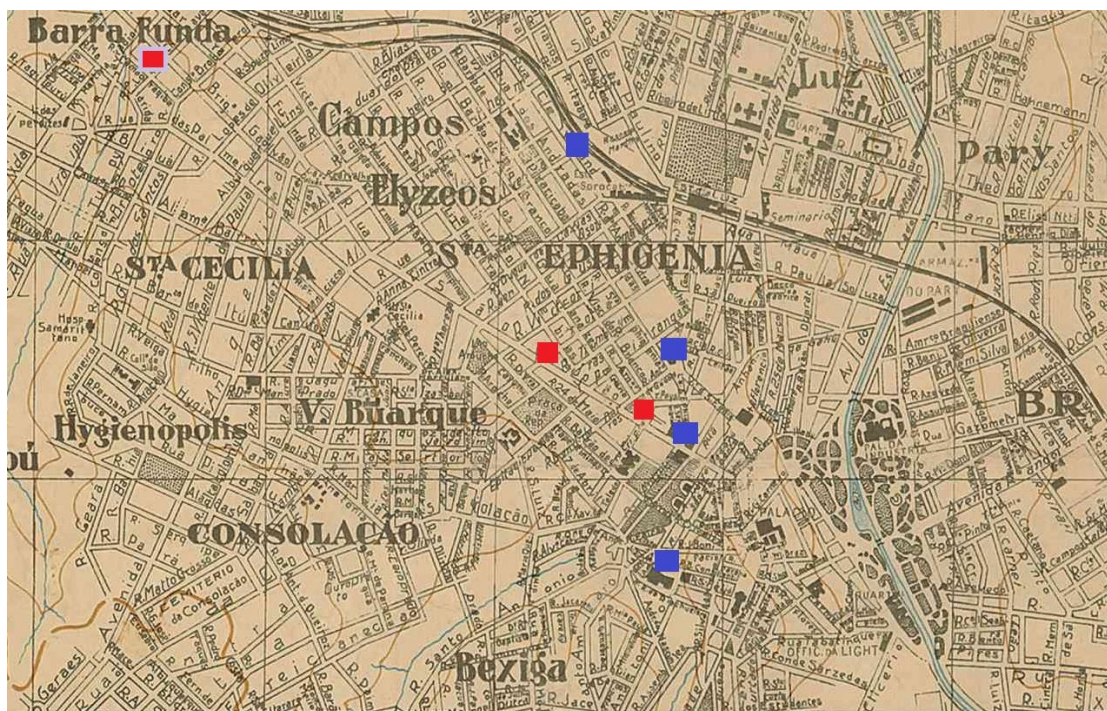
Pensar nas imagens da cidade de São Paulo elaboradas por Mário de Andrade, exige, antes, um primeiro esforço de problematizar a relação entre a cidade e o poeta, que talvez por ter morado quase toda a sua vida na capital paulista, também a elegeu como tema e cenário das suas produções literárias. Atento às atividades culturais e discussões políticas promovidas em São Paulo desde a década de 1920 bem como às notícias dos periódicos paulistas, Mário ainda dividia seu tempo na vivência e experimentação da cidade paulista. Com exceção de alguns períodos, em que permaneceu na chácara do tio em Araraquara para repousar das intensas doenças que o assolavam, viajou pelo interior de Minas Gerais (1924) e pelo nordeste e norte (1928-29), e residiu no Rio de Janeiro entre 1938 e 1941, sua vivência maior

transcorreu em São Paulo, o que proporcionou ao literato – interessado pelas temáticas urbanas e culturais – a oportunidade de conhecer e explorar a sua cidade natal. Imersões urbanas, que em determinados momentos, são conduzidas pelas lentes dos textos literários e jornalísticos acompanhados pelo poeta, e em outros, ocorrem de forma dispersa e desatenta, quando percorria, desde os tempos de infância, itinerários a pé, nas janelas dos bondes e automóveis ou na companhia de pais, irmãos e amigos. A partir dos trajetos feitos e refeitos entre a sua casa e as instituições de ensino, durante a infância, e na fase adulta, da moradia na Barra Funda até os locais de trabalho, os lugares de lazer e as residências dos colegas e familiares, o literato vai apreendendo a cidade assim como a compondo no seu imaginário repleto de outras imagens, opiniões e emoções.

Aventurar-se pelas cidades, mas, sobretudo, orientar-se, reconhecer e se perder, como nos lembra Benjamin, requer instrução, aprendizados e formas de enxergar a paisagem urbana que se constroem ao longo da formação dos indivíduos, ao mesmo tempo em que se desenvolvem desde os primeiros trajetos, cruzamentos, erros de percursos e caminhos por praças, parques, monumentos, igrejas, ruas e bairros. Penso, desse modo, ser importante sinalizar alguns dos possíveis percursos e trânsitos de Mário de Andrade em São Paulo, ao recuperar os locais onde morou e frequentou na infância, adolescência e enquanto dirigiu o Departamento de Cultura, pois eles o auxiliarão na montagem das suas histórias ficcionais e principalmente, dos enredos verossimilhantes com acontecimentos, personagens e espaços da capital paulista.

Seus trajetos em São Paulo se estabelecem, inicialmente, em torno da região central da cidade e acompanham as residências, em que viveu na juventude, assim como os estabelecimentos de formação: colégios e igrejas. A primeira moradia se situava na Rua Aurora, local onde nasceu em 1893, e logo aos seis anos, muda-se com a família para o Largo Paissandu; ainda neste período, Mário de Andrade cursou o ensino primário no Grupo Escolar da Alameda do Triunfo, localizado na rua Cleveland, próximo ao jardim da Luz; fez o segundo grau no Ginásio N. Sra. do Carmo dos Irmãos Maristas; em 1909, entra para a Congregação Mariana da Igreja de Santa Ifigênia, situada na rua Sta. Ifigênia; no ano seguinte, ingressa na Escola de Comércio Álvares Penteado, no Largo São Francisco, para obter a carta de “guarda-livro”, no entanto, permanece somente dois meses no curso, resolvendo, assim, iniciar, em 1911, as aulas de piano no Conservatório Dramático e Musical, instituição na qual iria lecionar, a partir de 1918; e por fim, três anos depois, muda-se para a

residência em que permaneceria até o final da vida, na rua Lopes Chaves, na Barra Funda.¹¹¹ O mapa a seguir de 1924, apresenta a região central de São Paulo, onde demarquei alguns dos lugares frequentados pelo literato na juventude, de modo que os pontos em vermelho simbolizam as residências em que morou, e em azul, represento os locais de formação: o primeiro colégio, a Igreja Santa Ifigênia, a Escola de Comércio Álvares Penteado e o Conservatório Dramático Musical:



(Recorte da Planta da Cidade de São Paulo, em 1924. Fonte: Secretária de Estado de Economia e Planejamento. Instituto Geográfico e Cartográfico – IGC. Acervo – Tombo: 1162. Disponível em: http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/img/mapas/1924.jpg)

Neste mapa poderia acrescentar, igualmente, a localização das moradias dos seus amigos paulistanos, dos espaços de lazer, onde ocorriam espetáculos de dança, peças teatrais e concertos musicais, dos bares, das sedes dos jornais e revistas assim como das casas editoriais. Durante a gestão no Departamento de Cultura, Mário de Andrade frequentou ainda as subdivisões da instituição cultural, que se encontravam espalhadas pela cidade: as sedes da Biblioteca Infantil e da Divisão de Educação e Recreio localizadas na rua Major Sertório (Vila Buarque); a Diretoria do Departamento de Cultura, a Divisão de Expansão Cultural, Discoteca Pública, Divisão de Documentação Histórica e Social instaladas na avenida

¹¹¹ LOPEZ, Telê P. A. Uma cronologia para Mário de Andrade. In: ANDRADE, Mário de. **Entrevistas e depoimentos**. Edição organizada por Telê Ancona Lopez. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983, p. 5-11.

Cantareira (Luz); as seções de Teatro e Cinemas, da Radio Escola e de Divertimentos Públicos situadas no Teatro Municipal (centro); e os parques infantis construídos no Parque Pedro II e nos bairros da Lapa e do Ipiranga.¹¹²

Os caminhos do literato na capital paulista, à princípio, traçados pela região central, se expandem com a mudança para Barra Funda e com a sua profissionalização e participação nos espaços culturais da cidade. Os trajetos percorridos em decorrência de compromissos pessoais e profissionais, muitas vezes, atravessados distraidamente, oferecem uma série de cenas dispersas, personagens diversos e situações cotidianas e/ou esporádicas, que junto com outras informações compartilhadas pelos colegas intelectuais, mas também pelos habitantes locais, sedimentam no seu imaginário, a cidade paulista. Suas narrativas apresentam esta cidade vivenciada e experimentada por entre relatos de percursos de ônibus, transeuntes apressados e desejos e vontades dos cidadãos bem como por entre descrições detalhadas das dinâmicas urbanas. Assim, Mário se apropria das suas observações da cidade, formadas ao longo vida, para tornar o espaço narrado verossimilhante aos leitores que o percorrem diariamente e ainda partilham dos mesmos referenciais utilizados pelo autor.

Início, então, a apresentação dos seus contos pela obra póstuma, *Contos Novos*, uma vez que encontro nela representações da capital paulista relacionadas às experiências pessoais e aos conhecimentos adquiridos pelo narrador. O livro contém, ao todo, nove produções, sendo que algumas delas foram elaboradas no decorrer de quase duas décadas. No caso dos contos selecionados para esta análise, o “Primeiro de Maio” levou oito anos para sua confecção (1934-1942), e o outro texto, intitulado “Atrás da Catedral Ruão”, teve seus primeiros esboços na viagem pelo Amazonas, entre julho e agosto de 1927, a primeira versão escrita em janeiro de 1943, a segunda versão completa saiu em março de 1944, e por fim, a versão definitiva data dentre junho a 15 de julho de 1944.¹¹³ O tempo de confecção desses textos expressa o trabalho cuidadoso do autor bem como pressupõe que, ao longo dos anos, Mário fez, refez, corrigiu e alterou diversas vezes os manuscritos até chegar a versão final, ou pelo menos, a versão que achava ser a definitiva, visto que morreu em 1945. Nas narrativas selecionadas, onde o autor revela a cidade de São Paulo por meio das ligações afetivas, sentimentais, sexuais, políticas e/ou ideológicas das personagens, a distância que atravessa a

¹¹² As informações sobre a localização das subdivisões do Departamento de Cultura encontram-se na documentação do Arquivo Histórico de São Paulo, na seção correspondente ao órgão cultural, durante a direção de Mário de Andrade (1934-1938).

¹¹³ Conforme a “Nota da edição de 1947” presente em *Contos Novos* (1999; p. 71).

sua escrita é primordial para o aprimoramento do enredo. São textos que buscam nos detalhes da vida urbana a caracterização das personagens e das histórias narradas. Assim, a revisão dos manuscritos dos contos permite um refinamento das técnicas narrativas e a escolha, cautelosa, de cenas, situações e espaços que deem vida aos enredos do livro, cuja “tônica é a dimensão psíquica e afetiva da relação indivíduo/mundo”.¹¹⁴

Em *Contos Novos*, o conjunto de contos, conforme pontua Maria Célia de Almeida Paulillo, explora os aspectos psicológicos dos indivíduos, ao se relacionarem com o mundo exterior, ou seja, o contato com outros indivíduos ou eventos distintos do cotidiano. As personagens imersas nas suas rotinas e afazeres habituais, são colocadas em situações que as provocam a viver “uma experiência de profunda participação no mundo”.¹¹⁵ Estas experiências, na maioria dos casos, não têm êxito, pois os protagonistas percebem as barreiras impostas pelo meio - no caso das narrativas escolhidas, pela cidade de São Paulo - e/ou os descompassos sociais, como aparecerá nos contos do carregador de malas e da professora de francês. A história do carregador de malas da Estação da Luz, chamado 35, se apresenta no conto “Primeiro Maio”; decidida a comemorar o dia do trabalhador, conforme o título já anuncia, a personagem acorda cedo, se arruma com as cores da bandeira do Brasil e sai de casa, mas, imediatamente, compreende que o caminho que seguia era o do trabalho, pois não sabia o que fazer nem aonde ir. Logo percebe com receio que a cidade estava vazia, os comércios haviam fechado e as esquinas, ruas, praças e parques foram cercados pelos policiais para evitar manifestações de trabalhadores. À procura de um local de celebração, continua seu trajeto diário até a Estação de Luz a fim de saldar os companheiros que trabalhavam normalmente, no entanto, sua iniciativa é ridicularizada pelos colegas, que ainda lhe “tiravam sarro” por comemorar o primeiro de maio. 35 estava confuso e não tinha para onde ir, decide, então, sentar-se num jardim da cidade para ler o jornal, quando, repentinamente, descobre que se dirigia para os circuitos feitos diariamente da sua residência ao local de trabalho:

Insensivelmente o 35 foi se encaminhando de novo para os lados do Jardim da Luz. Eram os lados que ele conhecia, os lados em que trabalhava e se entendia mais. De repente lembrou que ali mesmo na cidade tinha banco mais perto, nos jardins do Anhangabaú. Mas o Jardim da Luz ele entendia

¹¹⁴ PAULILLO, Maria Célia de Almeida. Contos da Plenitude. In: ANDRADE, Mário. *Contos Novos*. Rio de Janeiro: Ed. Itatiaia, 1999, p. 10

¹¹⁵ Idem, p. 14.

mais. Imaginou que a preferência vinha do Jardim da Luz ser mais bonito, estava celebrando. E continuou no passo em férias.¹¹⁶

A escolha da personagem por lugares da cidade bem como pontos de referência para se situar, descansar e decidir o que fazer acompanha os trajetos feitos cotidianamente. Justamente na data em que deveria celebrar o “seu dia”, 35 consegue somente se deslocar – e se sentir confortável – para os locais que conhece em decorrência do trabalho. As ligações do carregador de bagagens com a cidade estabelecidas a partir do local do trabalho, se expandem para aos leitores, num segundo momento do conto, quando o narrador descreve os descontentamentos de 35 com o excesso de policiais e vigilância pelas ruas. Após perder o ânimo de procurar um lugar para celebrar, a personagem, sentada num banco no Jardim da Luz, começa a conjecturar a destruição dos locais vigiados pelo governo. Cria, assim, roteiros imaginários por onde passaria, que acabam por revelar suas lembranças da cidade:

Pois estava escrito em cima do jornal: em São Paulo a Polícia proibira comícios na rua e passeatas, embora se falasse vagamente de motins de-tarde no Largo da Sé [...] Mas a Polícia permitira a grande reunião proletária, com discurso do ilustre Secretário do Trabalho, no magnífico pátio interno do Palácio das Indústrias, lugar fechado! A sensação foi claramente péssima. Não era medo, mas por que a gente havia de ficar encurralado assim! É! É pra eles depois poderem cair em cima da gente, (palavrão)! Não vou! não sou besta! Quer dizer: vou sim! Desaforo! (palavrão), socos, uma visão tumultuária, rolando no chão, se machucava mas não fazia mal, saíam todos enfurecidos do Palácio das Indústrias, pegaram fogo no Palácio das Indústrias, não! a indústria é a gente, “operários da nação” pegavam fogo na igreja de São Bento mais próxima que era tão linda por “drento”, mas pra que pegar fogo em nada! (O 35 chegara até a primeira comunhão em menino...), é melhor a gente não pegar fogo em nada; vamos no Palácio do Governo, exigimos tudo do Governo, vamos com o general da Região Militar, deve ser gaúcho, gaúcho só dá é farda, pegamos fogo no palácio dele. Pronto. Isso o 35 consentiu, não porque o tingisse o menor separatismo (e o aprendido no grupo escolar?) mas nutria sempre uma espécie de despeito por São Paulo ter perdido a revolução de 32. Sensação aliás quase de esporte, questão de Palestra-Coríntians, cabeça inchada, porque não vê

¹¹⁶ ANDRADE, Mário de. **Contos Novos**. p. 45

que ele havia de se matar por causa de uma besta de revolução diz-que democrática, vão “eles”!¹¹⁷

Ao imaginar a revolta dos trabalhadores, que se iniciaria no comício do Palácio das Indústrias, a personagem recorda de determinados locais da cidade e fatos históricos paulistas, que marcaram a sua vida. Suas relações com São Paulo se manifestam a partir das lembranças da infância, a comunhão na igreja São Bento, do grupo escolar, da perda na “revolução de 32” e dos jogos do Palestra-Coríntians. Conforme 35 percorre a cidade paulista, se sente, cada vez mais, envolvido nos seus sentimentos, emoções e lembranças provocados pela dificuldade em comemorar o primeiro de maio e ao mesmo tempo, em se desvencilhar dos percursos diários e das rotinas do trabalho. A ocupação profissional da personagem, portanto, é o que a relaciona com a cidade, ou melhor, os itinerários percorridos entre a moradia e o trabalho criam os laços do carregador de bagagens com São Paulo bem como desenvolvem suas afetividades com ruas, parques e monumentos, que circundam a Estação da Luz. As afinidades do protagonista com a cidade marcadas pelo trabalho, concluem a narrativa, que finaliza com o retorno de 35 a Estação da Luz e o regresso ao ofício.

O conto “Primeiro de Maio” se destaca nesta primeira seleção de textos de Mário de Andrade pela forma pela qual o narrador opta por aproximar a personagem da cidade: os laços afetivos e profissionais do carregador de mala. Ao explorar nos contos, os sentimentos, emoções, lembranças, motivações e desejos das personagens, o autor constrói, concomitantemente, as relações delas com o espaço urbano, e no limite, as nossas próprias ligações com a cidade. Na narrativa, Mário conduz seus leitores a percorrerem a cidade da personagem, que se manifesta nos detalhes, nas memórias provocadas ao olhar uma determinada localidade e nas vivências que delimitam os locais os quais gosta e se sente confortável. A cidade, que se forma nos nossos imaginários, se compõe a partir de imagens fragmentadas e recortadas bem como de resquícios de experiências, recordações e sentimentos; elementos que o literato soube trabalhar no texto para caracterizar a personagem, que apresenta o cenário urbano, de acordo com suas relações e intenções pessoais, ao invés de mostra-lo na sua extensão ou pluralidade.

Lembro do livro de Éclea Bosi, *Memória e Sociedade: lembranças dos velhos* (1979), em que resgata os testemunhos de idosos sobre a sua juventude na capital paulista no começo do século XX. Dentre os diversos relatos recolhidos pela autora, tem-se o de D. Alice, que

¹¹⁷ Idem, p. 46-47

nasceu em Aparecida do Norte e veio para São Paulo na infância. Dos primeiros anos na capital paulista, lembra-se de mudar várias vezes de residência para acompanhar a mãe, que trabalhava como cuidadora de crianças. Logo na adolescência arruma um emprego numa oficina de costura, no entanto, a falta de dinheiro somada às extensas horas de trabalho fazem com que ainda não se aventure pela cidade. Seus caminhos se restringiam aos trajetos percorridos entre os bairros do Bom Retiro e da Vila Buarque, vulgo os locais da sua residência e o da oficina de costura. Somente após deixar o ofício que consegue, finalmente, descobrir e conhecer a cidade, em que morava.¹¹⁸ Os registros de D. Alice repletos de detalhes e emoções mostram a capital paulista na sua materialidade, composta por ruas e avenidas, mas também, construída por meio de laços afetivos e sentimentais, por exemplo, quando recorda-se das ruas, em que morou no bairro do Bom Retiro, “na Rua Anhaia, na José Paulino, que era uma rua calma com sorveteria, quitandas, uma casa de couro muito antiga... Era uma rua sossegada, trânsito... que esperança!”¹¹⁹; ou ainda, quando lembra-se que o tio a levava para dançar no grêmio recreativo do Bom Retiro, onde tocava “polca, mazurca, *ragtime*, *habanera*, *shots* e valsa”.¹²⁰

As experiências de D. Alice por São Paulo se entrecruzam com a história do carregador de malas, pois ambos revelam a sua cidade a partir de pontos e referências, que os trazem emoções, recordações afetivas e ligações com o ofício diário. O próximo texto, “Atrás da Catedral Ruão”, também entrelaça a vida da personagem à cidade, entretanto, o que se acentua na narrativa é como Mademoiselle, a protagonista, se sente atraída por lugares e regiões de São Paulo, onde ocorriam “imoralidades”. A professora de francês de “meia idade” possuía duas alunas, as jovens Alba e Lúcia, com as quais tinha longas conversas em francês repletas de frases e metáforas que indicavam os desejos retraídos da educadora assim como as curiosidades juvenis das meninas. As malícias e desejos sexuais de Mademoiselle eram reportadas por meio de frases incompletas e expressões como “vouz comprenez” ou “vouz savez”, recursos linguísticos utilizados, do mesmo modo, pelas alunas para realizar brincadeiras e insinuações de duplo sentido. Dos jogos de linguagens em francês durante as aulas e das palavras inventadas por elas para comentar o “não-dito”, aflora as vontades da professora, que passa a “anda[r] de a-pé e procura[r] no jornal onde é o lugar de encontro das multidões”.¹²¹ Mademoiselle descobre que o que desejava ocorria atrás das catedrais e igrejas

¹¹⁸ BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças dos velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979, p.51-61.

¹¹⁹ Idem, p. 59

¹²⁰ Idem, p. 59

¹²¹ ANDRADE, Mário de. **Contos Novos**. p. 59

e, portanto, começa a desviar dos seus caminhos diários à procura de uma aventura amorosa “derrière” da Igreja de Santa Cecília, como narra Mário de Andrade:

[...] Mademoiselle não enxerga mais, não sente. Nem percebe que afinal toma o terceiro ou quarto “Angélica” chegado. Nunca que imaginasse o acontecido, o mal de sexo já está grande por demais, e Mademoiselle precisa duma experiência maior pra alcançar a verdade.

As ruas agora já estavam mais visíveis na entressombra, mais largas, seguindo por avenidas ricas. Mademoiselle enfim reconheceu com fraqueza que já vinham descendo pela avenida Angélica. Voltava pouco a pouco à vida. Mas se estivesse no seu natural iria até a rua das Palmeiras e tomava outro bonde que a levasse à Sebastião Pereira, onde ficava o segundo andar da sua pensão. Sem elevador. Mademoiselle gosta pouco de caminhar. Mas eis que dá um puxão brusco na campainha, o bonde para espirrando. [...]

Cortando pelas ladeiras oblíquas se dirige à pensão, anda. Acontece que assim, no crepúsculo caseiro, numa última esperança de antemão desenganada, Mademoiselle passa pelo “derrière” da igreja de Santa Cecília. Assim mesmo uns sustinhos a tomaram, o respiro cresceu, foi agradável.¹²²

Suas curiosidades e desejos se intensificam após a primeira passagem atrás da igreja, levando Mademoiselle a alterar, repetidas vezes, o trajeto até a pensão para tentar desfrutar das fantasias sexuais. Numa dessas aventuras, se depara com os perigos da vida noturna: dois homens a perseguem e tentam agarrá-la, mas, Mademoiselle consegue correr e chegar ilesa a pensão. Apesar da tentativa frustrada da professora de francês em realizar seus desejos, o conto mostra como o autor, com o intuito de narrar uma aventura amorosa de uma mulher adulta, seleciona locais da cidade, que corroboram com as vontades “imorais” e “pervertidas” da personagem. A Igreja Santa Cecília, por exemplo, representada enquanto um local de libertinagem para os casais, já aparecia nos contos de Alcântara Machado, em *Brás, Bexiga e Barra Funda*, quando Carmela, uma das personagens do livro, ao receber o recado do moço, pelo qual se interessava, para se encontrarem atrás da igreja, reage, primeiramente, indignada: “Que é que ele pensa? Eu não sou dessas. Eu não!”¹²³ Além da referência as “imoralidades”, que ocorriam atrás da Igreja Santa Cecília, o conto de Mário de Andrade explora a imaginação das personagens, que observavam atentamente os caminhantes “avec une barbe” (“com barba”) e os casais apaixonados, que andavam pelos jardins.

¹²² Idem, p. 64-65

¹²³ MACHADO, Antônio de Alcântara. **Braz, Bexiga e Barra Funda**. São Paulo: Nova Alexandria, 1995, p. 26

Em outra passagem, é possível acompanhar as fantasias criadas pelas personagens, ao observarem as movimentações dos transeuntes pela cidade. Um casal de operários caminhando de mão dadas, por exemplo, já toma a atenção da professora e das suas alunas, que param a leitura para imaginar o que conversavam. Nesta cena, o que menos importa ao narrador são as investidas do casal de namorados, e sim, os desejos das três personagens, os quais se manifestam em frases inconclusas, pensamentos maliciosos e expressões faciais. Se encontravam, assim, Mademoiselle e suas discípulas lendo num jardim, quando avistaram um casal de operários:

Decerto o rapaz estava querendo dizer coisas bem íntimas, porque a moça procurava se desprender, ambos forcejavam e riam numas gargalhadas que enfeitaram toda a rua. Mademoiselle saiu da leitura e se perdeu, seguindo os namorados com os olhos e a vida. As meninas também tiveram a atenção chamada pelos risos, mas percebendo o que era, apenas dois namorados, quiseram voltar à leitura geográfica lhes contando coisas mais novidadeiras. Mas o perdimento de Mademoiselle despertou a vontade de maliciar. Alba disse:

- Qu'est-ce qu'ils font? [o que eles estão fazendo?]

Mademoiselle corou vivo e trouxe os olhos para as duas. Mas assim pegada em pecado não lhes aguentou o olhar agudo, já rindo muito. Quis disfarçar, arranjando a rendinha, e murmurou o mais inocente que pôde fingir, uma resposta que considerou perfeita:

-Ils se donnent la main. [Eles se dão a mão]

Mas Lúcia no sufragante:

-Pour quoi faire! [Para quê!]

Mademoiselle fitou indignada a menina. Chegou a estremecer. Pois elas bem não tinham visto o que se passara atrás da catedral de Ruão! Deu um daqueles muxoxos, meio nojo, meio desnorteamento, que lhe mereciam todas as cochoneiras dessa vida:

- ... pour quoi faire... pxx!... [Para que... pxx!]

Alba e Lúcia a examinaram delicadas. Mademoiselle fazia força pra se acalmar, “pour quoi faire...” Ela bem sabia que não se deve deixar perguntas de criancinhas sem resposta. [...] ¹²⁴

Ao longo do trecho, percebe-se como Mário estrutura as falas das personagens e seus gestos corporais para que expressem, de um lado, as malícias das garotas, Alba e Lúcia, e do outro, os constrangimentos de Mademoiselle. Estes jogos narrativos auxiliam também na construção, no decorrer do conto, das relações das protagonistas com a cidade, pois seus desejos e curiosidades sexuais são despertados ao percorrerem determinados locais bem como ao presenciarem situações e/ou personalidades masculinas. Com o intuito de criar um cenário condizente ao enredo proposto, o autor se apropria de lugares de São Paulo e temporalidades – o período noturno, as festas e os momentos de solidão e fraqueza da protagonista –, que contribuem para a repressão e/ou realização das vontades “ímorais” da professora de francês. A cidade paulista caracterizada enquanto um espaço propício para a estimulação de desejos retraídos e vontades ocultas moralmente, aparece no conto “Frederico Paciência”, presente também na obra *Contos Novos*. A história narra a amizade de dois garotos, Juca, o narrador, e Frederico, seu amigo, que se conhecem no colégio e desenvolveram uma grande afeição um pelo outro. As repressões, os pudores e os julgamentos dos colegas da escola e deles próprios são amenizados, quando nos caminhos de volta do colégio ou nos percursos sem destino pela cidade, encontram espaço para andarem lado a lado, darem risadas, conversarem e compartilharem suas curiosidades de adolescentes.

De modo geral, as narrativas apresentadas em *Contos Novos*, trazem a cidade de São Paulo relacionada a vida das personagens, onde os nomes das ruas, linhas de bondes, edifícios e praças são escolhidos, minuciosamente, para formar cenários apropriados aos seus desejos e aspirações. Para cada conto, Mário de Andrade aproveita de locais e pontos da cidade que além de caracterizarem as tramas centrais, convidam os leitores a encontrarem situações e tipos urbanos verossimilhantes. As narrativas os incitam a recriarem e reelaborarem os lugares mencionados e descritos em estreito diálogo com seus usos assim como com outras fontes literárias. O enredo de “Atrás da Catedral Ruão”, por exemplo, ao trabalhar com itinerários e espaços da cidade conhecidos pelos moradores locais, transporta o público leitor à cenas e dramas semelhantes ao de Mademoiselle. O mesmo processo ocorre com o carregador de malas do conto “Primeiro de Maio”, cuja história ganha consistência no momento em que o

¹²⁴ ANDRADE, Mário de. **Contos Novos**. p. 60-61

narrador não somente sinaliza que a personagem trabalhava na Estação da Luz, mas, do mesmo modo, se apropria de uma série de elementos físicos e imateriais, que circundam a vida do trabalhador, tais quais pontos de referências do seu trajeto diário, o nome das linhas de bondes e das praças, as lembranças de infância e as motivações políticas e ideológicas.

Estes contos, além de mostrarem o entrelaçamento entre os dramas pessoais das personagens e as suas experiências na cidade, problematizam como os indivíduos, e também o próprio o autor, percebem os espaços urbanos. Nossas apreensões se constroem por meio de “opiniões”, sentimentos e leituras que se misturam às nossas visões e trazem, assim, uma cidade recortada em detalhes: lembranças de caminhos, residências, amigos, lojas, armazéns, ruas, edifícios etc. São, portanto, experiências afetivas, individuais e coletivas que se interpõem ao contarmos sobre a cidade; relações, aliás, que Mário não somente captou por meio da sua vivência urbana como ensaiou reproduzi-las nas narrativas feitas e refeitas ao longo dos anos. Seu trabalho atencioso na confecção dos contos permitiu que adentrasse à cidade por um viés sutil, delicado e ainda preocupado com os dramas psicológicos das personagens. Estas formas de narrar os contatos dos indivíduos com a cidade continuarão a ser investigados na próxima seção, no entanto, o enfoque dos contos e crônicas se desloca das tramas psicológicas para o tratamento de temas tão caros à população paulista, nas décadas de 1920 e 1930, os imigrantes e os bairros operários.

Perspectivas literárias: os imigrantes e os bairros operários

Se nos primeiros contos analisados da obra póstuma *Contos Novos*, Mário de Andrade recupera pontos e referências da cidade para caracterizar personagens e enredos, nos próximos textos, o autor recolhe de São Paulo histórias e tipos urbanos para formar suas narrativas. O enfoque dos textos, que compõem este segundo momento do capítulo, se desloca dos conflitos individuais das personagens para a descoberta da cidade paulista. Encontro esta preocupação do narrador em retratar temas e questões intrínsecas à São Paulo em *Os Contos de Belazarte*, e nas crônicas, inicialmente, publicadas no *Diário Nacional*, escritos, predominantemente, durante na década de 1920. Especificamente sobre o livro de contos, os textos, que o compõem, ainda se preocupam em retratar as transformações urbanas, sociais e políticas, que ocorriam em São Paulo, e em expor os jogos linguísticos e as inovações estilísticas ensaiadas pelo autor.¹²⁵ São contos e crônicas que ao representarem os hábitos, conflitos e dilemas das personagens, que moravam em bairros operários de São Paulo, dialogam com outras

¹²⁵ PAULILLO, Maria Célia de Almeida. **Mário de Andrade contista**. p. 23

produções literárias, jornalísticas e especializadas do período, e sobretudo, colaboram para a construção de um imaginário comum da cidade.

Nessas narrativas, o destaque dado aos bairros operários paulistas tanto quanto aos imigrantes e habitantes de baixa renda, se revela importante para compreender outro aspecto da relação de Mário de Andrade com São Paulo: a maneira pela qual capta a cidade. Por mais que se aventure desde criança e conheça, detalhadamente, os caminhos, ruas, cruzamentos, edifícios e regiões de São Paulo, ele somente percebe os elementos da cidade, os quais seus olhos, ou melhor, seus filtros conceituais, o permitem enxergar. Recupero a reflexão da filósofa Anne Cauquelin, quando aponta caminhos conceituais com os quais amparo estas minhas investigações acerca das representações de Mário de Andrade sobre a capital paulista. No livro *A invenção da Paisagem* (2007), Cauquelin interessada em compreender o conceito de “paisagem”, se indaga se aquilo que entendemos e reconhecemos por paisagem como sinônimo de natureza, na verdade, não encobre uma série de relações visuais e conceituais impostas aos nossos olhos. À estas películas e filtros, a nós atribuídos pela pintura, literatura, “doxas” etc., confere a associação, automática, dos indivíduos, que ao verem determinados conjuntos de elementos naturais os definem como paisagem.¹²⁶ Conforme entende Cauquelin, a conexão entre paisagem e natureza não é algo “natural”, e sim, fruto de relações adquiridas pelos indivíduos, que atravessam suas formas de ver/compreender. O ato de enxergar está intimamente relacionado ao ato da compreensão. Assim, a filósofa afirma que não vemos, simplesmente, aquilo que nos cerca, mas somente enxergamos com o auxílio das faculdades e conhecimentos dos quais dispomos, e completa, “só vemos o que já foi visto e o vemos como deve ser visto”.¹²⁷

A partir deste pressuposto, retorno a Mário de Andrade para sugerir que o autor ao procurar nos seus textos reconstruir falas, comportamentos e modos de vida dos moradores dos bairros operários, dos imigrantes e das camadas populares reproduz imagens apreendidas com esses grupos sociais. Suas representações ainda expressam os estranhamentos e curiosidades em relação à essas camadas sociais, que cresciam desordenadamente e se espalhavam pela cidade em desenvolvimento. Ao retratá-los, acompanha outros trabalhos, pesquisas, textos literários bem como “opiniões” comuns, que se sobrepunham na cidade e da mesma forma, se interessavam em conhece-los e estuda-los. Assim, as imagens trazidas pelas narrativas literárias do escritor não destoam de outras divulgadas na imprensa e na literatura,

¹²⁶ CAUQUELIN, Anne. **A invenção da Paisagem**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Martins, 2007, p. 92-100

¹²⁷ Idem, p. 96

ou nos relatos memorialísticos, debates políticos e projetos urbanísticos, uma vez que as reivindicações, interesses e vontades desses setores se entrecruzavam.

O que Mário de Andrade vê/compreende de São Paulo se alinha, portanto, com as motivações e preocupações, compartilhadas no período de produção dos seus textos. A maioria deles data da década de 1920, momento em que se discutiam nos campos intelectuais os projetos identitários nacionais.¹²⁸ Oswald de Andrade, por exemplo, um dos idealizadores da Semana de Arte de 22 e colega de Mário de Andrade, sustentava nos seus Manifestos, o *da poesia pau-brasil* (1924) e o *Antropofágico* (1928), a ideia da “‘originalidade’ do caráter brasileiro”.¹²⁹ Desde o primeiro texto, defende a proposta de que deveríamos nos afastar das correntes estrangeiras e ainda do “romance de ideias, uma mistura, [d]o quadro histórico, uma aberração, [d]a escultura eloquente, um pavor sem sentido”, para, assim, sermos, finalmente, “apenas brasileiros de nossa época. [...] Bárbaros, crédulos, pitorescos e meigos. Leitores de jornal. Pau-Brasil. A floresta e a escola”.¹³⁰ Por entre as metáforas e os jogos de linguagens dos manifestos, Oswald reitera a necessidade de voltarmos ao “sentido puro”, as nossas origens e raízes, ou melhor, de voltarmos nossos olhos ao Brasil assim como aos nossos problemas.¹³¹ Além do escritor modernista, outros intelectuais ensaístas, cujos trabalhos foram escritos nas décadas de 1920 e 1930, se atentavam para preocupações semelhantes que já se manifestavam logo no título das obras: *Retrato do Brasil* (1928) de Paulo Prado, *Casa Grande & Senzala* (1933) de Gilberto Freyre, *Raízes do Brasil* (1936) de Sérgio Buarque de Holanda e *Formação do Brasil contemporâneo* (1945) de Caio Prado Jr.

Mário de Andrade, por sua vez, atento aos debates produzidos no período, e, principalmente, as ideias partilhadas, procura nos seus textos literários dialogar com as propostas identitárias em disputa no cenário nacional e expressar suas contribuições. No caso específico das narrativas que se referem à São Paulo, reelabora tais questões, ao descrever situações, cenas e personagens urbanos, que, ao seu ver, caracterizam a cidade: os imigrantes, os trabalhadores dos bairros operários e os moradores provenientes das classes populares. São aspectos “escolhidos” pelo narrador para retratar a capital paulista e que, consequentemente,

¹²⁸ Recupero os debates acerca da construção da identidade nacional, elaborados durante a década de 1920, a partir de dois artigos da historiadora S. Bresciani, *Identidades inconclusas no Brasil do século XX – fundamentos de um lugar-comum* (2001) e *Reconhecer-se no “Outro”. A alteridade como espelho da semelhança* (2009), citado anteriormente.

¹²⁹ BRESCIANI, M. Stella. Reconhecer-se no “Outro”. A alteridade como espelho da semelhança. Op. cit, p. 99

¹³⁰ ANDRADE, Oswald de. Manifesto da poesia Pau-Brasil. In: ANDRADE, Oswald. **Obras completas 6**. Do Pau-Brasil à antropofagia e as utopias. Rio de Janeiro: MEC: Civilização Brasileira, 1972, p. 5-10 Apud. BRESCIANI, M. Stella. Ibidem, p. 99

¹³¹ BRESCIANI, M. Stella. Ibidem, p.98

expõem as preocupações dos intelectuais paulistas com as camadas carentes da sociedade, nas quais identificavam a ausência de práticas de lazer, atividades culturais e educacionais orientadas assim como preceitos de higiene. Lembro que o Departamento de Cultura, durante a gestão de Mário de Andrade, promoveu atividades com o intuito de inserir os habitantes pobres e/ou operários nas práticas culturais da cidade.

Acompanho, então, as caracterizações desses grupos sociais feitas pelo literato, primeiramente, na montagem das falas das personagens dos contos e das crônicas. O trabalho estilístico de reprodução da fala oral, segundo Raquel Bueno, se acentua nas suas obras, ficcionais, poéticas ou ensaísticas, após 1922, ano da Semana de Arte Moderna, em que se discutia, no campo literário, uma “renovação linguística [que] fazia parte de um projeto abrangente de estilização literária da língua falada”.¹³² Cabe ressaltar que o processo de escrita das narrativas que se referem à São Paulo coincide com o desenvolvimento dos textos que iriam integrar o livro *Gramatiquinha da fala brasileira*, obra póstuma, onde Mário de Andrade se propôs a estudar, gramaticalmente, a “fala brasileira”. Aos seus estudos gramaticais, somavam-se as renovações linguísticas vindas com a utilização de palavras, expressões e grafias originárias da fala oral; recursos presentes tanto nas obras de Mário quanto de Oswald de Andrade, que procuravam por meio da escrita investigar as origens da linguagem popular e, no limite, do povo brasileiro.¹³³ O literato paulista envolvido com estes estudos, os desenvolve, assim, nos contos e crônicas, cujas personagens são provenientes de camadas carentes e de regiões pobres de São Paulo, caracterizando-as a partir das suas falas, expressões populares e, quando são imigrantes, da reprodução de termos da língua materna.

Na crônica “Foi sonho”, parte da coletânea *Os Filhos da Candinha*, por exemplo, o literato aproveita de usos e expressões da linguagem oral para adentrar no ambiente das personagens. A história narra a briga de um casal de origem popular, onde o marido tenta convencer a esposa, de que a traição dele não passou de uma situação sem importância e relevância para o casamento. Apresento uma parte do diálogo do marido, explicando o que aconteceu na noite de Carnaval:

¹³² BUENO, Raquel I. **Belazarte me contou: um estudo de contos de Mário de Andrade**. Dissertação de Mestrado. Defendida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH/USP). São Paulo, 1992, p. 34

¹³³ SANTOS, Marcelo B. Pimentel dos. **Viagens de Mário de Andrade: A construção cultural do Brasil**. Tese de doutorado em Ciências Sociais. (Pontífice Universidade Católica de São Paulo). São Paulo, 2012, p. 62

Agora nem num sei si devo conta o resto, Frorinda, praque eu quero é num te mátratá, já tava bem tonto quano incontrei ela. Nunca tinha simiante criatura, mais ela vinha vistida de apache, que agora as muié deu pra visti carça no Carnavá... Vai, ela oiô pra mim e falô ansim: “Ôta mulato proletaro, bam’ fazê cumunismo pá i no baile do Colombo junto.” Eu inté num achei graça, mais porém todos tavum rindo do meu jeito, num quis ficá pur tráis, me ri tamém. Intão ela s’incostô todinha e suspirô fingido. [...] Prâque que hei-de fala...mais me deu uma vontade de i cu’ela. Todos tavum reparando e senti satisfação. Garrei na cintura dela e fui andano. Minha tenção era chegá nargum lugá sem gente e dá o fora, porém, você me discurpe, Frorinda, era só tenção, cheguemo no Colombo.

Foi a conta! Ansim qu’inxerguei aquela gentarada na maió imoralidade, me cunvinci definitivo que tinha caído na farra, era tudo um sonho, nada num fazia má, bibi, dancei, caçoei c’os ôtro, ela só se ajeitando pá meu lado... Depois, quano me cunvidô pá i cu’ela, eu disse: “eu vô”.¹³⁴

Recorrer a expressões populares e compor diálogos próximos da linguagem oral se apresentam enquanto um dos primeiros recursos de Mário de Andrade para dar vida às personagens urbanas. Ainda acrescenta à crônica outros elementos externos que contextualizam a história contada e a origem popular dos protagonistas bem como reforçam o tema principal da narrativa: a traição. Além da infidelidade do marido ocorrer no carnaval, acontece durante o baile festivo no Teatro Colombo¹³⁵, espaço que existiu no bairro do Brás, situado no Largo da Concórdia. O teatro que abrigava salas de cinemas, também era conhecido pela divulgação de peças teatrais, atividades culturais ligadas aos moradores do bairro, e bailes de carnaval. As animadas festas de carnaval do Largo da Concórdia são lembradas, do mesmo modo, em outra crônica de Mário de Andrade, em que o autor se propõe a descrever o que ocorria neste espaço:

Sábado de Carnaval. Muita gente no largo da Concórdia, nitidamente escuro, severamente circunspecto e desolado. É verdade que a frontaria do teatro Colombo está cheia de luzes, de anúncios prometendo bailes estupendos, e um portal ‘ad hoc’ de pano pintado, desenhando duas mulheres “bem nuas”. [...] As mulheres estão todas de homem, uso utilitário

¹³⁴ ANDRADE, Mário. Foi sonho. In: ANDRADE, Mário. **Os Filhos da Candinha**, p. 52

¹³⁵ Sobre a construção do Teatro Colombo (1908), sua apropriação pela população local e como foi recebido pela imprensa paulista, sugiro a leitura do trecho, intitulado “Polissemia e dissonância: Concórdia em uso”, presente na tese de doutorado de Josianne Cerasoli, *Modernização no plural: obras públicas, tensões sociais e cidadania em São Paulo na passagem do século XIX para o XX* (2004).

de calça pra desenhar melhor as formas. Os homens numa porcentagem assustadora, estão fantasiados de mulher. Sobretudo a baiana, forte e ancuda, firma no século os seus direitos de duplicidade sexual. No meio desses máscaras, os seres humanos, principalmente italianos e portugueses, a que os húngaros, letões, etc, rajam apenas de longe e longe com um ar de limpeza meramente exterior e exclusivamente físico [...] Esse é o pessoal que forma as rodas, apertadas, quase sempre compactadas, em torno dos que são espetáculos.¹³⁶

Além da utilização de expressões orais para caracterizar a origem e condição social das personagens, Mário se apropria também de outros elementos para retratá-las: a delimitação do local onde moram. O bairro do Brás, por exemplo, de onde recolhe histórias para compor suas crônicas, reaparece no livro *Os Contos de Belazarte*, cujo enfoque dos textos será, predominantemente, na apresentação dos imigrantes, sendo a maioria deles de origem italiana. Mário de Andrade não é o primeiro autor a escrever sobre a população italiana que vivia neste bairro operário, Alcântara Machado, a quem dedicou *Os Contos de Belazarte*, criou diversas narrativas, em que as personagens tinham descendência italiana e moravam entre as regiões do Brás, Bexiga e Barra Funda. A historiadora Bresciani lembra ainda que nos anos 20, o Brás foi “ícone do lugar em que a modernidade se expressava crua em todos os seus contrastes de riqueza e miséria, de grandeza e mesquinhez”.¹³⁷ Se, de um lado, o literato procurou representar “este lugar da modernidade” por meio das festas populares de carnaval, do Teatro Colombo e do Largo da Concórdia, do outro, se fazia necessário recriá-lo em consonância com a vida dos seus moradores.

Percorro as histórias ficcionais de Mário de Andrade que se referem às personagens habitantes do Brás no conto “Menina de olho fundo”. A história se passa entre uma moça italiana, Dolores, e o seu professor de música, o senhor Carlos da Silva Gomes, pelo qual era apaixonada. O professor além das aulas à Dolores, ensinava “viola e artinha” no Conservatório Giacomo Puccini, escola do maestro Marchese, localizada na avenida Rangel Pestana, no Brás. A fim de envolver suas personagens com o enredo construído tanto quanto com o local da história, o bairro do Brás, o autor não se contenta somente em mencionar a origem de Dolores e do maestro Mastrese, ou a localização do conservatório de música; opta,

¹³⁶ ANDRADE, Mário de. Largo da Concórdia. In: ANDRADE, Mário de. **Taxi e Crônicas no Diário Nacional**. São Paulo: Duas Cidades, Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976, p. 497

¹³⁷ BRESCIANI, Maria Stella M. O literato, o cronista e o urbanista. *Imagens de São Paulo nos anos 1910-1920*, p. 131-133

do mesmo modo, por recuperar expressões da língua materna das personagens. Pode-se identificar essas construções narrativas, numa das falas do maestro italiano com o seu Gomes, onde o dono do Conservatório desaprova a conduta do professor em se envolver com a aluna Dolores: “Bom-dia, s’accomodi. Professore, mandei chamar o signore por causa dum assunto moltlo serio! Il Giocamo [a escola de música] é um stabilimento serio! Qui non si fa scherzi com moças, signor professore! Si lei aveva l’intenzione di namorare careceva de andare noutro...”¹³⁸

Por meio das falas do maestro Marchese, mescla de português e italiano, o narrador abre espaço para seus leitores imaginarem as características da personagem bem como as localizarem em outros indivíduos, pertencentes ao Brás. São imigrantes que, de acordo com o poeta paulista, apesar de habitarem e construírem seus estabelecimentos e comércios em terra nacionais, não se desvencilharam da língua materna. As imagens construídas neste conto são compartilhadas também por um dos interlocutores literários de Mário de Andrade, o escritor e jornalista, Guilherme de Almeida. Em *Meu roteiro sentimental da cidade de S. Paulo*, escrito em 1967 à pedido da Companhia Telefônica Brasileira, Almeida descreve alguns dos bairros, regiões e ruas relevantes para sua representação da cidade de São Paulo. Dentre os bairros narrados, se encontra o Brás representado a partir dos imigrantes italianos:

O Brás ... no encardido do horizonte encarvoado, rente ao Tamanduateí que escorria sob o choro dos salgueiros-chorões, mergulhando na água corrente as cabeleiras verdes, contra o background dos balões negros da Companhia de Gás. Ali começa a “Nuova Italia”, conhecida vulgarmente pelo nome de Brás, né mesmo? Pergunto a um carregador de blusão branco que subiu do Mercado e parou, um instante, a meu lado. -“Mà che Nueva Italia?! Quello, la giù, è il próprio Brasile che incomincia!”

E explica-me que “Brasil é simplesmente um anagrama de “Il Bras”...”¹³⁹

Lembro que Guilherme de Almeida publicou diversas crônicas no *Diário Nacional*, no mesmo período e periódico em que Mário de Andrade divulgava os seus textos. As crônicas de Almeida, reunidas na seção “Pela Cidade”, relatavam problemas urbanos, reclamações de moradores paulistas assim como experiências e anedotas do cronista provenientes dos percursos diários pela cidade paulista. O jornalista atento aos fatos e acontecimentos de São

¹³⁸ ANDRADE, Mário de. Menina de olho no fundo. In: ANDRADE, Mário de. **Os contos de Belazarte**. São Paulo: Martins; Brasília: Instituto Nacional do Livro (INL), 1972, p. 80

¹³⁹ ALMEIDA, Guilherme. **Pela cidade, seguido de, Meu roteiro sentimental da cidade de S. Paulo**. p. 535

Paulo procurou nas suas crônicas destacar temas e questões em debate no período, dentre as quais, pontuo a ênfase dada às populações imigrantes, que habitavam os bairros paulistas. O trecho acima, apesar de não datar deste momento, dialoga com as visões da cidade em construção desde as primeiras décadas do século XX, que atribuíam ao Brás, uma população, predominantemente, formada por italianos. Seus roteiros pela cidade ainda lhe permitem criar outras associações entre São Paulo e os imigrantes, desenvolvidas ao longo de oito reportagens publicadas no jornal *O Estado de S. Paulo*, em 1929. Nas crônicas “Cosmópolis”, Almeida percorre os bairros e ruas da capital, caracterizando-os de acordo com a nacionalidade dos seus moradores; na Mooca encontra-se imigrantes húngaros; nas ruas da Glória, Conselheiro Furtado e Conde de Sarzedas, os japoneses; nos bares da rua Santa Ifigênia, os alemães; na rua José Paulino, no Bom Retiro, os comércios judeus; na rua Guaicurus, na Vila Anastácio, em decorrência das fábricas e indústrias que contornam as estradas de ferro, se encontram os estrangeiros do leste europeu; nas ruas Santa Rosa, Lucas e Benjamin de Oliveira, no Brás, situam-se os armazéns e barbearias dos espanhóis; nos bairros da Vila Mariana e Cambucy localizam-se os portugueses com seus rebanhos de cabras; e por fim, na rua 25 de março, no centro, assentam-se os comércios de “bugigangas, miçangas e quinquilharia vistosa” dos turcos, que incluem, para o autor, os imigrantes vindos da Síria, Egito, Arábia, Armênia e Turquia.¹⁴⁰ Os itinerários e localidades construídos pelo cronista retratam a cidade “cosmopolita” – termo já empregado no título das crônicas –, repleta, assim, de imigrantes e que oferecia diversos serviços e comércios à população paulista.

O cenário de Guilherme de Almeida entrecruza com o de outros escritores paulistas, lidos por Mário de Andrade, que ao narrarem histórias que se passam em São Paulo, abordam o tema da imigração, seja para delimitar seus enredos, seja para caracterizar as personagens. Dentre outras produções literárias, compostas na década de 1920, que trabalham direta ou indiretamente com personagens estrangeiras para compor as tramas centrais, destaco: o conto *A mulher que pecou* (1922) de Menotti del Picchia¹⁴¹ e os livros, *Memórias sentimentais de João Miramar* (1924), de Oswald de Andrade, *O Estrangeiro* (1926) de Plínio Salgado e *Brás, Bexiga e Barra Funda* (1927) de Alcântara Machado. São autores que, de modo geral,

¹⁴⁰ ALMEIDA, Guilherme de. **Cosmópolis (São Paulo/29)**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1962

¹⁴¹ Mário de Andrade é convidado pela *Revista Acadêmica*, do Rio de Janeiro, em 1938, a responder quais eram “os dez melhores contos brasileiros.” O literato seleciona, ao todo, vinte e três contos, dentre os quais se destacam aqueles elaborados por Machado de Assis, Monteiro Lobato, Lima Barreto, A. Alcântara Machado (“Gaetaninho”) e Menotti del Picchia (“A mulher que pecou”). (ANDRADE, Mário de. **Entrevistas e depoimentos**. Edição organizada por Telê Ancona Lopez. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983, p. 54)

atravessaram a trajetória intelectual, literária e/ou profissional de Mário de Andrade, ao mesmo tempo em que o auxiliaram na construção de suas imagens da capital paulista. Dessa forma, o literato procura em consonância com esses trabalhos, tratar da imigração, símbolo construído e atribuído à São Paulo, e, portanto, tema “intrínseco” as narrativas, que desejavam retratar a cidade e os seus processos urbanos.

Apontei, inicialmente, as referências do poeta paulista aos italianos, habitantes do Brás, contudo, as narrativas d’*Os Contos de Belazarte* continuam a abordar tal questão, ao representar os italianos, portugueses e espanhóis que circulavam pelo bairro da Lapa. Em diversos textos, a descendência italiana, a língua e as formas de agir construídas por esta comunidade aparecem nas descrições dos habitantes da Lapa. Apesar de se concentrar nas personagens de origem italiana, o literato apresenta nos contos, os portugueses e espanhóis que viviam nos bairros operários de São Paulo, como, por exemplo, o padreiro português, no conto “O Besouro e a Rosa” e “Jaburu Malandro” ou ainda, o espanhol sedutor do conto “Piá, não sofre? Sofre”. Em *Os Contos de Belazarte*, Mário de Andrade evidencia, da mesma forma, outros tipos urbanos, como os negros trabalhadores, representados por “Prima Rufina”, no conto “Nízia Figueira”, e “Ellis”, em “Túmulos, túmulos, túmulos”; ou a “mulatona”, “mãe de filho assassino”, do conto “Piá não sofre? Sofre?”; e por fim, as personagens de origem italiana que aparecem nos cinco dos sete contos do livro. Para aproximar seus leitores dos imigrantes, particularmente, os italianos, e dar veracidade as histórias narradas e espacialmente, localizadas em São Paulo, o enredo dos contos é preenchido com expressões da língua materna, tipos de lazer, descrição de gestos e atividades “típicas” dos ítalo-brasileiros.

No conto “Caim, caim e o resto”, pode-se acompanhar o uso dessas caracterizações do autor, a partir da história entre dois irmãos de origem italiana. Aldo e Tino moravam na Lapa e brigavam frequentemente, até que numas das discussões, Aldo acaba por enforcar seu irmão mais novo. A narrativa, cujo final triste é preanunciado pelas intensas brigas entre ambos, se inicia, porém, com descrições da proximidade deles que, no passado, frequentavam, nas horas de lazer, os jogos do Palestra e aos domingos, tomavam um guaraná e assistiam os filmes do cinema Recreio ou do Carlos Gomes. A reconstituição das personagens de descendência italiana faz com que Mário de Andrade se aproprie de signos atribuídos aos indivíduos vindos da Itália, tais quais, a menção ao jornal difundido para os italianos, o “Fanfulla”, a referência ao movimento fascista, pois um amigo dos irmãos era adepto desta corrente; e o uso de expressões em italiano, como “Fratello” e “Porca la miseria” para compor a figura da família,

onde no lar a língua materna e o português se misturavam. Se, de um lado, o narrador reconstrói as personagens Aldo e Tino pela língua e pelos símbolos da comunidade italiana em São Paulo, do outro, as caracteriza a partir da escolha do lugar onde moram, o bairro da Lapa. O bairro seria desde o final do século XIX, de acordo com o livro *Lapa: Evolução Histórica* (1998), a região que, localizada ao noroeste da cidade, recebia imigrantes, principalmente, de origem italiana para trabalhar nas fábricas de cerâmicas que margeavam as estradas férreas, São Paulo Railway e E. F Sorocabana, e o rio Tietê. A Lapa, apesar de ser afastada do centro da cidade, começa a desenvolver comércios, escolas e centros de lazer para atender a população em crescimento. Assim, criaram-se colégios para os imigrantes italianos, a “Escola Mista Italiana” e a “Scuola Avvenire”, associações esportivas, cooperativas de trabalhadores, jornais locais: “A Tribuna da Lapa” (1910), “O Progresso” (1918), “O Distrito” (1922) e “A Folha da Lapa” (1936)¹⁴²; bem como grupos teatrais e salas de cinemas, citadas no conto, as do Recreio e do Carlos Gomes.

O conto “Caim, caim e o resto”, além de expor o trabalho do narrador com elementos da cidade para caracterizar as atividades, vivências e hábitos das personagens, traz mais um aspecto dos textos literários de Mário de Andrade: a referência ao lazer das populações carentes e/ou imigrantes de São Paulo. Na tragédia dos irmãos italianos, ressalta-se algumas das atividades de lazer, executadas por ambos, antes das brigas como a ida aos cinemas da Lapa e aos jogos do Palestra. O literato completa ainda, no conto “Jaburu Malandro”, que no bairro da Lapa ocorriam também espetáculos circenses, como o “Grande Circo Bahia dos irmão Garcias!”, que promoveria “Cachorros e maccacos sábios! Irmãos Fô-Hi equilibristas! Grandes números de actração mundial [...] O homem Cobre, Malunga, o elephante sábio! [...] e] Tres palhaços e o tony Come Mosca Evoré!”.¹⁴³ Relatar as práticas de lazer dos habitantes paulistas se tornou uma das temáticas dos contos e crônicas de Mário de Andrade, como pudemos acompanhar na menção às festas de carnaval do Teatro Colombo e aos espaços de divertimento da Lapa. Ao construir narrativas com a proposta de retratar a cidade paulista e os costumes da população, descreve cenas e situações, impreterivelmente, relacionadas ao lazer e divertimento, ou ainda a falta de deles, como é o caso do conto “Piá não sofre? Sofre”.

A última narrativa, que apresento do poeta paulista, continua o conto “Caim, caim e o resto”, pois Aldo, depois do julgamento da morte do irmão e a comprovação da sua inocência, retoma a sua vida e o trabalho na construção, até que é assassinado pelo marido de Teresinha

¹⁴² **Lapa: evolução histórica.** Coordenação de José Antonio Segatto. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, 1988, p, 47

¹⁴³ ANDRADE, Mário de. Jaburu malandro. In: ANDRADE, Mário de. **Os contos de Belazarte.** p. 30

por ciúmes da esposa. Inicia-se, assim, o conto “Piá não sofre? Sofre”, quando Teresinha desamparada da renda do marido, agora preso, com dois filhos pequenos para criar e vivendo da pensão da sogra, desconta seus problemas em Paulino, seu filho mais novo. Paulino, filho de italiana com brasileiro, desde pequeno descobre as dores da fome e as insensibilidades da mãe, que lhe batia, quando a procurava afetosamente nas noites de fome. Sem ter o que comer e o que fazer, pois qualquer “reinação” sua na frente de casa, “acabava sempre com um pão mal comido e algum cocre de inhapa bem no alto do côco, doendo fino”¹⁴⁴, descobre, então, nas andanças pelo “matinho atrás da casa”, um habito estranho, mas que lhe reconfortava o estomago. Passa a experimentar formigas, moscas, terra e tantos outros insetos, que encontrava nas brincadeiras inocentes no quintal. Se não bastasse a dor da fome e da falta de carinho, o narrador ainda traz ao pequeno Paulino outras situações amargas: a mudança para a casa da avó, onde vivendo numa condição melhor e recebendo comida diariamente, o menino não consegue largar o gosto por comer bichinhos do mato; ao descobrir, o hábito incomum do seu neto, Paulino recebe uma grande surra e a proibição de andar pelo quintal.

Da história de Paulino, para além dos apelos literários de Mário de Andrade, recupero, da narrativa, a ausência de condições básicas para o crescimento de uma criança: falta de alimentação, moradia adequada e ambientes propícios à educação e divertimento. As preocupações quanto a formação de crianças e jovens, provenientes de camadas populares, expostas no conto, se encontram com os projetos de intervenção no espaço urbano pensados pelo engenheiro-arquiteto Luís Inácio de Anhaia Mello (1891-1974). Embora a aproximação das ideias construídas nos contos do poeta paulista com as propostas urbanísticas de Anhaia Mello possa se realizar a partir do fato de que ambos descreveram e apontaram problemas semelhantes à cidade de São Paulo num mesmo período, as décadas de 1920 e 1930; o que interessa a esta pesquisa se centra no entendimento do envolvimento profissional do engenheiro-arquiteto com a administração de Fábio Prado, no momento em que Mário de Andrade dirigia o Departamento de Cultura. De acordo, com Candido Malta Campos, durante a gestão de Fábio Prado, Anhaia Mello “tornou-se consultor oficioso da prefeitura para questões urbanísticas, colaborando em iniciativas socialmente integradoras como os parques infantis, levando à formalização de instrumentos como a taxa de melhoria e impondo diretrizes reguladoras nas negociações entre o poder público e o setor imobiliário.”¹⁴⁵ A citação de Campos, ao enumerar as ações de Anhaia Mello junto a prefeitura paulista,

¹⁴⁴ ANDRADE, Mário de. Piá não sofre? Sofre. In: ANDRADE, Mário de. **Os contos de Belazarte**, p. 112

¹⁴⁵ CAMPOS. Candido Malta. **Os rumos da cidade: urbanismo e modernização em São Paulo**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2002, p. 502.

presume o quanto os projetos e atividades municipais executados pela gestão de Prado dialogavam com as ideias, planos e discursos do engenheiro-arquiteto e vice-versa. Cabe salientar que Anhaia Mello, além dos trabalhos específicos da sua profissão e da docência na Escola Politécnica de São Paulo, entre 1918 e 1961, teve uma trajetória profissional atrelada a carreira pública, atuando na Secretária de Obras da municipalidade e no cargo de prefeito de São Paulo, no período de 06/12/30 – 25/07/31 e 14/11 – 04/12/31.¹⁴⁶

A atuação de Anhaia Mello nas esferas governamentais e, particularmente, seu suporte ao prefeito Fábio Prado nas questões administrativas, urbanísticas e culturais – a implantação dos parques infantis –, me permite encontrar correspondências das suas ideias nos textos literários, ensaísticos e jornalísticos assim como nas políticas culturais defendidas por Mário de Andrade, durante a direção do Departamento de Cultura. Ambos partilhavam de concepções e percepções sobre São Paulo, ao mesmo tempo em que apresentavam apontamentos parecidos em relação aos problemas da população paulista. O literato, nas suas produções escritas, ao evidenciar a ausência de condições básicas, como alimentação, moradia e divertimento, contribuía e, sobretudo, reforçava as propostas do engenheiro-arquiteto para São Paulo. Uma das preocupações centrais de Anhaia Mello era com a formação dos indivíduos, desse modo, salientava em palestras, aulas e planos de intervenção a importância/necessidade das cidades modernas de se reconciliarem com as demandas de bem-estar e constituição moral dos cidadãos.¹⁴⁷ Conforme aponta a historiadora S. Bresciani, o engenheiro-arquiteto, partia do pressuposto do entrelaçamento entre as noções de “cidade/civilidade/civismo”, e compreendia ser a função do urbanista a de recuperar o espaço público para a população; com isso, insistia “na necessidade de ampla exposição à ‘opinião pública’¹⁴⁸, que não deixou de sublinhar que ‘para ser efectiva precisa ser esclarecida, controlada e organizada’.”¹⁴⁹

Com o intuito de promover e incentivar a criação de espaços para a formação dos cidadãos, Anhaia Mello elaborou diversas medidas de reorganização da cidade e

¹⁴⁶ A historiadora Maria Stella Bresciani, nos artigos, *Estudo da trajetória profissional do engenheiro-arquiteto Luiz de Anhaia Mello* (2010) e *As múltiplas linguagens do urbanismo em Luiz de Anhaia Mello: técnica, estética e política* (2012) analisa a trajetória profissional e pública de Anhaia Mello em São Paulo bem como seus planos de intervenção no espaço urbano.

¹⁴⁷ BRESCIANI, Maria Stella M. *As múltiplas linguagens do urbanismo em Luiz de Anhaia Mello: técnica, estética e política*. SEIXAS, Jacy; CERASOLI, Josianne; NAXARA, Márcia. (Orgs.) **Tramas do político: linguagens, formas e jogos**. Uberlândia: EDUFU, 2012, p. 147-176

¹⁴⁸ Stella Bresciani explica ainda que por “opinião pública”, Anhaia Mello entendia que o espaço urbano para satisfazer as necessidades e demandas dos indivíduos, deveria estimular e proporcionar aos seus cidadãos, lugares que pudessem se formar moral e eticamente, a fim de poderem, no futuro, opinar e interferir nas decisões da sua cidade. (p. 161)

¹⁴⁹ Idem, p. 160.

desenvolvimento moral e educacional da população, dentre as quais destaco a sua proposta do “recreio activo”. Este projeto de lazer, como aponta Jhoyce P. Timóteo, inspirava-se no conceito de “cidade-jardins” e nas propostas de unidades vizinhas dos sociólogos norte-americanos da Universidade de Chicago, Robert Park e Louis Wirth, que preocupados com o crescimento da cidade e a formação de grupos sociais segregados das normas e condutas urbanas, procuravam por meio dos estudos psicológicos, biológicos, estatísticos e sociais encontrar soluções a esses problemas.¹⁵⁰ O engenheiro-arquiteto atento aos temas dos debates dos intelectuais norte-americanos, apresenta, assim, suas propostas para o “recreio activo”, que além de serem direcionadas às populações carentes de São Paulo, pretendiam gerenciar, orientar e controlar os comportamentos dessas camadas sociais, entendidas como apartadas das leis da cidade bem como das ações assistencialistas do governo.¹⁵¹

A inclusão do “recreio activo”, sistema de lazer organizado e regulado, nas regiões de São Paulo, onde Anhaia Mello entendia como ausentes de serviços públicos e assistências municipais, proporcionaria a formação ética, moral e social das crianças carentes e consequentemente, dos seus pais. Sua proposta de lazer se apresentava, então, como a resposta para a ausência de práticas esportivas, morais e higiênicas das crianças, que habitavam os bairros operários paulistas. Prefeito de São Paulo, nomeado logo após o golpe de 1930, Anhaia Mello associava, segundo Bresciani, as más condições de vida das crianças dos bairros fabris às práticas de lazer sem orientação adequada e à falta de condições em suas áreas residenciais; associação enfatizadas e reforçadas em suas palestras proferidas entre 1928 e 1935. O recurso à metáforas em reforço de seus argumentos buscava ganhar apoio para suas propostas de “recreio activo”:

Ao definir “a evolução do conceito de parque” para o de “recreio activo”, em 1928, para os membros do Rotary Club, Anhaia Mello elabora duas imagens fortes. A primeira ao dizer da impossibilidade de se cultivar no mesmo chão grama e crianças; a essa segue uma descrição da paisagem urbana que divisa da janela de seu escritório “no alto da collina central”: a edificação maciça dos bairros industriais e operários do Brás, Mooca e Ipiranga, chaminés das indústrias e casario denso, “marcos commemorativos do progresso da cidade, balisas da marcha triumphal para o futuro”, em contraste com “o Parque da Varzea do Carmo, de gramados immensos, não

¹⁵⁰ TIMÓTEO, Jhoyce P. **A cidade de São Paulo em “Escala Humana”: Luiz de Anhaia Mello e sua proposta de recreio activo e organizado**. Dissertação de Mestrado em História (IFCH/Unicamp). Campinas, 2008, p. 11-57

¹⁵¹ Idem, p. 34

direi inúteis, mas inutilizados”. Após definir o contraste na forma de contradição – crianças sem espaços abertos adequados aos jogos infantis e gramados imensos e sem uso – a solução de transformá-los em “playgrounds” bem equipados surge como elemento previsto no campo dos “ideaes do urbanismo moderno – o maior bem do maior número”.¹⁵²

Os “playgrounds”, expõe Anhaia Mello na palestra, seriam munidos de “um campo de atletismo, um teatro ao ar livre, uma piscina, um tanque raso para a criançada patinar, poderiam perfeitamente e sem grande dispêndio ser construídos e contribuir poderosamente para que nas horas de lazer a população desses bairros “re-criasse” as energias gastas na dura labuta diária pela própria subsistência, sim mas também pelo progresso da cidade”.¹⁵³

As propostas de Anhaia Mello de organizar equipamentos de lazer pela cidade paulista dialogam com as imagens apresentadas por Mário de Andrade, na medida em ambos constroem e recuperam signos comuns atribuídos a cidade em desenvolvimento: falta de espaços de lazer e planos urbanísticos bem como moradias inadequadas nos bairros operários. Ao trazer as propostas do engenheiro-arquiteto, tive a intenção de mostrar o quanto as produções de Mário de Andrade também se relacionam com projetos urbanísticos pensados para a cidade. Cabe ressaltar que suas narrativas corroboram, do mesmo modo, com as políticas educacionais e culturais implantadas em São Paulo, na década de 1930, conforme foram expostas no capítulo anterior. Por meio das descrições de situações conflituosas e “imorais”, como a traição e as festas “libidinosas” no Teatro Colombo, na crônica “Foi sonho”, e o caso do professor de música que se envolve com a sua aluna, na escola do maestro Marchese, no conto “Menina de ôlho no fundo”; ou ainda, por meio do relato das brigas entre os irmãos italianos de “Caim, caim e o resto” e dos sofrimentos do menino Paulino, em “Piá não sofre? Sofre”, o literato paulista reforça as construções imagéticas tanto dos bairros industriais quanto dos hábitos e práticas de divertimentos da população carente e imigrante de São Paulo. Estas representações recuperam, ao meu ver, as ideias apresentadas pelos intelectuais ligados a Júlio Mesquita Filho, que interessados em organizar e reestruturar as bases governamentais de São Paulo, voltavam suas ações para os setores sociais entendidos como apartados das decisões políticas do estado. Lembro que uma das questões centrais

¹⁵² BRESCIANI, Maria Stella M. As múltiplas linguagens do urbanismo em Luiz de Anhaia Mello: técnica, estética e política; p. 172.

¹⁵³ ANHAIA MELLO, Luiz de. O problema psychologico. Bases de uma campanha pratica e efficiente em prol de São Paulo maior e melhor, In: ANHAIA MELLO, Luiz de. **Problemas de urbanismo. Bases para a resolução do problema tecnico**. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, Boletim do Instituto de Engenharia de São Paulo, 1929.p. 25-26

defendidas pelo diretor d'*O Estado de S. Paulo*, desde os tempos da Liga Nacionalista, era a reivindicação de “reformas políticas moralizadoras” que contribuíssem para a formação e educação da população paulista, e a “assimilação do imigrante”.

As preocupações políticas e educacionais de Mesquita Filho e dos intelectuais próximos a ele possibilitaram, na década de 1930, a abertura de instituições encarregadas, dentre outras funções, de propor soluções para os problemas identificados nas comunidades carentes de São Paulo. Desse modo, criaram-se a Escola Livre de Sociologia e Política, a Universidade São Paulo e o Departamento de Cultura responsáveis, respectivamente, por pesquisar os processos urbanos, formar pesquisadores e educadores, e propor atividades culturais. As pesquisas desenvolvidas pelos profissionais da Escola Livre em conjunto com os professores e alunos da Universidade, e publicadas na *Revista do Arquivo Municipal*, estudavam as condições sociais e físicas, e as práticas culturais das crianças paulistas e das suas famílias que habitavam bairros operários ou regiões com alto contingente de imigrantes – como mostrei através dos títulos dos estudos divulgados na revista do Departamento de Cultura. Estas pesquisas em consonância com o trabalho desenvolvido pelas Sociedades, a de Sociologia e de Etnologia e Folclore, retomavam, do mesmo modo, as problemáticas apontadas nos textos de Mário de Andrade. Suas narrativas literárias construía imagens de determinados segmentos da população paulista, que estavam em debate no cenário intelectual, desde as primeiras décadas do século XX, pois estes setores sociais e suas formas de viver e interagir na cidade preocupavam e causavam estranhamentos nos intelectuais paulistas. São, portanto, desconfortos e incômodos frente à essas camadas sociais espalhadas pelos diversos núcleos urbanos, que conduziram a elite paulista a se apropriar de conceitos e referências para descrevê-los, estudá-los e, sobretudo, justificar suas intervenções na cidade.

A preocupação com a orientação educacional e cultural desses grupos sociais terá seu destaque na organização do Departamento de Cultura, onde é possível acompanhar o estreito diálogo entre os temas tratados pelo literato paulista - imigrantes, que mesclavam o português e a sua língua de origem para se comunicarem, habitantes de bairros operários com hábitos violentos e/ou “imorais”, e crianças sem instrução e lazer – e as atividades culturais, que direcionavam sua ação para as populações socialmente desfavorecidas. Além dos projetos para a implantação dos parques infantis nos bairros operários da Lapa e do Ipiranga, Mário de Andrade e sua equipe criaram um Clube de Menores Operários, projeto que funcionou somente no Parque Infantil Pedro II. Segundo Nicanor Miranda, chefe da Divisão de Recreios, “foi justamente analisando o problema da mocidade (...) e refletindo sobre as

nefastas consequências do seu abandono moral e intelectual que propusemos (...) a criação dos ‘Clubes de Menores Operários’¹⁵⁴, que promoviam jogos de xadrez, dama, dominó, leituras, aulas teóricas e “palestras dos instructores sobre civismo, moral e comportamento social”.¹⁵⁵ Durante a sua gestão, ainda houve o incentivo à leitura e escrita na língua nacional, com a compra de livros, principalmente, em português e sobre a história do Brasil para a Biblioteca Municipal¹⁵⁶ e também o estímulo para que estas camadas sociais frequentassem as peças teatrais e concertos musicais, os quais eram gratuitos, no entanto, seus frequentadores recebiam uma cartilha que indicava como deveriam se portar, por exemplo, não reservar lugares, e o momento de aplaudir, ao final de cada ato.¹⁵⁷

As políticas do Departamento de Cultura condensam, portanto, as representações do literato formadas em consonância com outras produções literárias e discussões políticas. Suas imagens, ao mesmo tempo em resgatam formas de enxergar e observar a cidade, constroem imaginários urbanos e, conseqüentemente, reforçam a necessidade de programas políticos que orientem aqueles indivíduos ou grupos entendidos – ou melhor, percebidos – como apartados de ações culturais e educacionais. Não ao acaso, o Departamento de Cultura, durante a gestão de Mário de Andrade, recebeu grande apoio do prefeito Fábio Prado assim como dos intelectuais próximos a Júlio de Mesquita Filho, que confiavam à cultura as mudanças no cenário político. Dessa forma, compreendo que as construções imagéticas do literato paulista não se distanciam dos projetos urbanísticos, discursos políticos e programas culturais propostos para São Paulo; elas, no entanto, se entrecruzam a estes debates e projetos, que partilham de vontades, “opiniões”, interesses e reivindicações comuns à cidade.

Se os primeiros contos e crônicas de Mário de Andrade fornecem seus diálogos com outras produções, as quais lhe auxiliam a observar, perceber e captar os processos urbanos, a segunda fase dos seus escritos apresenta outra abordagem. Em *Contos Novos*, o literato se afasta dos imigrantes, das camadas populares e dos bairros operários, e parte para um tratamento mais intimista entre o narrador e as personagens. Como entendo, aproveita, nessas narrativas, da sua própria experiência na cidade, fugaz, descontínua e fragmentada, para dar

¹⁵⁴ MIRANDA, Nicanor. Clube de Menores Operários. *Revista do Arquivo Municipal*, Departamento de Cultura, vol. XLVIII, 1938, p. 81 Apud Idem, *Ib.*, p. 109.

¹⁵⁵ ABDANUR, Elizabeth Franca. *Os “ilustrados” e a política cultural em São Paulo: o Departamento de Cultura na gestão Mário de Andrade (1935-1938)*; p 111.

¹⁵⁶ ABDANUR, Elizabeth Franca. *Os “ilustrados” e a política cultural em São Paulo: o Departamento de Cultura na gestão Mário de Andrade (1935-1938)*; p. 90

¹⁵⁷ RAFFAINI, Patricia Tavares. *Esculpindo a cultura na forma Brasil: o Departamento de Cultura de São Paulo (1935 -1938)*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001, p. 45.

vida aos sentimentos e desejos dos protagonistas. Seus caminhos, itinerários e vivências contribuem, do mesmo modo, para a formação do seu olhar, instruindo-o, assim, a perceber nuances, detalhes e estímulos urbanos. Essas duas maneiras de construir seus textos literários recuperam múltiplas faces da cidade e múltiplas percepções dos espaços urbanos, as quais revelam relações afetivas, íntimas e sentimentais do literato com a sua “paulicéia”.

Capítulo 3 - Nas trilhas da memória: a São Paulo de Claude Lévi-Strauss

Nunca podemos recuperar totalmente o que foi esquecido.

E talvez seja bom assim. O choque do resgate do passado seria tão destrutivo que, no exato momento, forçosamente deixaríamos de compreender nossa saudade.

Walter Benjamin. *Os jogos das letras* (1987)

Se, no título de um livro recente, apliquei ao Brasil (e a São Paulo) o termo *saudade*, não foi por lamento de não mais estar lá. De nada me serviria lamentar o que após tantos anos não reencontraria. Eu evocava antes aquele aperto no coração que sentimos quando, ao relembrar ou rever certos lugares, somos penetrados pela evidência de que não há nada no mundo de permanente nem de estável em que possamos nos apoiar.

Claude Lévi-Strauss. *Saudades de São Paulo* (1996)

No capítulo anterior, ressalttei o diálogo das imagens de Mário de Andrade com os acontecimentos, movimentos políticos e transformações urbanas que ocorriam em São Paulo e ainda mostrei o quanto elas evidenciam suas relações afetivas e sentimentais com a cidade. As representações de Claude Lévi-Strauss, por sua vez, seguem outros processos, que se entrecruzam com as distâncias temporais e as memórias. Ao contrário do literato que percorria e conhecia a cidade desde criança, o antropólogo morou em São Paulo, durante três anos, intercalados com expedições pelo interior do estado, viagens exploratórias pelo centro-oeste brasileiro à procura de comunidades indígenas, e os regressos à França, nas férias da Faculdade. São Paulo era, assim, o ponto de repouso do jovem professor no Brasil; a cidade na qual tirava fotos descontraídas na presença no seu pai e o lugar que aos domingos lhe proporcionava trabalhos de campo. Suas preocupações se centravam, no entanto, nas pesquisas com os indígenas, relegando a cidade breves estudos feitos conjuntamente com os alunos do curso de sociologia da USP, para os quais solicitava como trabalho final, etnografias das ruas, mercados e regiões da capital paulista.

Se escrever sobre São Paulo implica em tratar de um tema que não constitui o foco de suas curiosidades científicas e representa apenas o local, onde permaneceu por alguns anos, outro fator atravessa, da mesma forma, as suas narrativas da cidade: a temporalidade. As distâncias que recobrem as vivências em São Paulo e a escrita dos livros, de um lado, se tornam indispensáveis para a sedimentação de lembranças difusas, fragmentadas e desconexas da cidade, e, do outro, são marcadas pelas frustrações decorrentes das inúmeras tentativas de resgatar e rememorar o tempo passado. Jacy Seixas explica, no artigo *Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais* (2001), acompanhando as concepções de *memória voluntária* e *memória involuntária* de Proust, que para o literato francês neste conceito se encontra a operação “verdadeira” da memória: sua manifestação na forma de “lampejos bruscos” de imagens estimulados por sons, cheiros e cenas, ou seja, independente da vontade individual. São memórias, que aparecem e desaparecem seguindo fluxos descontínuos e distantes do nosso controle, e, portanto, impossíveis de se “recuperar” e “resgatar”; a busca consciente do passado se revela, segundo Proust, a “um só tempo, desgastante e infecundo”.¹⁵⁸ Para a historiadora decidida a compreender os limites entre história e memória, não lhe interessa somente sinalizar a “irrecuperabilidade” do passado; se preocupa, igualmente, em entender como as memórias se *reatualizam* no presente, ou ainda de que modo a história pode se apropriar da *memória involuntária* e do seu caráter descontínuo e afetivo para suas análises; questionamentos que me trazem ainda conceitos essenciais para pensar nas imagens de São Paulo elaboradas pelo antropólogo francês.

A *reatualização* da memória se apresenta nas obras de Proust, na leitura de Seixas, no ato “de vir à tona da memória” – os “lampejos bruscos”, o instante que interrompe os fluxos do pensamento – e revela um passado não acabado e morto, mas, “ativo e atual e, portanto, muito mais do que reencontrado, ele é retomado, recriado, *reatualizado* no presente”¹⁵⁹; dito de modo mais direto, quando as memórias insurgem, despertam um passado, reencontrado pelos estímulos “atuais”, tanto que em alguns casos se torna difícil desassociar a lembrança do que havíamos, no passado, sentido e vivido em emoções, sentimentos e ações presentes. Como atenta Seixas, “a memória introduz o passado no presente sem modifica-lo, mas necessariamente *atualizando-o*; é preciso considerar atentamente que o passado é por via de

¹⁵⁸ SEIXAS, Jacy. *Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais*. BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (org.) **Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão** sensível. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2001, p. 46

¹⁵⁹ Idem, p. 49.

regra plural, um pulsar da descontinuidade”.¹⁶⁰ A partir do caráter de reconciliação da memória com as temporalidades, isto é, a *atualização* do(s) passado(s) no presente, se encontra o aspecto otimista da memória em Proust: a *memória construtivista*. Tal conceito permite à Seixas, finalmente, encontrar respostas para suas proposições iniciais, a aproximação entre história e memória, pois por meio de jogos fluídos das reminiscências, entrelaçando lugares, pessoas e emoções se torna possível a construção do “real” – ou ainda, dos campos de atuação e estudo da história¹⁶¹ -, “nesse sentido”, sinaliza a historiadora, “é a própria realidade que se forma na (e pela) memória”.¹⁶²

Os conceitos de Proust, aprofundados por J. Seixas, ao investigar os fundamentos da memória e, sobretudo, os seus processos de *reatualização* do passado, me interessam para a leitura das produções de C. Lévi-Strauss. Pontuei, ao longo da introdução, o quanto a distância temporal entre o fato narrado e o momento da escrita interfere na formação das suas imagens de São Paulo, que se compõem, assim, de memórias e esquecimentos do que viveu, experimentou e vivenciou. As lembranças fragmentadas e desconexas da cidade, afloradas espontaneamente, no processo de elaboração dos livros, ao meu ver, se completam, se preenchem e se *atualizam* a partir das preocupações “recentes” de Lévi-Strauss. Com isso, entendo que as suas recordações, ao aparecerem e desaparecem bruscamente, tornam lineares e contínuas as imagens de São Paulo, na medida em que as encaixam nos fluxos de pensamento e, concomitantemente, reafirmam e possibilitam novas abordagens para os questionamentos, inscritos no momento de produção das obras. São memórias dispersas de São Paulo que se *atualizam* ao atravessar suas percepções “atuais”, pautadas nos ressentimentos vindos com as guerras e as atrocidades cometidas pelos regimes políticos, na desconfiança da sua civilização, que destruíra sociedades nativas e culturas, nas incertezas no futuro da humanidade bem como nos seus conflitos pessoais e profissionais. Desse modo, nas imagens de São Paulo se inscrevem caracterizações negativas, melancólicas e desencantadas, sutilmente, manifestadas nas suas produções, em frases como a da epígrafe deste capítulo, onde explica que se quisesse revisitar os lugares pelos quais passou, não os encontraria sob o

¹⁶⁰ Idem, p. 50

¹⁶¹ Completo ainda as indagações de J. Seixas acerca das relações entre memória e história, com o trecho seguinte, retirado do seu artigo: “E se a memória existe “fora de nós”, como pretendem Bergson e Proust, inscrita nos objetos, nos espaços, nas paisagens, nos odores, nas imagens, nos monumentos, nos arquivos, nas comemorações, nos artefatos e nos *lugares* mais variados, é preciso reconhecê-la também em seu próprio movimento, ao mesmo tempo espontâneo e interessado, sempre descontínuo e atual, o que pode conduzir a história a uma abertura em direção a outros *lugares*, ainda que desconcertantes e imprevisíveis ao estrito cálculo e razão historiográficos.” (p. 51-52)

¹⁶² Idem, p. 51

mesmo formato e conclui, “não há nada do mundo de permanente nem de estável em que possamos nos apoiar”.¹⁶³

Os registros melancólicos e tristes de São Paulo funcionam enquanto metáforas eficientes para descrever a cidade, a partir do momento em que o narrador também se apropria de caracterizações e pontos de referências da capital paulista que reforçam seus posicionamentos e olhares presentes no tempo da escrita. Utiliza e recupera, dessa forma, nas suas construções imagéticas, os signos comuns atribuídos à cidade, tais quais o crescimento acelerado e os contrastes sociais e urbanísticos de regiões e bairros; os aspectos geográficos da capital paulista como a disposição de ruas, rios e bairros pelas regiões norte, sul, leste e oeste, bem como, os intelectuais com os quais conviveu na USP, na sede do jornal *O Estado de S. Paulo* e no Departamento de Cultura. Esses conhecimentos e aprendizados sobre São Paulo, retomados nos relatos de *Tristes Trópicos* e nas descrições das fotografias de *Saudades do Brasil* e *Saudades de São Paulo*, Lévi-Strauss os desenvolveu durante a permanência no Brasil e com o auxílio dos percursos pela cidade, da participação em reuniões e eventos, e da preparação das aulas para os cursos de sociologia, nas quais o jovem professor estudava, com seus alunos, temas ligados à formação e organização da capital paulista. Acompanhar seus primeiros trabalhos e cursos em São Paulo, me permitirá compreender com que ferramentas conhecia, descobria e se orientava pela cidade, sendo que algumas delas, guardadas no seu acervo na Biblioteca Nacional da França, possivelmente, serviram de base para a descrição da cidade.

Em São Paulo, o antropólogo além de frequentar os espaços da intelectualidade paulista, participar do curso de Dina Lévi-Strauss, em 1936, e no ano seguinte, das reuniões da Sociedade de Etnologia e Folclore, e realizar estudos de campo, nos arredores do estado com professores na Universidade de São Paulo e funcionários do Departamento de Cultura, escreveu artigos para a *Revista do Arquivo Municipal*, o jornal dirigido por Júlio de Mesquita Filho e a revista do Grêmio estudantil da USP, cujas propostas não se centravam apenas nos seus temas de interesse, a análise das sociedades indígenas. Elaborou textos que tratavam de temáticas diversas, como “O cubismo e a vida cotidiana” (1935), onde comenta sobre as melhorias estéticas trazidas pelo cubismo ao cotidiano: o designer de lojas, as transformações nas fachadas dos edifícios e a eficiência das propagandas; “Em prol de um Instituto de Antropologia física e cultural” (1935), em que destaca a necessidade da abertura de um Instituto de Antropologia, que congregasse o ensino das faculdades e universidades paulistas

¹⁶³ LEVI-STRAUSS, Claude. **Saudades de São Paulo**, p. 7

na formação de antropólogos aptos à coletar materiais etnográficos e estudar sociedade primitivas e modernas; e “Os mais vastos horizontes do mundo”, de 1936, no qual Lévi-Strauss narra a sua chegada ao Brasil e o contato com a natureza exuberante. Destaco também um texto incompleto, datado de maio de 1935 e encontrado no seu arquivo, em que tece comentários acerca da organização do movimento integralista no país, suas relações com o fascismo italiano e o nazismo alemão, e suas particularidades.¹⁶⁴

Em nenhuma dessas produções, Lévi-Strauss se preocupa em estudar ou retratar os movimentos urbanos de São Paulo, contudo, no artigo à favor da criação de um Instituto de Antropologia física e cultural, fornece uma pista das leituras realizadas neste período, que dialogam com a temática urbana: os teóricos do Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago. Sem citar explicitamente os conceitos compartilhados pelos sociólogos norte-americanos, os recupera nas propostas de estudo da antropologia cultural para os espaços urbanos. Entende, assim, que as análises das cidades modernas, feitas a partir desse eixo disciplinar, não deveriam se restringir aos limites administrativos e municipais a fim de compreender os processos urbanos e as interações sociais entre os indivíduos; noções tão caras aos sociólogos Robert Elza Park e Ernest Burgerss.¹⁶⁵ As aproximações de Lévi-Strauss da linha sociológica de Chicago se confirmam também nos rascunhos dos seus cursos na USP, que, de um lado, expunham os fichamentos e anotações dos textos de Park, tais quais “Urbanization and newspaper circulation” (1929), e do outro, apresentavam planos de aulas, onde intercala a exposição dos conceitos sociológicos de Park, Burgerss e Clark Wissler com exemplos de processos semelhantes na cidade de São Paulo.¹⁶⁶ Cabe lembrar que, nesta mesma época, os fundadores da Escola Livre de Sociologia e Política se inspiraram nos métodos de ensino dos sociólogos de Chicago para organizar a sua instituição de ensino.¹⁶⁷ Contribuía, do mesmo modo, para a implantação desses referenciais teóricos na ELSP, os cursos e as propostas de pesquisas empíricas solicitadas aos alunos pelos professores

¹⁶⁴ Dossiê NAF 28150 (64) – “Articles 1 (1928-1951)” do Fundo Cl. Lévi-Strauss da Biblioteca Nacional da França.

¹⁶⁵ O texto de R. Park, *La ville. Propositions de recherche sur le comportement humain en milieu urbain* (1925), propõe, primeiramente, definir o que entende por cidade (seu objeto de estudo) e os métodos para analisá-la. De acordo com o sociólogo, as cidades não se definem somente pelo espaço físico ou construções materiais, mas elas incluem, da mesma forma, todo o conjunto de relações humanas sejam psicológicas, sociais, econômicas e culturais. Assim para compreender essas relações na cidade e realizar um estudo completo do espaço, sugere ainda que os cientistas se apropriem das formas de observação dos antropólogos em relação às sociedades nativas. Indico para o aprofundamento dos conceitos sociológicos trazidos pelos teóricos norte-americanos de Chicago, a leitura do texto de Y. Grafmeyer e I. Joseph, *La ville-laboratoire et le milieu urbain* (2004).

¹⁶⁶ Informações retiradas do dossiê NAF 28150 (90) – “Cours de sociologie à l’Université de São Paulo” do Fundo Cl. Lévi-Strauss da Biblioteca Nacional da França.

¹⁶⁷ VALLADARES, Lúcia do P. (org.) **A Escola de Chicago: impacto de uma tradição no Brasil e na França**. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: UFMG; IUPERJ, 2005, p. 14

contratados de faculdades norte-americanas, como Samuel Lowrie, Horace Davis e Donald Pierson.

Retorno aos rascunhos do curso de sociologia de Lévi-Strauss, nos quais encontro ainda estudos e anotações sobre São Paulo, alguns deles elaborados em diálogo com os pressupostos dos teóricos norte-americanos. São eles: uma sugestão de exercício para os alunos que propunha a análise das interseções das zonas urbanas de São Paulo (Zona I: centro de negócios, Zona II: área de deterioração, Zona III: residências de trabalhadores, Zona IV: residencial e Zona V: região Suburbana). Para a tarefa, Lévi-Strauss desenhou círculos, que se sobrepõem uns aos outros e se expandem até a periferia, onde o primeiro deles corresponde a área central da cidade, caracterizada no caso de São Paulo como Zona 1 (área de negócios), desse modo, os estudantes deveriam refletir sobre os pontos de contato entre as zonas. O dossiê dos cursos da USP contém, do mesmo modo, um mapa da cidade de São Paulo, feito pelo antropólogo, em que evidencia apenas as avenidas Paulista, Brasil, Angélica, Higienópolis, São João e Rangel Pestana, as ruas Consolação, Br. Luiz Antônio e os locais: Praça M. Deodoro, Largo São Bento e São Francisco, Parque D. Pedro II e o bairro do “Ypiranga”; e ao final da pasta, existe uma folha escrita à mão, com os nomes das ruas paulistas e como eram em meados do século XIX. Reproduzo parte dessas anotações:

Largo da Se – 1830 – résidentiel – maisons élegants et 2 églises – gdes place vide

Rua Direita – 1860 – résidentielle élégante

Rua Direita 1860 – semi commerçante

Largo S. Francisco 1905 – édification urbaine commence sur la face opposé à Faculté

Braz 1860 – Fin du regime des chacara. Urbanisation rapide d’une zone semi-rurale (calcamento de Rangel Pestana = 1873).

Braz début 1860 – résidentiel non-urbain

R. do Carmo 1860 – résidentiel

Fl. De Abreu 1860 – la ville finit assez abruptement vers le viaduc sur rue Anhangabahu: après, les champs-residentiel jusqu’au bout, au mes côtés gauche à droite maisons basses¹⁶⁸

Os estudos de Lévi-Strauss acerca do desenvolvimento das ruas paulistas se relacionam, conforme entendo, com as pesquisas solicitadas aos seus alunos para que observassem e descrevessem os processos urbanos de São Paulo; trabalhos, à propósito, comentados repetidas vezes pelo antropólogo em entrevistas e no livro *Saudades de São Paulo*¹⁶⁹, mas também resgatados pelo relato do seu aluno Décio de Almeida Prado: “um dos primeiros trabalhos que nos deu foi proceder uma análise social da cidade de São Paulo por volta de 1820, tal como aparece nos documentos da época, que ele identificou quais eram e onde os encontraríamos”.¹⁷⁰ Por meio das propostas de pesquisas empíricas e do planejamento das aulas, Lévi-Strauss descobriu fatos da história e compreendeu a disposição espacial de São Paulo, assim como aprendeu com seus alunos, a olhar, perceber e reconhecer a cidade, apresentada nos itinerários diários e nos passeios descompromissados. Somam-se a estes aprendizados, as leituras dos sociólogos de Chicago, que possibilitaram analisar e estudar os processos urbanos da capital paulista.

Desses fragmentos recolhidos no seu arquivo e nas produções escritas, elaboradas durante a permanência no Brasil, retiro as primeiras “ferramentas” conceituais com as quais Lévi-Strauss percebeu a cidade de São Paulo. Algumas delas foram recuperadas nos processos de escrita, quando o antropólogo se atenta para as descrições históricas e geográficas da capital paulista, enquanto outras se entrecruzaram com as suas memórias, esquecimentos e preocupações presentes.

Reflexões melancólicas: imagens da capital paulista em *Tristes Trópicos*

A escrita de *Tristes Trópicos*, no inverno de 1954-55, atravessa um momento muito particular da trajetória pessoal e profissional de Claude Lévi-Strauss assim como se insere num contexto histórico marcado pelas tragédias da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). O livro de relatos de viagem se encontra, assim, na sequência de publicações filosóficas, históricas, sociológicas, psicológicas, literárias e artísticas, que ensaiavam respostas para as violências cometidas ao longo do confronto armado. A filósofa Claude Imbert ressalta que

¹⁶⁸ Dossiê NAF 28150 (90) – “Cours de sociologie à l’Université de São Paulo” do Fundo Cl. Lévi-Strauss da Biblioteca Nacional da França

¹⁶⁹ LÉVI-STRAUSS, Claude. *Saudades de São Paulo*, p. 14

¹⁷⁰ PRADO, Décio Almeida. *Saudades de Lévi-Strauss*. In: PRADO, Décio Almeida. *Seres, coisas, lugares: do teatro ao futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 175-180

logo após a guerra, lançaram-se inúmeros estudos, inclusive no cenário intelectual francês, que, em linhas gerais, propunham análises e conceitos para compreender os fatos históricos, ao mesmo tempo em que revelavam as frustrações e os descontentamentos dos autores com a sua civilização.¹⁷¹ Na França, por exemplo, Imbert destaca os seguintes trabalhos: o ensaio de Marc Bloch, *Une étrange défaite*, publicado em 1946, mas, escrito durante o período em que esteve preso num campo de concentração; os romances *Un balcon en forêt* (1958) de Julien Gracq, e *La Route des Flandres* (1960) de Claude Simon; os artigos da revista *Le Temps modernes*, divulgados durante e após a guerra, que traziam comentários dos seus membros sobre o contexto histórico e político bem como a série de artigos de Merleau-Ponty publicados entre 1946 e 1947 nessa revista e reunidos posteriormente, no livro *Humanisme et terreur*, onde discute a formação e consolidação do regime comunista da URSS e dos movimentos totalitários.¹⁷²

Apesar de morar nos Estado Unidos, desde 1941, o antropólogo se mantinha informado das discussões que ocorriam no seu país e no cenário europeu, seja por meio das conversas com os intelectuais vindos da Europa para lecionar, trabalhar e pesquisar nas instituições norte-americanas¹⁷³, seja por meio das viagens à França, feitas a partir de 1945, para visitar seus parentes e cumprir compromissos profissionais. Lembro que trabalhou como locutor de rádio em Nova Iorque, vinculado a Agência de Informação de Guerra, onde transmitia notícias relacionadas ao confronto assim como comentava e pronunciava “discursos políticos importantes”.¹⁷⁴ Além de acompanhar as dificuldades e os transtornos causados pela Segunda Guerra Mundial, Lévi-Strauss os vivenciou, primeiramente, ao ser coagido a mudar de país para se proteger da perseguição aos judeus, intensificadas após a invasão do exército alemão na França. No percurso até a América do Norte, enfrentou inúmeras situações constrangedoras, descritas nos capítulos iniciais de *Tristes Trópicos*, mas também nas correspondências à Paul Rivet, em que narra a parada de três semanas na Ilha de Martinica, sob a ameaça de ir para aos campos de concentração da Marina Nacional, e a

¹⁷¹ IMBERT, Claude. **Lévi-Strauss, Le passage du nord-ouest**. Paris : Éditions de L’Herne, 2008, p. 48-65

¹⁷² Idem, p. 52

¹⁷³ Lévi-Strauss recorda na entrevista a Didier Eribon (1990), que a viagem aos Estados Unidos ocorreu, dentre outros fatores, em decorrência do convite da Fundação Rockefeller para integrar o programa de “salvamento dos intelectuais europeus”, levando-os, assim, para lecionar e pesquisar nas instituições americanas.

¹⁷⁴ WILCKEN, Patrick. **Claude Lévi-Strauss: o poeta no laboratório**, p. 150

detenção de quinze dias em Porto Rico, pois suas anotações antropológicas foram entendidas pela Imigração Americana como se tratando de documentos de espionagem.¹⁷⁵

A chegada aos Estados Unidos não cessa as preocupações de Lévi-Strauss com as consequências da guerra, assim, desde os primeiros meses da estadia procurava obter informações sobre os seus parentes que permaneceram na França, e buscava instituições de ensino na América, vinculadas à Fundação Rockefeller, que pudessem receber Paul Rivet, então, seu orientador. Nas correspondências entre os dois intelectuais, acompanho as apreensões de Lévi-Strauss quanto ao futuro do diretor do Musée de l'Homme, num momento em que os professores e profissionais do Museu eram perseguidos pelo governo de Vichy, sendo alguns deles, como relata, assassinados, durante a guerra.¹⁷⁶ Antes mesmo do término do confronto armado, Lévi-Strauss retornou à França, em janeiro de 1945, em razão de compromissos acadêmicos ligados a faculdade, que lecionava nos Estados Unidos, a École Libre des Hautes Études, e também com a finalidade de se reencontrar com os pais, sem notícias há alguns meses. Patrick Wilcken, na biografia do antropólogo, conta que no regresso ao continente europeu, Lévi-Strauss se surpreende com a destruição das cidades e os estragos psicológicos e físicos causados à sua família pela ocupação do exército alemão na França:

[No retorno ao seu país] Lévi-Strauss se reuniu à família, da qual não tinha notícia fazia mais de um ano, e encontrou o pai adoentado e envelhecido pelas privações do período da ocupação. Foi informado das tristes notícias. Durante a ocupação alemã do sul, os pais tinham sido obrigados a sair da casa nas Cévennes e a se esconder numa propriedade de René Courtin no Drôme. Enquanto isso, o apartamento do 16º arrondissement tinha sido saqueado, e não lhes restara nada, “nem sequer uma cama.” O estúdio da rue des Plantes, 26, onde ele tinha morado por um breve período ao voltar do

¹⁷⁵ Informações retiradas da sua carta à P. Rivet, de 25 de junho de 1941, onde Lévi-Strauss, além de narrar as dificuldades da viagem, comenta sobre as primeiras atividades na universidade norte-americana: “J’ai fait moi-même un voyage assez difficile, dix semaines de Marseille à New York, dont trois semaines d’arrêt à la Martinique sous la menace des camps de concentration de ces Messieurs de la Marine Nationale, et quinze jours de détention à Porto Rico en résidence forcée, soupçonné par l’Immigration Américaine (à cause de mes vocabulaires indigènes) d’être un espion porteur de documents chiffrés. Enfin je suis arrivé ici il y a quinze jours, et parmi les heureux de ce monde, puisqu’une situation, modeste mais réelle, m’y attendait. Je commencerai en octobre à la « New School for Social Research » un cours sur les cultures indigènes en Amérique du Sud, je consacrerai mes trois prochains mois de complète liberté à la préparation des premières publications de ma mission chez les Nambikwara, qui semble susciter ici un assez vif intérêt ; j’ai déjà pu prendre contact avec quelques maîtres ou collègues : Boas, Ruth Bénédict, Métraux, Murdoche, etc”. (“Arquivo Pau Rivet” do Museu Nacional de História Natural (MNHN-Paris), pasta cod. 2 AP 1 C11f)

¹⁷⁶ Correspondências de Claude Lévi-Strauss à Paul Rivet, encontradas no “Arquivo Paul Rivet” do Museu Nacional de História Natural (MNHN-Paris), pasta cód.: 2 AP 1 C11f.

Brasil, também fora saqueado – entre as perdas, as notas de campo que Lévi-Strauss registrara entre os caduveus.¹⁷⁷

Aos problemas decorrentes da guerra, acrescento a trajetória do antropólogo: o retorno definitivo a França, em 1948, dificuldades financeiras, que o levaram a mudar de residências em Paris e vender parte da sua coleção de arte indígena e africana¹⁷⁸; frustrações profissionais, como a recusa da sua candidatura ao Collège de France, em 1949 e 1950; e por fim, conflitos pessoais marcados pelo divórcio da segunda esposa, Rose-Marie Ullmo e a morte do pai, em 1953.

Nesse contexto pessoal e histórico conturbado se constrói o relato de *Tristes Trópicos*, que intercala, ao longo da narrativa, eventos e episódios vivenciados pelo autor com descrições das sociedades estudadas. A obra, conforme explica Wilcken, alia a “literatura confessional e [a] etnografia”, assim, ora se apresenta, ao seu ver, como “um drama mais íntimo que se desenrola entre o antropólogo e “o selvagem”¹⁷⁹, ora expõe os recuos do narrador à autores e métodos das ciências humanas, que lhe auxiliassem a compreender os fenômenos observados assim como ancorar suas impressões. Lévi-Strauss, na entrevista a Beaurenaut, Bodanky e Menget (1991), refletindo sobre o momento da escrita de *Tristes Trópicos*, intitula a técnica narrativa aplicada à obra de “olho de peixe”, ou seja, “ela mostra não só o que está frente, mas também o que está atrás da câmera. Portanto, não é uma visão objetiva de minhas experiências etnológicas, é um olhar para mim mesmo vivendo essas experiências”.¹⁸⁰ A originalidade do texto e, conseqüentemente, seu sucesso entre o público francês se deve, particularmente, ao caráter múltiplo da narrativa que cruza lembranças do que viveu, documentos, fatos, questionamentos presentes das vivências passadas e deslocamentos temporais ensaiados pelo autor, ao projetar, criar, imaginar, *reatualizar* e retomar o passado e, sobretudo, o seu presente e futuro. Lembro que nos registros da cidade de São Paulo, Lévi-Strauss se apropria desses recursos narrativos, manifestados, de um lado, por meio da apresentação dos dados coletados, durante a estadia em São Paulo¹⁸¹, tais quais, mapas desenhados da cidade e pequenos rascunhos com anotações de palavras em português e ideias para acrescentar ao capítulo, inicialmente, chamado de “São Paulo et les villes américaines”

¹⁷⁷ WILCKEN, Patrick. **Claude Lévi-Strauss: o poeta no laboratório**, p. 153-154

¹⁷⁸ Idem, p. 183

¹⁷⁹ Idem, p. 206

¹⁸⁰ À Propos de *Tristes Tropiques*, 01:04:50 min. In: **Claude Lévi-Strauss par lui-même**. Paris : Arte Editions, 2008 Apud. WILCKEN, Patrick. Op. cit., p. 206

¹⁸¹ Estes documentos se encontram na pasta dos manuscritos de *Tristes Trópicos*: Dossiê NAF 28150 (11) – “Tristes Tropiques (docs préparatoires)” do Fundo Cl. Lévi-Strauss da Biblioteca Nacional da França.

(“São Paulo e as cidades americanas”); e do outro, tece comentários, faz julgamentos e expõe suas impressões dos fatos vivenciados.

Suas descrições de São Paulo começam, então, com a célebre frase: “Um espírito malicioso definiu a América como uma terra que passou da barbárie à decadência sem conhecer a civilização”, e acrescenta “Poder-se-ia, [...], aplicar a fórmula às cidades do Novo Mundo: elas vão do viço à decrepitude sem parar numa idade avançada.”¹⁸² Lévi-Strauss identifica esses processos das cidades americanas em Chicago, Nova Iorque e São Paulo. São cidades que, ao seu ver, nunca alcançarão um estágio “mais avançado” em que repousam aquelas do Velho Mundo, pois estão imersas num ciclo constante de renovação de suas casas, prédios e bairros. A princípio, afirma que não seria um problema as metrópoles americanas se renovarem, “já que as cidades são novas e tiram dessa novidade sua essência e sua justificação”¹⁸³, no entanto, o conflito reside no fato delas não continuarem a se rejuvenescer e inovar-se. O espanto do antropólogo surge ao perceber que as aglomerações urbanas do Novo Mundo se degradam tão rápido quanto foram construídas, assim, logo após um edifício ou bairro serem erguidos já apresentavam marcas do tempo: “esses grandes bibelôs fenecem: as fachadas descascam, a chuva e a fuligem traçam seus sulcos, o estilo sai de moda, [e] o ordenamento primitivo desaparece [...]”.¹⁸⁴

Cidades como Chicago, Nova York e São Paulo descritas no livro como repletas de construções feitas às pressas e mal executadas, ao mesmo tempo lhe pareciam simulacros, cenários irreais. Como exemplifica, na rápida descrição de Chicago, cuja memória mais distante Lévi-Strauss atribui aos anos 1880, o que representa, aos seus olhos, uma “modesta distância de meio século, curta demais para servir à apreciação de nossas sociedades milenares mas que lhe dá, a ele que não pensa no tempo, uma ínfima oportunidade de se enternecer com sua juventude transitória”.¹⁸⁵ As cidades americanas, portanto, lhe incomodavam tanto pela falta de conservação do passado – ao contrário, dos núcleos urbanos europeus que envelheciam docemente -, quanto pela ausência de manutenção do presente, onde as más construções exibiam marcas e rachaduras, assim como estilos “démodés”.

A fim de confirmar e reforçar seus posicionamentos acerca das diferenças entre as cidades do Novo e Velho Mundo, Lévi-Strauss segue para uma descrição mais aprofundada de São Paulo, em que reitera as imagens e metáforas formadas para as cidades americanas:

¹⁸² LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes Trópicos**, p.91.

¹⁸³ Idem, p. 91

¹⁸⁴ Idem, p. 91-92

¹⁸⁵ Idem, p. 92

“eternamente jovens”, “construídas às pressas”, “selvagens”, ambientes “irreais” etc. Salienta tais caracterizações, na sequência da narrativa, ao evidenciar os contrastes da cidade paulista observados na composição dos bairros e regiões, na disposição dos prédios e na organização social da população. Continua seu relato, apresentando a organização da cidade, onde se atenta, primeiramente, para os percursos dos rios, por exemplo, o do Tamanduateí que cortava os “bairros populares” do Brás e da Penha, os quais mantinham, em meados dos anos 1930, “ruelas interioranas” e “largos”, definidos no texto, como “praças quadradas [...] cercadas de casas baixas com tetos de telhas e janelinhas de grades [...] tendo uma igreja paroquial austera”.¹⁸⁶ Ainda na região norte de São Paulo, segue o traçado do rio Tietê, que o leva até os loteamentos “pequenos-burgueses” de Perdizes e Água Branca. Na parte central da cidade, por sua vez, localiza o “centro de negócios”, composto pela praça da Sé, “a meio caminho entre o canteiro de obras e a ruína”, e o “famoso” Triângulo: “zona de comércio formada pela intersecção das ruas Direita, São Bento e 15 de Novembro”, que abrigava uma “multidão de comerciantes e de funcionários que, com seus trajes escuros, proclamavam sua fidelidade aos valores europeus ou norte-americanos, ao mesmo tempo que seu orgulho pelos oitocentos metros de altitude que os livrava dos langores do trópico”.¹⁸⁷

Recorda-se, da mesma forma, da avenida São João, “artéria de vários quilômetros”, que atravessava grande parte da cidade, como os bairros, Campos Elíseos, “outrora domicílios de ricos” e “o popular” Santa Ifigênia. Afastando-se para a região sul de São Paulo, lembra das colinas, que moldavam o formato das ruas e compunham o cenário, e da avenida Paulista e das “suas residências outrora fastuosas dos milionários do último meio século, num estilo de cassino e de estação de águas”¹⁸⁸; ao final da avenida, no sentido leste, encontra-se o bairro do Pacaembú, onde, para o antropólogo, se construíam “desordenadamente mansões cúbicas ao longo de avenidas sinuosas”. Contrapondo às mansões e residências de alto padrão da região sul, têm-se, ao longo da cidade, os “pastos de vacas”, as “ribanceiras” e os “casebres de taipa sobre estrutura de bambu”, onde habitavam a população negra; contrastes, aliás, que chegam ao seu ápice no Vale do Anhangabaú, composto por edifícios (o Teatro Municipal, o Hotel Esplanada, o Automóvel Clube e os escritórios da Light) que “afrontam-se numa desordem imóvel”. Lévi-Strauss associa essa paisagem à “grandes manadas de mamíferos reunidos à

¹⁸⁶ Idem, p. 93

¹⁸⁷ Idem, p. 93

¹⁸⁸ Idem, p. 94

noite em torno de um bebedouro [...], condenados, por uma necessidade mais premente que o medo, a misturar temporariamente suas espécies antagônicas”.¹⁸⁹

Na “fauna de pedra”, Lévi-Strauss se depara, por outro lado, com uma “flora” urbana – a elite paulista – tão diversa e excêntrica quanto a cidade. Caracteriza-a como repleta de espécies distintas e exóticas determinadas pelos papéis sociais que ocupam: “o católico, o liberal, o legitimista, o comunista [...] o gastronômico, o bibliófilo, o amante de cães (ou de cavalos) de raça, de pintura antiga, de pintura moderna; e também o erudito local, o poeta surrealista, o musicólogo, o pintor”.¹⁹⁰ E ainda completa: “Cabe reconhecer que certos papéis eram representados com um brio extraordinário, graças à combinação entre a fortuna herdada, o charme inato e a matreirice adquirida, que tornavam a frequentação dos salões tão deliciosa e ao mesmo tempo tão decepcionante”.¹⁹¹ Esta elite paulista repartida em papéis sociais e formada pelas heranças da antiga oligarquia, promoveu a criação da Universidade de São Paulo bem como “se propôs levar a cultura a uma clientela mais vasta”.¹⁹²

Lévi-Strauss, encaminhando-se para o final do capítulo, descreve os estudantes da Universidade, que “queriam saber de tudo”, no entanto, desconheciam as teorias clássicas e as “obras originais”. Ao invés disso, se interessavam pelos métodos e autores recentes, descobertos nas “revistas de vulgarização, periódicos sensacionalistas e compêndios”.¹⁹³ Do contato com eles, o antropólogo se recorda dos nomes “tão barrocos para um ouvido europeu”, e da lição aprendida a partir das suas trajetórias, “vendo-os vencer em poucos anos uma distância intelectual que se poderia supor da ordem de vários decênios [...] e que essas grandes reviravoltas da história [...] podem, num claro instante, realizar-se pela resolução viril de um punhado de crianças bem-dotadas”.¹⁹⁴

A cidade de São Paulo se apresenta em *Tristes Trópicos* por entre metáforas, comparações com cidades do Velho e Novo Mundo, descrições do traçado urbano e relatos das experiências assim como das relações pessoais de Lévi-Strauss. São representações que além de se apoiarem em lembranças do antropólogo e nos seus estudos feitos durante a permanência na cidade, se constituem também nos comentários do autor ao rememorar cenas, situações e locais de São Paulo. No decorrer da narrativa, observa-se que ao lado da indicação de determinada localidade, Lévi-Strauss acrescenta impressões e comentários negativos e/ou

¹⁸⁹ Idem, p. 95

¹⁹⁰ Idem, p. 95

¹⁹¹ Idem, p. 96

¹⁹² Idem, p. 97

¹⁹³ Idem, p. 99

¹⁹⁴ Idem, p. 100

críticos em relação as transformações e aos processos observados em São Paulo. Estas opiniões se apresentam ora, sutilmente, por meio de metáforas e sobreposições de regiões e bairros, ao seu ver, contrastantes, ora, explicitamente, por meio de associações imagéticas, como aquela entre os edifícios do Vale do Anhangabaú e uma manada de animais em torno de um bebedouro. Se, de um lado, os comentários do narrador auxiliam na construção de imagens da cidade que dialogam com a primeira parte do capítulo, onde aponta as diferenciações entre o desenvolvimento das cidades americanas e o das metrópoles europeias; por outro, retomam, nas descrições de São Paulo, as preocupações centrais de *Tristes Trópicos*: a melancolia e os ressentimentos despertados pelo encontro com o *Outro*.

A obra escrita posteriormente as viagens exploratórias no Brasil e em regiões da Ásia, se propõe a retratar os encontros do narrador com essas civilizações, a princípio, distantes e diferentes da sua. Entretanto, ao invés de transmitir as surpresas, estranhamentos e descobertas de um antropólogo imerso em culturas exóticas e excêntricas, o livro expõe seus ressentimentos ao perceber no(s) *Outro(s)* o reflexo de si mesmo, ou melhor, da sua sociedade. A busca por civilizações distintas, talvez, como se indaga, possa ser uma resposta ao descompasso e “atitude crítica” que mantinha em relação a sua sociedade, principalmente, após acompanhar as atrocidades e violências cometidas durante a guerra; independentemente, do motivo que o leva a estudar costumes e culturas diversas, o que o entristece é encontrar sua própria imagem no *Outro*. As frustrações e decepções com as viagens são construídas, no decorrer da narrativa, onde reforça a imagem – melancólica – da fugacidade das transformações humanas, que, na sua opinião, conduzem ao desaparecimento de sociedades ou a normatização das culturas aos valores europeus. Reflexões que recupero, por exemplo, no capítulo que antecede as descrições de São Paulo, onde Lévi-Strauss traça um paralelo entre os relatos da baía de Guanabara feitos pelos viajantes cronistas e as suas impressões descontentes dos mesmos lugares visitados. Reproduzo uma longa passagem deste nono capítulo, que se revela valiosa para observar como constrói seu olhar negativo em relação aos processos culturais e urbanos acompanhados no Brasil, os quais lhe pareciam mais semelhantes aos da sua sociedade do que exóticos:

Houve um tempo em que a viagem confrontava o viajante com civilizações radicalmente diferentes da sua e que se impunham de início por sua estranheza. Já alguns séculos essas ocasiões se tornam cada vez mais raras. Que seja na Índia ou na América, o viajante moderno é menos surpreendido do que admite. [...] A busca do exotismo resume-se à coleção de estados

antecipados ou retardados de um tema que nos é familiar. O viajante torna-se um antiquário, forçado, pela falta de objetos, a abandonar sua galeria de arte negra para se restringir a souvenirs velhuscos, regateados durante seus passeios pelo mercado das pulgas da terra habitada.

Essas diferenças já são perceptíveis dentro de uma cidade. Como plantas que atingem a floração, cada uma em sua época própria, os bairros trazem a marca dos séculos, em que se produziram seu crescimento, seu desabrochar e seu declínio. Nesse canteiro de vegetação urbana, há concomitâncias e sucessões. Em Paris, o Marais estava em flor no século XVII, e o mofo o corrói; espécie mais tardia, o IX^e arrondissement desabrochou no Segundo império, mas suas casas hoje murchas são ocupadas por uma fauna de gente modesta que, qual insetos, ali encontra um terreno propício a humildes formas de atividades. [...]

Quando se comparam entre si cidades muito distantes pela geografia e pela história, essas diferenças de ciclo complicam-se ainda com os ritmos desiguais. Assim que nos afastamos do centro do Rio, que lembra muito o ambiente do princípio do século, caímos em ruas sossegadas, longas avenidas plantadas de palmeiras, mangueiras e jacarandás podados, onde se erguem palacetes antiquados no meio de jardins. Penso (como iria fazê-lo mais tarde nos bairros residenciais de Calcutá) em Nice ou em Biarritz à época de Napoleão III. Os trópicos são menos exóticos do que obsoletos. Não é a vegetação que os caracteriza, mas pequenos detalhes da arquitetura e a sugestão de um tipo de vida que, mais do que ter transposto imensos espaços, convence que imperceptivelmente recuamos no tempo.¹⁹⁵

Com exceção de frases em que recorre à “apelos emocionais” para reforçar as imagens construídas aos trópicos, como “são menos exóticos do que obsoletos” e “não é a natureza que os caracteriza”, no restante da passagem, Lévi-Strauss trabalha com a metáfora da floração/fenecimento de plantas para mostrar como as marcas do tempo ficam impressas nas cidades, o que, apesar de ocorrer de modos distintos, se apresenta em ambas as cidades, Paris e Rio de Janeiro. Ainda é possível acompanhar no trecho a maneira pela qual Lévi-Strauss estrutura suas lembranças, fatos históricos e impressões a fim de salientar a decepção ao chegar numa cidade tão distinta daquela descrita pelos cronistas dos séculos XVI e XVII, e, ao mesmo tempo, cuja configuração espacial o faz lembrar de Nice ou Biarritz, no século

¹⁹⁵ Idem, p. 82-83

XIX. O tom melancólico e, sem dúvida, crítico do autor em relação as transformações observadas no Rio de Janeiro, mas também em São Paulo e em outras cidades interioranas do Brasil, se intensifica nos relatos das viagens exploratórias às tribos nativas, Cadieu, Bororo, Nambiquara e Tupi-Cavaíba. Nas descrições das sociedades indígenas, que ocupam mais da metade do livro, Lévi-Strauss conduz seus leitores a perceber, com certa tristeza, que as tribos estudadas e apresentadas com extrema riqueza de detalhes, certamente, não existiam mais ou morriam lentamente, pois, se no momento em que as conheceu, algumas delas já desapareciam diante dos seus olhos, vítimas de doenças e alcoolismo bem como sofrendo com a delimitação de suas terras e os processos de “aculturação”, escrever o livro, vinte anos após as expedições, lhe provocava a conjecturar o quanto essa distância temporal poderia acelerar tal situação.

As decepções despertadas no reencontro com as lembranças das vivências no Brasil e as melancolias ressaltadas ao longo dos relatos, se condensam, na última parte de *Tristes Trópicos*, ao narrar a viagem ao Paquistão e a Índia, e deparar-se com estruturas de pensamento tão semelhantes com as do Velho Mundo. Identifica, então, em cada cidade por onde passa e em cada comunidade visitada, construções urbanas, fundamentos religiosos e correntes de filosóficas, ao seu ver, em estreito diálogo com a sua civilização, por exemplo, em Táyila, cidade do Paquistão, encontra “todas as influências de que a civilização do Velho Mundo está impregnada”¹⁹⁶, o helenismo, hinduísmo e budismo; ou ainda, em Calcutá, observa um templo erguido “num parque cheio de estátuas de ferro fundido pintadas de prateado ou de mármore esculpido por italianos desajeitados” que lhe remete “a imagem mais ambiciosa que nossos avós poderiam ter, em sua tenra juventude, de uma casa de tolerância de alto luxo”¹⁹⁷. E conclui, “ao fazer essa reflexão, eu não criticava a Índia por construir templos semelhantes a bordéis; e sim, a nós mesmos, que não encontramos em nossa civilização outro lugar onde afirmar nossas liberdades e explorar os limites de nossa sensualidade, o que é a função mesma de um templo”.¹⁹⁸ Destaco, da mesma forma, o paralelo construído entre o islamismo e suas formas “opressoras” de subjugar as outras religiões, e o modo como as sociedades ocidentais tratam as culturas e povos diferentes, dizimando-os.¹⁹⁹

A procura do antropólogo pelo(s) *Outro(s)*, o desconhecido/exótico/diferente, chega ao fim no Oriente, quando lamenta enxergar nessas culturas tão distantes os reflexos da sua

¹⁹⁶ Idem, p. 375

¹⁹⁷ Idem, p. 377

¹⁹⁸ Idem, p. 377

¹⁹⁹ Idem, p. 383

sociedade. Quanto mais se afastava do Velho Mundo, mais o encontrava refletido nos costumes, tradições e estruturas de pensamento das sociedades visitadas; e por outro lado, ao descobrir comunidades nativas que ainda se mantinham distantes do contato com o “homem branco”, como as tribos indígenas do Brasil, percebia que, pouco a pouco, desapareciam. As incessantes e cansativas buscas pelo *Outro*, descritas no livro, conjugam com um momento, onde os estragos da guerra se faziam presentes e deixavam marcas incomensuráveis no cerne na sociedade europeia. Lévi-Strauss sensível às questões de sua época, refletia, então, qual seria seu lugar dentro dessa sociedade responsável pela destruição, morte e abuso de culturas, comunidades nativas bem como de populações. Essa visão negativa – e porque não, melancólica, decepcionada, angustiada, amarga e crítica – da civilização ocidental somada a necessidade de encontrar-se e reconhecer-se num outro espaço e/ou sociedade diferente da sua, atravessam, portanto, a escrita de *Tristes Trópicos*. São reflexões que, conforme entendo, conduzem seu olhar para reinterpretar as lembranças difusas, desconexas e incompletas das viagens aos trópicos, e ao mesmo tempo as completam e as organizam para compor a sequência narrativa do livro. Assim, o antropólogo reveste, inconscientemente, suas memórias das sociedades e das cidades visitadas com um tom negativo e melancólico, sutilmente, construído como intrínseco a esses lugares e experiências.

Recupero estas associações entre suas decepções e os locais e comunidades descobertos durante as viagens, também em entrevistas e nos livros de fotografias, *Saudades do Brasil* e *Saudades de São Paulo*, onde o antropólogo, em linhas gerais, monta suas descrições com elementos, dados e imagens que confirmam vivências pessoais melancólicas e processos urbanos e culturais em decadência e declínio. O trecho a seguir retirado da entrevista à Georges Charbonnier, de 26 de abril de 1960, revela mais um momento em que Lévi-Strauss projeta nas experiências de campo, as suas visões negativas e ressentidas. Nas suas palavras, o sentimento de decepção de *Tristes Trópicos*:

est inévitable, ne met pas en cause les conditions de la recherche. Disons que c'est la déception qu'on pourrait éprouver en observant un astre qui s'éloigne à une telle vitesse qu'au fur et à mesure que nous en poussons l'étudier, au télescope, les informations qui nous parviennent sont de plus en plus fragmentaires. On ressentirait alors une sorte de frénésie pour essayer de recueillir le maximum, et de déception en constatant que ce maximum diminue tous les jours. Ces sentiments mélangés sont un peu ceux que nous éprouvons en présence de sociétés dont nous ne saisissons déjà plus que des formes débiles, et qui se défont et se désagrègent sous nos yeux. Le

mouvement qui est détruit va plus vite que celui que nous appliquons à les connaître. Alors, comment n'éprouverions-nous pas une déception ? ²⁰⁰

Lévi-Strauss constrói a metáfora do astro que se distancia das lentes do telescópio para situar o trabalho do etnólogo, que também tenta recolher informações e materiais do seu objeto de estudo, o qual lentamente se afasta e se desfaz. Sua decepção se forma, assim, ao imaginar que o seu tema de pesquisa, as comunidades nativas, estão desaparecendo; sentimentos melancólicos que se estendem, da mesma forma, às cidades americanas compreendidas na falta de referenciais históricos e preocupações com a manutenção do presente. O vínculo estabelecido entre as experiências de campo e os ressentimentos do antropólogo, trazido pelas suas construções narrativas, me remete ao conceito de *reatualização* da memória, discutido por Jacy Seixas. No ato da memória de conciliar as temporalidades, ou melhor, de *atualizar* o passado plural, múltiplo e desconexo no presente, que identifico os processos de elaboração das imagens de São Paulo, presentes em *Tristes Trópicos*, mas também em outras produções do antropólogo. As memórias das vivências na capital paulista que aparecem e desaparecem ao autor, de forma lacunar e descontínua, *se atualizam* no presente – no “lampejo brusco” em que ressurgem – ao mesmo tempo em que se integram e se sobrepõem às suas inquietações e questionamentos presentes no tempo da escrita. Estas imagens fragmentadas de São Paulo se completam e se preenchem com as reflexões do autor, como mostrei no decorrer do capítulo de *Tristes Trópicos*. A partir do cruzamento das suas opiniões e julgamentos críticos com descrições da cidade assim como da utilização de metáforas e comparações imagéticas com outros espaços urbanos visitados, Lévi-Strauss enfatiza suas percepções de São Paulo e sobretudo, atribui ao seu desenvolvimento um tom negativo. Compreendo, portanto, que suas imagens se constroem menos com referências e indícios das suas vivências na cidade do que com reflexões filosóficas, antropológicas e pessoais do autor.

Tais processos de construção das imagens de São Paulo, distanciadas das experiências na capital paulista, conforme reiterei, se apresentam nas produções fotográficas. No entanto, as visões críticas e negativas associadas à cidade paulista no livro de relato de viagem, se suavizam nas legendas e na introdução de *Saudades do Brasil* e *Saudades de São Paulo*. São obras em que o autor prefere deslocar seu olhar para mostrar a organização e composição de

²⁰⁰ Retiro o trecho acima do manuscrito da entrevista feita à Georges Charbonnier, onde Lévi-Strauss fez correções e modificou a ordem das suas respostas, que posteriormente seriam organizadas para a publicação. Tomo como referência para a citação, as correções do antropólogo. Essa documentação se encontra no dossiê NAF 28150 (85) – “Radio et télévision” do Fundo Cl. Lévi-Strauss da Biblioteca Nacional da França.

uma cidade, a qual, provavelmente, não existe mais como Lévi-Strauss a conheceu, na década de 1930.

Novos sentidos às velhas imagens: os registros fotográficos de São Paulo

Tanto *Saudades do Brasil* quanto *Saudades de São Paulo* datam da década de 1990 e são produções encomendas ao autor. Lembra na entrevista à Véronique Moraigue (2004), que a primeira obra somente foi elaborada, “porque as pessoas à minha volta insistiram muito”, assim, sua execução ficou a cargo do “editor [que] escolheu pouco menos de duzentos negativos entre tanto outros”.²⁰¹ O livro, especificamente, com as fotografias de São Paulo, por sua vez, surgiu a partir do pedido da editora Companhia das Letras, que no processo de tradução de *Saudades do Brasil*, descobriu que além dos negativos da capital paulista a serem divulgados na presente obra, existiam ainda “fotos inéditas” da cidade, as quais desejavam reproduzir.²⁰² Das negociações para a publicação das fotografias de São Paulo, levantou-se a sugestão de um livro apenas com os registros imagéticos da cidade, onde Lévi-Strauss escreveria o prefácio e as legendas das imagens.²⁰³ Novamente, o antropólogo se encontra compelido a confrontar-se com as lembranças do Brasil e de São Paulo para elaboração das suas obras. Se escrever *Tristes Trópicos* se apresentava como um desafio ao autor distanciado algumas décadas das experiências que relatava, voltar-se para as fotografias de pessoas e lugares não reencontrados – com exceção da visita oficial de cinco dias à São Paulo e Brasília, acompanhando o presidente francês François Mitterrand, em 1985²⁰⁴ – há quase sessenta anos, lhe parecia um trabalho ainda mais árduo.

A passagem dos anos constituiu a distância que separa o antropólogo das viagens exploratórias pelo Brasil, mas também se torna decisiva para aperfeiçoar as reflexões expostas em *Tristes Trópicos* sobre a fugacidade e rapidez das transformações sociais. O crescimento das populações, a demolição e criação de cidades, e os avanços tecnológicos entristeciam o antropólogo, que reconhecia neles a aceleração das mudanças sociais assim como a diminuição da diversidade cultural. As decepções com o mundo contemporâneo e com os princípios, valores e dispositivos modernos, dos quais se sentia incapaz de comentar e entender, são construções frequentes nas suas entrevistas, que datam das décadas de 1990 e

²⁰¹ LÉVI-STRAUSS, Claude. **Longe do Brasil**. Tradução Jorge Villela. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 49

²⁰² Correspondência de Luiz Schwartz, editor e fundador da Companhia das Letras, à Claude Lévi-Strauss, em 18 de novembro de 1994, encontrada no dossiê NAF 28150 (228) – “Contrat et correspondance éditeur : Saudades de São Paulo” do Fundo Cl. Lévi-Strauss da Biblioteca Nacional da França.

²⁰³ Informações retiradas das correspondências entre C. Lévi-Strauss e a editora Companhia das Letras, de 1994 a 1995, depositadas no dossiê da Biblioteca Nacional da França, citado na nota anterior.

²⁰⁴ WILCKEN, Patrice. **Claude Lévi-Strauss: o poeta no laboratório**, p. 319

2000. Para demonstrar como Lévi-Strauss se manifestava acerca dessas questões, trago um fragmento da sua entrevista à Charles Illouz e Laurent Vidal (1998), onde os professores o questionam se o crescimento demográfico, visto como “incontrolável”, poderia conduzir a conclusões apocalípticas. Nas suas palavras:

Oui, mais enfin “apocalyptique” je veux bien, mais apocalyptiques pour moi en tant qu’individu, peut-être pour d’autres personnes de ma génération, parce que ça signifie l’apparition ou le développement d’un monde qui n’a plus de rapport avec celui dans lequel nous sommes nés, nous avons vécu, nous été élevés. Je ne cache pas du tout que pour moi, l’événement, la chose la plus marquante pour moi à la fin de ma vie, c’est de me dire que je suis entré dans la vie active, au moment de l’agrégation, disons du premier poste autour de 1930, quand il y avait deux milliards d’hommes sur la terre, et qu’il y en a six milliards aujourd’hui. Et bien ça me paraît encore quelque chose d’inconcevable, de monstrueux. Alors il ne s’agit pas de l’avènement, ni de vision eschatologique, il s’agit du passé, il s’agit d’aujourd’hui.²⁰⁵

Ao trecho acima também acrescentaria as respostas dadas nas entrevistas de Paulo Moreira Leite (1983)²⁰⁶ e de Véronique Morigne (2004)²⁰⁷, que expõem ideias semelhantes: a dificuldade em compreender o mundo atual diferente daquele que viveu no passado. Conforme reforça, nasceu, cresceu e se formou intelectualmente numa sociedade com dois bilhões de integrantes, portanto, ao seu ver, com outras formas de agir e pensar. Coloca-se, então, distante dos “novos” processos culturais e urbanos bem como dos dispositivos sociais, e prefere se abster de analisa-los – talvez, pelo próprio cansaço físico e intelectual. Somado as visões críticas quanto aos avanços da sua civilização, Lévi-Strauss ainda lamenta, nessas entrevistas e nas obras de fotografias, as transformações que ocorreram às sociedades e cidades estudadas no passado.

O antropólogo convencido das mudanças negativas vindas com a passagem do tempo, projeta nas experiências passadas sentimentos nostálgicos. Dessa forma, deposita nas lembranças passadas e no seu próprio passado – que como atenta Seixas, é sempre plural e descontínuo – seu elo com o mundo, entendido no presente, contudo, como remoto,

²⁰⁵ ILLOUZ, Charles; VIDAL, Laurent. Le Brésil et les Sciences Humaines: Passé-Présent. Entretien avec Claude Lévi-Strauss. **Cahiers Des Amériques Latines**, Paris, n. 28/29, 1998, p. 99

²⁰⁶ LEITE, Paulo Moreira. Um futuro de sombras. **Veja**, São Paulo, 21 dez. 1983, p. 5

²⁰⁷ LÉVI-STRAUSS, Claude. **Longe do Brasil**. Tradução Jorge Villela. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p.57

inacessível e incompreensível. São reflexões que guiam os percursos narrativos de *Saudades do Brasil* e *Saudades de São Paulo*, inclusive a montagem das imagens produzidas na década de 1930. Lévi-Strauss recupera com as fotografias dos livros, lugares e paisagens “irreconhecíveis” atualmente e que “sob muitos aspectos, simplesmente não existem mais”²⁰⁸, ao mesmo tempo em que as organiza em estreito diálogo com as construções imagéticas já apresentadas em *Tristes Trópicos*. Assim, de um lado, as imagens das sociedades indígenas retratam seus costumes, hábitos e estruturas sociais, descritos desde o livro de relatos, como propensos a desaparecer e, do outro, as fotos de São Paulo tiradas descontraidamente pela cidade ganham um significado: ressaltar as discrepâncias sociais, espaciais e arquitetônicas. Suas produções imagéticas de São Paulo vêm, portanto, para sintetizar frases como a da introdução de *Saudades de São Paulo*:

Mas, justamente, não era preciso pedir à cidade outros objetos de contemplação e de reflexão senão ela mesma: imensa desordem em que se misturavam numa confusão aparente de igrejas e prédios públicos da época colonial, casebres e edifícios do século XIX e outros, contemporâneos, cuja raça mais vigorosa tomava progressivamente a dianteira.²⁰⁹

As visões apresentadas no prefácio e na introdução das obras da década de 1990 estruturam a forma como Lévi-Strauss organiza as fotografias a fim de explicitarem aos leitores seus sentimentos nostálgicos e suas impressões melancólicas. Em *Saudades do Brasil*, cuja maioria das fotos representa as tribos indígenas brasileiras, o antropólogo se apropria no prefácio, de fatos históricos, dados estatísticos e lembranças das expedições à campo para reafirmar as ideias de que as populações nativas desapareciam no decorrer dos anos. Descreve, por exemplo, a situação dos Nambikwara “dizimados por epidemias de sarampo em 1945 e depois em 1975” e que, na época em que escreve o livro, “levam uma vida precária junto a missões protestantes e postos indigenistas, ou então amparados à beira de uma estrada onde circulam caminhões; ou ainda nos arredores da cidade de 60 mil habitantes (dado de dez anos atrás, deve ter aumentado desde então)”.²¹⁰ As tragédias acometidas aos Nambikwara, ocorreram também com as populações indígenas do Amazonas, que foram, no entanto, completamente, destruídas pelos espanhóis e portugueses durante a colonização. Lévi-Strauss lembra também dos Caduveo e Bororo que, do mesmo modo, sucumbiam lentamente em razão de doenças e investidas bélicas dos governos nacionais. A longa descrição na

²⁰⁸ LÉVI-STRAUSS, Claude. *Saudades do Brasil*, p. 9

²⁰⁹ LÉVI-STRAUSS, Claude. *Saudades de São Paulo*, p. 17

²¹⁰ LÉVI-STRAUSS, Claude. *Saudades do Brasil*, p. 10

introdução, onde aponta as perdas e desgastes sofridos pelas comunidades indígenas, lhe serve, da mesma forma, para questionar as suas imagens: “Como minhas velhas fotografias não inspirariam um sentimento de vazio e de tristeza?” e completa:

Elas me dão a certeza aguda de que esse segundo despojamento [causado pelo desenvolvimento das comunicações e a explosão demográfica] será definitivo, pelo contraste entre um passado que tive ainda a felicidade de conhecer e um presente do qual me chegam testemunhos dolorosos, enviados por correspondências às vezes desconhecidos.²¹¹

Se as populações nativas inscritas fora do nosso sistema econômico, social e cultural, sofriam, frequentemente, as consequências locais do progresso científico e técnico, o que pensar, conforme se questiona, das cidades imersas e inertes a esses processos. As preocupações com as mudanças culturais se estendiam também aos espaços urbanos, ao notar que em curtos períodos temporais, era possível observar diversas transformações nas cidades como alterações na paisagem e no traçado urbano, aumento populacional e construções de novos edifícios, residências e bairros. Entretanto, em São Paulo, particularmente, tais mudanças o chocavam pelo ritmo acelerado e “brutal” que aconteceram numa distância de meio século que separa a sua vivência na capital paulista e a visita em 1985. A cidade paulista, como lembra, se apresentava “já em plena mutação quando eu morava lá, as mudanças se produziam a um ritmo acelerado. De 35 mil habitantes por volta de 1890, a cidade passa a 340 mil em 1910, atinge o milhão por volta de 1930, onze ou doze vezes mais no presente”.²¹² A fim de demonstrar essas transformações observadas na cidade, Lévi-Strauss ainda acrescenta, tanto em *Saudades do Brasil* quanto em *Saudades de São Paulo*, descrições da capital paulista, que, assim como em *Tristes Trópicos*, apontavam nomes de ruas, bairros e lugares sobrepostos as suas impressões e críticas.

As imagens de São Paulo se apresentam, nessas obras, a partir de contrastes: entre edifícios de épocas diferentes; da região central composta por comércios e negócios com terrenos baldios, áreas de pastoreio e “ravinas ainda entregues à natureza”²¹³; e por fim, da sobreposição de bairros com residências luxuosas e de alto padrão, e outros que se constituíam de casas populares e ruas de aspectos interioranos. Essas descrições da cidade compõem as introduções das obras fotográficas, ao mesmo tempo em que auxiliam o narrador

²¹¹ Idem, p. 16-17

²¹² Idem, p. 19-20

²¹³ Idem, p. 20

a imprimir nas fotografias, apresentadas logo na sequência, seus sentimentos nostálgicos e visões críticas quanto ao desenvolvimento de São Paulo.²¹⁴ Os textos introdutórios e as legendas não são os únicos instrumentos que utiliza para reforçar seus posicionamentos, a organização das fotos permite, do mesmo modo, à Lévi-Strauss amparar e principalmente, consolidar seu argumento de que, durante sua estadia na capital paulista, a cidade se transformava diariamente e a tal velocidade, que hoje, suas imagens reproduzem poucas referências daquilo que era nos anos 1930. Este trabalho, minucioso, do antropólogo em reconstruir nas fotos de São Paulo suas visões, identifico em dois documentos presentes no seu acervo na Biblioteca Nacional da França. O primeiro corresponde a carta enviada a Luiz Schwartz, datada do dia 24 de abril de 1995, onde Lévi-Strauss explica que não se responsabilizaria pela descrição nem identificação das fotografias selecionada para a publicação de *Saudades de São Paulo*, uma vez que Ricardo Mendes, profissional da prefeitura, já realizava tal procedimento. No entanto, ressalta que as “repartiu em vários grupos, cada um introduzido por um comentário geral”, organização que, ao seu ver, complementaria as contribuições vindas de Mendes.²¹⁵

Por sua vez, o segundo documento, o qual se relaciona com as informações da carta, corresponde aos rascunhos do antropólogo, que além de conterem anotações das legendas das fotos, mostram como as organizaria para compor o livro. Assim, em linhas gerais, Lévi-Strauss monta a seguinte organização: “Foto 1: Prédio Martinelli; Fotos 2-4: “les ravins” (ravinas), que corresponde as imagens do Vale do Itororó; Fotos 5-11: “le long de l’av. São João”, são as imagens tiradas ao longo da avenida São João; Fotos 12-14: avenida São João no pôr do sol; Fotos 15-18: o carnaval; Foto 19: “395 rua Cincinato Braga”, representa a localização da sua residência em São Paulo; Fotos 20-23: “quartier paisible” (bairro tranquilo/calmo/sereno), vulgo o bairro da Bela Vila, onde morava; Fotos 24-25: imóvel Columbus; Fotos 26-28: “vers quartiers villageois”, imagens que representam a região em torno da Praça Carlos Gomes, em direção à avenida Paulista; Foto 29: “Av. B. Luis Antônio”; Fotos 30-33: região do Viaduto do Chá, visto a partir do Hotel Esplanada; Foto 34: rua Anhangabaú; Fotos 35-36: “tramway aux vaches”, são as imagens tiradas da rua da Liberdade, que retratam a cena de um homem conduzindo uma boiada; Foto 37: “quartier

²¹⁴ Cabe pontuar que as nove fotografias da capital paulista presentes em *Saudades do Brasil* são reutilizadas na obra posterior, que ainda inclui outras imagens da cidade, de Santos e dos intelectuais próximos do seu convívio, como Mário de Andrade, Paulo Duarte e os professores e alunos da USP.

²¹⁵ Correspondência de Claude Lévi-Strauss à Luiz Schwartz, 24 de abril de 1995, encontrada no dossiê NAF 28150 (228) – “Contrat et correspondance éditeur : Saudades de São Paulo” do Fundo Cl. Lévi-Strauss da Biblioteca Nacional da França.

délabrés” (bairro degradado/ em mau estado), região em torno da rua Santana do Parnaíba, em direção ao centro; Fotos 38-40: “Panorama aux palmiers”, fotos panorâmicas do Vale do Itororó; Foto 41: cemitério do Araçá; Fotos 42-43: cartazes de terrenos à venda; e Fotos 44-46: “affiches”, vulgo os cartazes de propaganda de algodão, da campanha de Luiz Carlos Prestes e da imigração japonesa.²¹⁶

A organização elaborada nos rascunhos se mantém para a publicação de *Saudades de São Paulo*, salvo algumas pequenas mudanças, tais quais, as fotos do edifício Columbus aparecem após a sequência “Panorama aux palmiers”, fotos 38-40, e a imagem do cemitério do Araçá é excluída do livro. Na montagem de Lévi-Strauss, percebe-se seus esforços em salientar os contrastes da cidade, seja dos edifícios, seja das regiões; os enfatiza, por exemplo, quando apresenta imagens de terrenos com poucas construções, casas baixas e quintais com plantações (fotos 2-4), e em seguida, mostra lugares modernos e repletos de edifícios, bondes, carros e transeuntes (fotos 5-11, da avenida São João). Apresento outra sequência do livro, em que ressalta as diversidades encontradas na cidade por meio da montagem de imagens que retratam o Vale do Anhangabaú e os edifícios que o circundam (Teatro Municipal, edifício Alexander Mackenzie e as sedes da empresa Light and Power e do Mappin Stores), em seguida o “centro novo”, localizado logo atrás do Vale, onde identifica-se o Teatro Sant’Anna; continua, então, pela região central, com a foto da rua do Anhangabaú, onde capta uma reforma no calçamento da rua e casas comerciais, no seu entorno; e por fim, na seção seguinte, Lévi-Strauss apresenta, logo de início, a imagem da rua Liberdade, que registra um homem à cavalo guiando uma boiada, e ao lado, tem-se um bonde cheio de passageiros. À seguir, reproduzo essas fotos:

²¹⁶ Dossiê NAF 28150 (62) – “Saudades de São Paulo” do Fundo Cl. Lévi-Strauss da Biblioteca Nacional da França



(Foto: Panorama do Vale do Anhangabaú. Fonte: Coleção Claude Lévi-Strauss do Instituto Moreira Salles. Disponível em: <http://www.ims.com.br/ims/artista/colecao/claude-levi-strauss/obra/1991>)



(Foto: Edifícios Alexandre Mackenzie, Mappin Stores e Teatro Municipal. Fonte: Coleção Claude Lévi-Strauss. Disponível em: <http://www.ims.com.br/ims/artista/colecao/claude-levi-strauss/obra/1992>)



(Foto: O “centro novo”, visto a partir do Hotel Esplanada, onde aparece o Teatro Sant’Anna na rua 24 de maio.

Coleção Claude Lévi-Strauss do Instituto Moreira Salles. Disponível em:

<http://www.ims.com.br/ims/artista/colecao/claude-levi-strauss/obra/1993>)



Foto: Rua do Anhangabaú, “ao fundo, vê-se parte do edifício Alexandre Mackenzie e, à direita, o Hotel Esplanada”.²¹⁷ Coleção Claude Lévi-Strauss do Instituto Moreira Salles. Disponível em: <http://www.ims.com.br/ims/artista/colecao/claude-levi-strauss/obra/5085>).

²¹⁷ Descrições retiradas das legendas de *Saudades de São Paulo*, feita por Ricardo Mendes. (p. 104)



(Foto: Rua da Liberdade. Fonte: Coleção Claude Lévi-Strauss do Instituto Moreira Salle. Disponível em: <http://www.ims.com.br/ims/artista/colecao/claude-levi-strauss/obra/1994>)

O que me parece interessante nessas imagens de São Paulo é como o antropólogo transforma as fotografias descontínuas, tiradas ao acaso e nas horas de lazer e descontração pela cidade, em recursos interpretativos a fim de confirmar suas análises e conjecturas acerca da sua civilização. Suas fotos, longe de revelarem informações, curiosidades e descobertas urbanas, trazem imagens de uma cidade em desenvolvimento, onde no centro é possível identificar edifícios mais recentes e altos, enquanto pelos bairros observa-se terrenos ainda em construção e ruas pouco movimentadas. São representações, aliás, que não destoam de outras imagens produzidas no período, poderia citar, por exemplo, os textos de Mário de Andrade, cujas construções imagéticas salientavam, do mesmo modo, contrastes sociais e urbanos, e bairros modernos e outros com aspectos “provinciais”. No entanto, ao contrário do literato paulista que, provavelmente, reconhecia nesses processos os movimentos de uma cidade em desenvolvimento, Claude Lévi-Strauss os transforma em argumentos para ancorar os seus posicionamentos e críticas. Identifico nessas ações do antropólogo suas relações com a cidade de São Paulo, construídas de forma pouco afetuosas e sentimentais.

Desde sua estadia, Lévi-Strauss acompanha a cidade “de longe”, com um olhar externo, que busca recursos e referências para a compreender. Recorreu, assim, à mapas para se guiar, à conceitos sociológicos, formulados a partir da análise do desenvolvimento de Chicago, cidade da América, para entender o que ocorria em São Paulo, e à fotos para recordá-la. Apesar dessas iniciativas, o antropólogo não ultrapassa as barreiras impostas entre

o observador exterior e a cidade, cujos movimentos e transformações o antropólogo, quando chega ao país, desconhecia ou não possuía ainda ferramentas/conceitos/olhares para captá-los. Aporta no Brasil com modelos de cidades, estruturas de pensamentos e visões de mundo ancorados nos referenciais europeus, inclusive nas percepções do Velho Mundo sobre o que era os trópicos. Com as vivências e contatos em São Paulo, essas visões são confrontadas, refeitas e reelaboradas, constantemente, e antes de lhe suscitarem reflexões melancólicas ou tristes, manifestam choques culturais e indagações sobre os processos observados. Esses embates culturais, longe de aproximá-lo da cidade, o recolocam no seu lugar – europeu, estrangeiro – e mantém, portanto, sua distância de São Paulo.

O olhar distanciado de Lévi-Strauss em relação à capital paulista se intensifica com a passagem do tempo e se sedimenta, na forma, de memórias lacunares e incompletas das experiências nos trópicos. São relações fugazes e superficiais com a cidade que se constroem na sua memória e no momento da escrita dos seus textos, quando é compelido à lembrá-las, elas se completam e se *atualizam*, portanto, com as preocupações e olhares presentes, como demonstrei ao longo do capítulo com as análises de *Tristes Trópicos* e das fotografias publicadas em *Saudades do Brasil* e *Saudades de São Paulo*. Compreendo, assim, que as imagens de São Paulo apresentadas nessas obras, evidenciam tanto as relações, encontros e desencontros de Lévi-Strauss com a cidade quanto as reflexões e questionamentos do antropólogo despertados pelo encontro com culturas, civilizações e cidades diferentes da sua.

Considerações Finais

No decorrer da dissertação, percorri dois caminhos, um oferecido pelas imagens de Mário de Andrade, e outro proposto pelas construções imagéticas de Claude Lévi-Strauss. Para representar as imagens do literato paulista, segui um percurso guiado pelas leituras da filósofa Anne Cauquelin que me possibilitaram acompanhar a formação dos seus olhares ou ainda, dos seus filtros conceituais com quais observa e apreende a cidade. São camadas sobrepostas de conhecimentos, aprendizados, experiências, leituras e “opiniões”, que além de o auxiliarem nos seus caminhos diários – a reconhecer-se no espaço-, o preparam para perceber diferentes estímulos, impulsos e ações urbanas. Essas formas com as quais apreende a capital paulista em consonância com os usos, práticas e vivências do literato, lhe trazem uma abordagem mais íntima, próxima e afetiva do espaço urbano. Tais relações se manifestam, por exemplo, nas suas narrativas, onde se apoia em determinados locais, situações urbanas ou práticas dos habitantes paulistas para construir enredo e personagens verossimilhantes. Acompanhei esse processo criativo de Mário de Andrade, em *Contos Novos*, obra póstuma, onde trabalha o drama das personagens, o carregador de malas da Estação da Luz e a professora de francês, num jogo de proibições/satisfações, desejos/impossibilidades e caminhos cotidianos/esporádicos despertados e incitados pela cidade. Esses olhares “instruídos” do autor para encontrar na cidade, lugares e situações que se encaixam nas narrativas propostas, aparecem nos contos e nas crônicas, que tratam, especificamente, de imigrantes e habitantes dos bairros operários do Brás e da Lapa. A “escolha” por retratar esses grupos sociais de São Paulo se encontra com o momento de produção das suas obras, os anos 1920 e os projetos identitários nacionais, além de dialogar com outros discursos políticos, propostas urbanísticas e textos literários e/ou jornalísticos.

As imagens de Claude Lévi-Strauss, por sua vez, me levaram às análises sobre memórias, onde busquei conceitos para compreender a distância temporal que envolve a escrita das suas obras e as experiências no Brasil. A partir dos fundamentos das memórias, discutidos por Jacy Seixas, sinalizei que as representações de São Paulo, trazidas em *Tristes Trópicos*, *Saudades do Brasil* e *Saudades de São Paulo*, se constroem por meio de lembranças difusas, descontínuas e fragmentadas na cidade, que se sobrepõem, no momento da escrita, a questionamentos, reflexões melancólicas e críticas. Suas imagens da capital paulista retomadas e reelaboradas a partir das preocupações do antropólogo frente o futuro das sociedades indígenas, os avanços e destruições da sua civilização e as transformações culturais, me revelam, então, uma cidade que crescia desordenadamente, era repleta de

contrastes sociais e arquitetônicos e ainda não conservava os vestígios do passado. Construções imagéticas de São Paulo que se apresentam, assim, tanto nas produções escritas e nas entrevistas quanto nas fotografias tiradas na década de 1930, as quais foram reorganizadas nas obras fotográficas, de modo a repercutirem seus posicionamentos presentes.

Os processos desenvolvidos pelo antropólogo para a elaboração das suas imagens de São Paulo assim como os materiais guardados da estadia no Brasil, me permitem ainda sugerir que seus contatos com a cidade se estabeleciam a partir de referenciais externos; dito de outro modo, recorre à conceitos, mapas e anotações para se orientar e compreender as dinâmicas da capital paulista tão diferentes das cidades do Velho Mundo. Lévi-Strauss enxerga em São Paulo apenas movimentos e manifestações gerais, como o contraste de edifícios de épocas diferentes, regiões centrais com comércios se contrapondo à bairros tranquilos e residenciais, e ritmos de crescimento urbano distintos. Ao contrário do literato paulista que percebe e reconhece hábitos, costumes, detalhes e nuances da sua cidade, o antropólogo direciona seu olhar para perceber elementos os quais têm conceitos/ferramentas para compreender. Apesar das imagens apresentadas por Lévi-Strauss não destoarem de outras produções do período, inclusive as de Mário de Andrade, já que ambos tratam dos mesmos signos urbanos, me parece interessante ressaltar como cada escritor observou a cidade a partir dos filtros conceituais, trajetórias pessoais e profissionais, e preocupações intelectuais.

Mário de Andrade era engajado com as discussões e os debates políticos, artísticos e culturais que atravessavam as décadas de 1920 e 1930, desse modo, suas narrativas contribuíram, reforçaram e recuperaram direta e indiretamente, os interesses, as vontades e as iniciativas dos grupos intelectuais paulistas em formar e educar as classes populares. Seus textos literários dão suporte à essas questões, na medida em que reconstróem, detalhadamente, costumes, falas e práticas cotidianas e de lazer dos habitantes paulistas, ao mesmo tempo que se apropriam de pontos da cidade, bairros e eventos comuns à população. Por outro lado, Lévi-Strauss preocupado com problemas que tangenciam mudanças culturais, diferenças temporais bem como avanços e desaparecimentos de sociedades, encaixa, portanto, as lembranças descontínuas e fragmentadas de uma cidade em desenvolvimento para reforçar suas reflexões melancólicas. Encontro nessas construções dos dois autores mais um ponto de diálogo entre suas imagens: o entrelaçamento com as preocupações e interesses intelectuais. Se delimitei na introdução pontos de intersecção e afastamento das suas representações, seja pelo encontro dos escritores em São Paulo e pelos temas similares tratados nas produções,

seja pelas singularidades das obras e trajetórias pessoais, concludo, então, sugerindo que o diálogo das construções imagéticas de Mário de Andrade e Claude Lévi-Strauss oferecem ainda inúmeras possibilidades para acompanhar o quanto o nosso olhar é dotado de conceitos, noções, referências, emoções e relações que permeiam as observações do mundo a nossa volta, tornando-o, assim, único e ao mesmo tempo, comum e plural.

Referência Bibliográfica

Acervos consultados

- no Brasil:

Acervo Paulo Duarte (CEDAE-Unicamp);

Arquivo Histórico de São Paulo – documentação sobre o Departamento de Cultura;

Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP) – documentações sobre Mário de Andrade;

“Núcleo de Documentação e Pesquisa - Fundação de Energia e Saneamento (Eletropaulo-SP);

- na França:

Archives Diplomatiques de la Courneuve ;

Archives Paul Rivet du Muséum national d’histoire naturelle ;

“Bibliothèque Claude Lévi-Strauss” do Laboratoire d’Anthropologie Sociale ;

“Fonds Cl. Lévi-Strauss” da Bibliothèque Nationale de France ;

Musée du Quai Branly;

Fontes de pesquisa:

ANDRADE, Mário de. **Os contos de Belazarte**. São Paulo: Martins; Brasília: Instituto Nacional do Livro (INL), 1972

_____. **Taxi e Crônicas no Diário Nacional**. São Paulo: Duas Cidades, Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

_____. **Entrevistas e depoimentos**. Edição organizada por Telê Ancona Lopez. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983

_____. **Contos Novos**. Rio de Janeiro: Ed. Itatiaia, 1999

_____. **Os Filhos de Candinha**. Rio de Janeiro: Agir, 2008

CHARBONNIER, Georges. **Entretiens avec Claude Lévi-Strauss**. Paris: Julliard e Librairie Plon, 1969

ILLOUZ, Charles; VIDAL, Laurent. Le Brésil et les Sciences Humaines: Passé-Présent. Entretien avec Claude Lévi-Strauss. **Cahiers Des Amériques Latines**, Paris, n. 28/29, p.95-100, 1998

LEITE, Paulo Moreira. Um futuro de sombras. **Veja**, São Paulo, p. 5-8, 21 dez. 1983

LÉVI-STRAUSS, Claude. L'Express va plus loin avec Claude Lévi-Strauss. **L'Express**, Paris, p. 136-149, 15-21 março de 1971

_____. "Ce que je suis". Entretien avec Jean-Paul Enthoven et André Burguière. **Le Nouvel observateur**, Paris, n. 816, p. 14-18, 28 de junho de 1980

_____. Nova Iorque pós e pré-figurativa. In: LÉVI-STRAUSS, Claude. **O Olhar Distanciado**. Lisboa: Edições 70, 1986

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Saudades do Brasil**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1994

_____. **Tristes Trópicos**. trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1996

_____. **Saudades de São Paulo**. Trad. Paulo Neves e organização de Ricardo Mendes. São Paulo: Companhia das Letras, 1996

_____. Le Coucher de Soleil: Entretien avec Boris Wiseman. **Le Temps Modernes**, Paris, n. 628, p.2-18, Agosto-outubro de 2004

_____. **Longe do Brasil**. Tradução Jorge Villela. São Paulo: Editora Unesp, 2011

LÉVI-STRAUSS, Claude e ERIBON, Didier. **De perto e de longe**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990

MOISÉS, Beatriz Perrone. Entrevista: Claude Lévi-Strauss, aos 90. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 42, n. 12, p.9-23, 1999

Referência:

A administração de Fábio Prado na prefeitura de São Paulo, através de entrevista concedida ao "O Estado de São Paulo. São Paulo: Coleção do Departamento Municipal de Cultura, 1936

ABDANUR, Elizabeth Franca. **Os "ilustrados" e a política cultural em São Paulo: o Departamento de Cultura na gestão Mário de Andrade (1935-1938)**. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, 1992

ALMEIDA, Guilherme de. **Cosmópolis (São Paulo/29)**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1962

_____. **Pela cidade**, seguido de, Meu roteiro Sentimental da cidade de S. Paulo. Edição preparada por Frederico Ozaram Pessoa de Barros. São Paulo: Martins Fontes, 2004

ANHAIA MELLO, Luiz de. O problema psicologico. Bases de uma campanha pratica e efficiente em prol de São Paulo maior e melhor, In: ANHAIA MELLO, Luiz de. **Problemas de urbanismo. Bases para a resolução do problema tecnico**. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, Boletim do Instituto de Engenharia de São Paulo, 1929.p. 13-26

ARGAN, Giulio C. **História da Arte como História da Cidade**. Tradução Pier Luigi Cabra. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BARBATO Jr., Roberto. **Missionários de uma utopia nacional-popular: os intelectuais e o Departamento de Cultura de São Paulo**. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2004

BASTILE, Roger. **Poetas do Brasil**. Edusp/ Duas Cidades, São Paulo, 1997

BENJAMIN, Walter. A Infância em Berlim por volta de 1900. In: BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única. Obras Escolhidas II**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo. Editora Brasiliense, 1994, pp. 71-142.

_____. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. Obras escolhidas III**. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 103-149

BRESCIANI, M. Stella. As sete portas da cidade. In: **Espaços & Debates**, São Paulo: NERU, n. 34, 1991, p. 10-15

_____. Permanências e rupturas no estudo das cidades. In: **Cidade & História: Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**, São Paulo: v. 2, n. 1, 1993, p. 11-26

_____. Imagens de São Paulo: Estética e cidadania. In: **Encontros com a História: percursos históricos e historiográficos de São Paulo**. A. Celso Ferreira, Tania Regina de Luca e Zilda G. Iokoi org. São Paulo: Editora UNESP, 1999, p. 11-45

_____. Identidades inconclusas no Brasil do século XX – Fundamentos de um lugarcomum. In: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (orgs.). **Memória e (re)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001, p. 403-429

_____. O literato, o cronista e o urbanista. Imagens de São Paulo nos anos 1910-1920. In: **Escrita, linguagem, objetos: leituras de história cultural**. Sandra Jatahy Pesavento (org.). Bauru, SP: EDUSC, 2004, p. 115-145

_____. Reconhecer-se no “Outro”. A alteridade como espelho da semelhança. In: (org.) NAXARA, Márcia R. C.; MARSON, Izabel A.; e BREPOHL, Marion. **Figurações do outro na história**. Uberlândia: EDUFU, 2009, p. 97-122

_____. Estudo da trajetória profissional do engenheiro-arquiteto Luiz I. R. de Anhaia Mello. SALGADO, Ivone; BERTONI, Angelo (Org.) **Da construção do território ao planejamento das cidades: competências técnicas e saberes profissionais na Europa e nas Américas (1850-1930)**. São Carlos: RiMa, 2010, p. 149-170

_____. As múltiplas linguagens do urbanismo em Luiz de Anhaia Mello: técnica, estética e política. SEIXAS, Jacy; CERASOLI, Josianne; NAXARA, Márcia. (Orgs.) **Tramas do político: linguagens, formas e jogos**. Uberlândia: EDUFU, 2012, p. 147-176

_____. Percursos topográficos e afetivos pela cidade de São Paulo. Memorialistas, viajantes, moradores, literatos e poetas. In: **Cidades do novo mundo**. Fania Fridman (org.). Rio de Janeiro: Garamonde, 2013, p. 107-137

BOMENY, Helena. Infidelidades eletivas: intelectuais e política. In: **Constelação Capanema: intelectuais e política**. Org. Helena Bomeny. Rio de Janeiro: FGV, 2001, p. 11-35

BORGES, Vavy P. e COHEN, Ilka S. A cidade como palco: os movimentos armados de 1924, 1930 e 1932. In: PORTA, Paula (org.). **História da Cidade de São Paulo, v.3: a cidade na primeira metade do Século XX**. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 291-339.

BORIS, Fausto. Imigração e participação política na primeira República: o caso de São Paulo. In: BORIS, F. e al. **Imigração e política em São Paulo**. São Paulo: Sumaré, 1995, p. 7-26.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças dos velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

BUENO, Raquel I. **Belazarte me contou: um estudo de contos de Mário de Andrade**. Dissertação de Mestrado. Defendida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH/USP). São Paulo, 1992.

CAMPOS. Candido Malta. **Os rumos da cidade: urbanismo e modernização em São Paulo**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2002

CARDOSO, Irene de A. R. **A universidade da comunhão paulista**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1982

CARVALHO, Lilian Escorel. **A revista *L'Esprit Nouveau* na formação das idéias estéticas e da poética de Mário de Andrade**. Tese de doutorado em Literatura Brasileira – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP. São Paulo, 2008

CASTRO, Moacir Werneck de. **Mário de Andrade - Exílio do Rio**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989

CASTRO, Ana C. V. de. **A São Paulo de Menotti del Picchia: arquitetura, arte e cidade nas crônicas de um modernista**. São Paulo: Alameda, 2008

CAUQUELIN, Anne. **Essai de philosophie urbaine**. Paris : Presses Universitaires de France, 1982.

_____. **A invenção da Paisagem**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Martins, 2007

CERASOLI, Josianne Francia. **Modernização no plural: obras públicas, tensões sociais e cidadania em São Paulo na passagem do século XIX para o XX**. Tese de doutorado em História – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/Unicamp. Campinas, SP, 2004.

CLARO, Silene Ferreira. **Revista do Arquivo Municipal de São Paulo: um espaço científico e cultural esquecido (proposta inicial e as mudanças na trajetória – 1934-1950)**. Tese de doutorado apresentada ao Programa de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP. São Paulo, 2008

CUNHA, M. W. V. Entrevista com Mário Wagner Vieira da Cunha (Edição final de Fernando Antonio Pinheiro Filho e Sergio Miceli). **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, 2008, v. 20, n. 2, p. 259-301

DEL VECCHIO, Ângelo e DIÉGUEZ, Carla. **As pesquisas sobre o padrão de vida dos trabalhadores da cidade de São Paulo: Horace Davis e Samuel Lowrie, pioneiros da Sociologia aplicada no Brasil**. São Paulo, SP: Editora Sociologia e Política, 2008

DUARTE, Paulo. **Mário de Andrade por ele mesmo**. São Paulo: Edart – São Paulo Livraria. Editora Ltda., 1971

_____. **Paulo Duarte II (depoimento, 1977)**. Rio de Janeiro, CPDOC, 2010.

FARIA, Daniel. **O mito modernista**. Uberlândia: EDUFU, 2006

FREYRE, Gilberto. Prefácio à Primeira Edição. In: FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala: Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil**. 10ª edição. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editôra, 1961, p. XXIX-LX

FLORES Jr. Wilson J. **Modernização pelo avesso – Uma leitura d’Os contos de Belazarte, de Mário de Andrade**. Dissertação de Mestrado em Literatura Brasileira, defendida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH/USP). São Paulo, 2003.

GASPARRI, Isabel. **Mário de Andrade e a literatura surrealista**. Dissertação de Mestrado defendida na Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008

GONÇALVES, João Francisco F. História de um livro, no dizer de seu autor. In: ANDRADE, Mário. **Os Filhos da Candinha**. Rio de Janeiro: Agir, 2008, p. 11-25

GRAFMEYER, Y. e JOSEPH, I. La ville-laboratoire et le milieu urbain. In : **L’École de Chicago. Naissance de l’écologie urbaine**. Textos traduzidos e apresentados por Isaac Joseph e Yves Grafmeyer. Paris: Champs Essais, 2004, p.5-52

HAMBURGUER, Amélia Império, DANTES, M. Amélia, PATY, Michel e PETITJEAN, Patrick. **A ciência nas relações Brasil-França (1850-1950)**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 1996

IMBERT, Claude. **Lévi-Strauss, Le passage du nord-ouest**. Paris : Éditions de L’Herne, 2008

Lapa: evolução histórica. Coordenação de José Antonio Segatto. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, 1988

LIMONGI, Fernando. Mentores e Clientelas da Universidade de São Paulo. In: MICELI, Sérgio. (org.) **História das Ciências Sociais no Brasil**. São Paulo: Editora Sumaré, 2001

LOPEZ, Telê A. **Mário de Andrade: Ramais e Caminho**. São Paulo: Duas Cidades, 1972

_____. Um contista bem contado. In: LOPEZ, Telê A. **Mariodeandradiano**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996

LOWRIE, Samuel. Informações sobre a Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo - memorial apresentado aos senhores deputados. **Revista do Arquivo Municipal**. São Paulo, vol. XV, 1935, p. 99-117

MACHADO, Antônio de Alcântara. **Braz, Bexiga e Barra Funda**. São Paulo: Nova Alexandria, 1995

Mário de Andrade: cartas de trabalho: correspondência com Rodrigo Mello Franco de Andrade, 1936 – 1945. Brasília: Secretária do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: Fundação Pró – Memória, 1981.

Mário de Andrade e a Sociedade de Etnografia e Folclore, no Departamento de Cultura da Prefeitura do município de São Paulo, 1936-1939. Rio de Janeiro: Funarte, Instituto Nacional do Folclore; São Paulo: Secretaria Municipal da Cultura, 1983

MARQUES, Ana Martins. Berlim revisitada ou a cidade da memória: “Infância em Berlim por volta de 1900”. In: **Artefilosofia**, Ouro Preto-MG, n. 6, p. 34-43, abr. 2009. Disponível online em: http://www.raf.ifac.ufop.br/pdf/artefilosofia_06/artefilosofia_06_01_dossie_walter_benjamin_04_ana_martins_marques.pdf.

MARTINIÈRE, Guy. **Aspects de la coopération fanco-brésilienne - Transplantation culturelle et stratégie de la modernité.** Grenoble: Presses universitaires de Grenoble. Paris: Ed. de la Maison des sciences de l'homme, 1982

MASSI, Fernanda. Franceses e Norte-Americanos nas Ciências Sociais Brasileiras (1930-1960). In: MICELI, Sérgio (org.). **História das Ciências Sociais no Brasil.** Vol. I. Vértice: São Paulo, 1995, p. 410-459

MESQUITA FILHO, Júlio de. **A Crise Nacional - reflexões em torno de uma data.** São Paulo: Secção de Obras d'O Estado de S. Paulo, 1925

_____. Universidade, realização da Revolução Democrática. In: MESQUITA Filho, Júlio de. **Política e Cultura.** São Paulo: Martins, 1969

PARK, Robert. La ville. Propositions de recherche sur le comportement humain em milieu urbain. In: **L'École de Chicago. Naissance de l'écologie urbaine.** Textos traduzidos e apresentados por Isaac Joseph e Yves Grafmeyer. Paris: Champs Essais, 2004, p. 83-130

PAULILLO, Maria Célia de Almeida. **Mário de Andrade contista.** Dissertação de mestrado em Literatura Brasileira defendida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH/USP). São Paulo, 1980

_____. Contos da Plenitude. In: ANDRADE, Mário. **Contos Novos.** Rio de Janeiro: Ed. Itatiaia, 1999, p. 9-18.

PRADO, Maria L. C. **A democracia ilustrada (O Partido Democrático de São Paulo, 1926-1934).** São Paulo: Editora Ática, 1986

PRADO, Décio Almeida. Saudades de Lévi-Strauss. In: PRADO, Décio Almeida. **Seres, coisas, lugares : do teatro ao futebol.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 175-180

PEIXOTO, Fernanda Áreas. Lévi-Strauss no Brasil: a formação do etnólogo. **Mana.** Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 79-107, 1998

PETITJEAN, Patrick. Le groupement des universités et grandes écoles de France pour les relations avec L'Amerique latine, et la creation d'instituts à Rio, São Paulo et Buenos Aires (1907/1940). In: **Anais do Segundo Congresso Latino-Americano de História da Ciência e da Tecnologia**, 30 de junho a 4 de julho. São Paulo: Nova Stella, 1989

RABELLO, Ivone D. **A caminho do encontro – Uma leitura de Contos Novos.** São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

RAFFAINI, Patricia Tavares. **Esculpindo a cultura na forma Brasil: o Departamento de Cultura de São Paulo (1935 -1938)**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001

RUBINO, Silvana. Clubes de pesquisadores. A sociedade de Etnologia e Folclore e a Sociedade de Sociologia. In: MICELI, Sérgio. (org.). **História das Ciências Sociais no Brasil**. São Paulo: Editora Sumaré: FAPESP, 1995. Vol. 2

SALONE, R. **Irredutivelmente liberal: política e cultura na trajetória de Júlio de Mesquita Filho**. São Paulo: Albatroz Editora, 2009

SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de (org.). **São Paulo 1934 – 1938. Os anos da Administração Fábio Prado**. São Paulo: USP/ FAU, 1999

SANDRONI, Carlos. Mário, Oneyda, Dina e Claude. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Dossiê Mário de Andrade, nº 30, 2002, p. 233-245

SANTOS, Carlos José Ferreira dos. **Nem tudo era italiano: São Paulo e pobreza, 1890-1915**. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2008

SANTOS, Marcelo B. Pimentel dos. **Viagens de Mário de Andrade: A construção cultural do Brasil**. Tese de doutorado em Ciências Sociais. (Pontífice Universidade Católica de São Paulo). São Paulo, 2012

SEIXAS, Jacy A. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (orgs.) **Memória e (re)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2001, p. 37-58

_____. Os campos (in) elásticos da memória: reflexões sobre a memória. In: (org) SEIXAS, Jacy A.; BRESCIANI, M. Stella e BREPOHL, Marion. **Razão e Paixão na política**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002, p. 59-77

_____. Os tempos da memória: (des)continuidade e projeção. Uma reflexão (in)atual para a história? **Proj. História**, São Paulo, n. 24, jun. 2002, p. 43-63

_____. Tênuas fronteiras de memórias e esquecimentos: a imagem do brasileiro jecamacunaímico. In: GUTIÉRREZ, H.; NAXARA, M.; LOPES, M.A de S. (orgs.). **Fronteiras: paisagens, identidades**. São Paulo: Olho d'Água, 2003, p.161-183

_____. **Brasil, país do futuro – políticas do esquecimento e imagens identitárias da denegação**. Comunicação apresentada no XXVIII Simpósio Nacional de História. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 31 jul. 2015

SCHPUN, Monica. Luzes e sombras da cidade (São Paulo na obra de Mário de Andrade). In: **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 23, n. 46, p. 11-36, 2003

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena M. B e COSTA, Vanda M. R. **Tempos de Capanema**. São Paulo: Paz e Terra: Fundação Getúlio Vargas, 2000

TIMÓTEO, Jhoyce P. **A cidade de São Paulo em “Escala Humana”: Luiz de Anhaia Mello e sua proposta de recreio ativo e organizado**. Dissertação de Mestrado em História (IFCH/Unicamp). Campinas, 2008

VALENTINI, Luisa. **Um laboratório de Antropologia: o encontro entre Mário de Andrade, Dina Dreyfus e Claude Lévi-Strauss (1935-1938)**. Dissertação de mestrado defendida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. São Paulo, 2010

VALLADARES, Lúcia do P. (org.) **A Escola de Chicago: impacto de uma tradição no Brasil e na França**. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: UFMG; IUPERJ, 2005

VARGAS, Getúlio. Rio de Janeiro, julho de 1934. In: **Getúlio Vargas**. Org. Maria Celina D'Araujo. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2011, p.339-347

WILCKEN, Patrick. **Claude Lévi-Strauss: o poeta no laboratório**. trad. Denise Bottman. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011